

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Marina Reidel

**A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO**  
**Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira**

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA: EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

Marina Reidel

**A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO**  
**Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre  
2013

### CIP - Catalogação na Publicação

Reidel, Marina

A pedagogia do Salto Alto: Histórias de professoras Transexuais e travestis na Educação Brasileira / Marina Reidel. -- 2013.  
162 f.

Orientador: Fernando Seffner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Salto Alto. 4. Travestilidade. 5. Transexualidade. I. Seffner, Fernando, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ÁREA: EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

**A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO**  
**Histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira**

Marina Reidel

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marcio Rodrigo Vale Caetano – FURG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Rosimeri Aquino da Silva – UFRGS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Jane Felipe de Souza – UFRGS

Porto Alegre, 23 de agosto de 2013.

## *O Despertar da Cidadã!*

SOU a menina que nasceu ontem em um corpo de menino  
SOU a mulher que finge não ver o que está a minha volta  
SOU aquela que busca a luz na escuridão, sou solidão no meio da multidão.  
SOU o resumo de tantas vidas em minha própria vida.  
SOU simplesmente Eu em teus olhos e coração.

Nasci como menino  
Cresci como um menino em um casulo feminino.  
Corri contra o tempo com botas de soldados armados.  
Combati leões e dragões no tempo que deveria ter observado a primavera da minha idade.  
Foram muitos muros em pontas de facas afiadas.

Menino! Comporte-se como menino!  
Na minha casa macho é macho!  
Homem não chora!  
Mulherzinhas choram!  
Eu já era uma mulher, menina, miúda.

Corri contra o tempo e das pessoas.  
Sofri maus tratos físicos, psicológicos e resisti.  
Não sei se me fortaleci ou não, mas sobrevivi.

Mamãe rezava e me benzia  
Papai batia e humilhava  
Irmãos xingavam e caçoavam.  
Irmãs escravizavam e excluía  
Parentes condenavam, buliam e usavam como queriam.  
Vizinhos entre escárnio e tapas, risos e empurrões me apontavam como estranho.  
Tempos passaram e passei a ser não mais o estranho, mas sim a estranha, a coisa, a vergonha.

Cresci e vi gerações crescerem também.  
Vi mortes, cortes e brechas no sistema social.  
Facei o desabrochar de tantos “Eus” esfacelados.  
Marquei pontos nas esquinas da vida e nas filas dos aflitos.  
Fui no enterro de desconhecidas como eu.  
Proibiram-me de chorar pelos meus.  
Saudades não consigo guardar, nem as feias ou bonitas.  
Lamento os medos e alegrias que me proibiram na vida.  
Cresci com a coragem camuflada no terror.  
Tinha medos, tenho medos, terei medos.  
Durante todo o meu percurso de vida serei uma fugitiva de mim mesma  
Mas me encontrando todas as vezes que me perco, por que sou forte e rocha.

Hoje quem sou?  
Travesti, mulher, sim Senhor!  
Re-visitei minhas entranhas e de lá tirei a minha Alma.

Incomodo?  
Te vasculho?  
Te embriago?  
Te seduzo?  
Te possuo?  
Te espelho?  
Não é o meu problema!

Assim, eu sou!  
Livre como Fênix as duras penas do sistema.

Meu nome?  
Social ou de luta?  
Suzette, Marilyn, ou como queiram me chamar na hora do prazer ou do deboche!  
Social Maria da Penha, Mulher, Cidadã, Brasileira tal qual você.  
Moralista, desarma-se e construa a sua própria vida.  
Como assim construí a minha.  
Você extremista, racista, homofóbico inconformado  
É um ser lamentável.  
Necessito ir, pois a vida continua.  
Não morro sem ver um Brasil que me respeite como travesti plena.  
Boa noite, Bom dia, Boa trajetória de vida.  
Sou travesti, sou o Despertar da Cidadã Brasileira.

Vagner de Almeida

## AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos aos meus *Orisàs*, forças que me remetem ao mundo espiritual, especialmente mãe *Osùn*, dona do meu *Ori* e cabeça que me rege, protege e me guia e Pai *Osàlà*, dono de meu corpo, Pai da sabedoria e dos livros.

Ao professor Fernando Seffner, que conheci em Rio Grande, na Furg, durante um seminário e que, daquela data em diante, criamos laços de amizade e, depois, tivemos trocas de experiências, conhecimento e muito trabalho. Professor Fernando conheceu um pouco do mundo *trans* e eu aprendi muito mais sobre os temas da nossa linha de pesquisa em Educação. Não poderia deixar de lembrar-me do VI Encontro Sudeste de Trans e I Seminário da Rede Trans-Educ em Belo Horizonte onde ele teve que conviver com centenas de transexuais e travestis num Retiro Espiritual Católico. Foi muito maluco tudo...

Também agradeço aos demais professores e professoras que conheci da UFRGS, ao longo deste tempo, como Jane Felipe, Dagmar, Guacira, Rosemeri, Henrique Nardi, Luiz Henrique, Gabriel, além das funcionárias da secretaria, como a Elza e Neuza.

Ao longo destes anos, pude encontrar muitas pessoas amigas, ao mesmo tempo, rever as amigas mais antigas e, com isso, compreendi que amigos e amigas são aqueles que te estendem a mão, um livro, um convite, uma xícara de café ou até mesmo uma mesa de bafos. A todas e todos muito obrigado! Aqui lembro meus colegas das aulas e do grupo de estudo e pesquisa: Alice, Gustavo, Gustavo, Alessandra, Estela, Oscar, Yara, Claudião, Leandro, Gabriela, Michele.

Agradeço às minhas colegas professoras Transexuais e Travestis colaboradoras desta pesquisa, bem como as outras que conheci ao longo deste período. Destaco, aqui, Adriana Lohanna, Adriana Sales, Adryana Souza, Carla Silva, Andréia Cantelli, Brenda Ferrari da Silva, Saionara Nogueira, Paulinha Cardoso, Samantha Brasil, Geanne Greggio e Giulia Geremias.

Aos meus alunos da Escola Rio de Janeiro, Fundarte, Caps e Escola Esperanças, fiéis amigos e todas/os colegas profissionais de educação.

Também agradeço a Marco Antônio, Marco Aurélio Prado, Paula Sandrini, Marcio Caetano, Neil, Tuta Mariano, Erick, Julie Viana (Dinda Jade), Mãe Nicole, Silvia, Maria Célia, Mara, Maria Regina, Anelise, Tiago, Nina, Paola, Celiza, Lélia, Gorete, Angela, Marinês, Fábulo, Marcely, Luisa, Joyce, Clô, Bruna, Jorge, Franco, Tigre, Tonho, Paulinho de Odé, Bob, Keila, Fernanda, Jovanna, Lili, Janaína, Indianara, Agatha e outras travas babadeiras.

Por último, quero agradecer aos meus irmãos e familiares por terem me apoiado mesmo estando ausente em muitos momentos, inclusive durante o nascimento de minha sobrinha-neta Marlise, nascida em maio deste ano. Espero que este esforço sirva de exemplo para os meus sobrinhos e sobrinhas para que não desistam de construir seus sonhos, tornando-os realidade.

Ah, enfim a todas e todos, inclusive quem esqueci, MUITO OBRIGADA!

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa traz uma nova abordagem e novos personagens dentro do contexto educacional. A pedagogia do salto alto é uma nova leitura que traz as histórias de professoras transexuais e travestis atuantes na educação brasileira como personagens que, por muito tempo, ficaram escondidas ou à margem da sociedade. A partir das histórias de vida apresentadas, analiso tópicos importantes e significativos, norteados pelo tema da Educação, transversalizando com outros temas como sexualidade, gênero, violência e preconceito. Também proponho, neste trabalho, apontar alguns caminhos possíveis na busca de uma educação possível, a partir destes novos sujeitos.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia, Salto Alto, Travestilidade, Transexualidade.



## ABSTRACT

The present research provides a new approach and new characters into the educational context. The pedagogy of the high heels is a new point of view that brings the stories of transsexuals and transvestites teachers that work in Brazilian education as characters who had long remained hidden or placed on the margins of society. From these life stories I analyze important and significant topics driven by the theme of education traversed by other issues such as gender, sexuality, violence and prejudice. In this paper, I also suggest to point out some paths that aims a perspective of education possible from these new subjects.

Key-words: Education, Pedagogy, High Heels, Transvestites, Transsexuals.

## Lista de Figuras

Figura 1 Lista de professoras e professores transexuais e travestis encontrados. ....	67
Figura 2: Professoras contatadas para entrevistas. ....	68
Figura 3: Evento de lançamento da carteira de nome social. ....	88
Figura 4: Nove transexuais e travestis tiveram seus pedidos para troca de nome em registro civil protocolados. ....	90
Figura 5: As mulheres comemoraram a entrega das ações judiciais dentro do Foro Central.....	91
Figura 6: Imagem de uma professora <i>trans</i> . ....	100
Figura 7: Imagem de uma professora <i>trans</i> . ....	101

## Sumário

<b>1 COMEÇANDO A EQUILIBRAR O GIZ E O SALTO ALTO: MINHAS IMPRESSÕES .....</b>	<b>11</b>
<b>2 TRANSEXUALIDADE, TRAVESTILIDADE: O QUE É ISSO, AFINAL? MUITAS PERGUNTAS, MUITAS RESPOSTAS .....</b>	<b>18</b>
2.1 TRANSEXUALIDADE .....	18
2.1.1 Questões legais.....	23
2.1.2 Sobre a religião .....	29
2.1.3 A cirurgia.....	33
2.2 E A TRAVESTILIDADE, ENTÃO, O QUE É? .....	34
2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE: TEXTO E CONTEXTO .....	40
<b>3 EDUCAÇÃO, CURRÍCULOS E PEDAGOGIA DO SALTO ALTO .....</b>	<b>43</b>
3.1 NOSSOS KAKAKÁS COMBINAM MAIS COM DIREITOS HUMANOS DO QUE COM BIOLOGIA.....	45
3.2 A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO: QUE PEDAGOGIA É ESSA? .....	48
3.2.1 Quem anda fuxicando sobre nossas histórias?.....	62
<b>4 O OUTRO TROTEAR DE SALTO ALTO: OS CAMINHOS DA METODOLOGIA USADA NESTA PESQUISA.....</b>	<b>67</b>
4.1 QUEM SÃO AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS? .....	70
4.2 SIM! PROFESSORAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EXISTEM!.....	72
<b>5 ENTRE BOLSAS E CADERNOS, AS MEMÓRIAS, OS PROBLEMAS E ESCRITAS: O VÔO DA BORBOLETA, UM PROCESSO TRANSFORMADOR.....</b>	<b>76</b>
5.1 DOCÊNCIA <i>TRANS</i> : ONDE A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO EXISTE DE FATO.....	82
5.1.1 Relação alunos <i>versus</i> professoras trans.....	82
5.2 OS BAFOS.....	85
5.2.1 Primeiro bafo: o significado do nome para travestis e transexuais .....	85
5.2.2 E a família? Outro bafo! .....	92
5.2.3 O bafo do banheiro: e qual poderemos usar?.....	94
5.2.4 E as demissões?.....	96
5.2.5 E que bafo é a transfobia?.....	98
<b>6 ALÉM DO ENSINO: A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO ACABA DE NASCER.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>113</b>
Anexo 1: GLOSSÁRIO .....	113
Anexo 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	116
Anexo 3: TERMO DE CONSENTIMENTO DO NOME SOCIAL.....	117
Anexo 4: ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS TRANS .....	119
Anexo 5: CONVERSA DE COMADRES .....	121
Anexo 6: CONVERSA COMO DR RUI PORTANOVA TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL .....	145
Anexo 7: LISTA DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE .....	148
Anexo 8: SUGESTÃO DE LIVROS COM A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE .....	162

## 1 COMEÇANDO A EQUILIBRAR O GIZ E O SALTO ALTO: MINHAS IMPRESSÕES

Eu aprendi a ler e a escrever. Também foi nesta época e na escola que aprendi o que era a violência e agressão de gênero. Num mundo de sofrimento, aprendi que talvez a vida pudesse me ensinar, ainda que pequena, como a sociedade via e julgava aqueles que saíam da norma, da heteronormatividade. Cresci sabendo que o que acontecia comigo acontecia com muitas pessoas e que só através da coragem e de muita força poderia vencer e conquistar, tornando possível o impossível.

Na escola, aprendi muito sobre o que é ser aluno, um aluno diferente, e aprendi muito, muito bem, o que são as regras da escola, e o preço que se paga por desobedecer estas regras, em especial quando são regras não escritas, como é o caso da maioria das regras de gênero e sexualidade. Em nenhum lugar se diz que aluno não deve ser delicado, em nenhum lugar está posto que aluna não pode jogar futebol, em nenhum lugar se diz que um aluno não pode gostar de roupas, adereços, bijuterias. Ao mesmo tempo, embora não estejam escritas, estas leis são muito duras, e o meu aprendizado como aluno fez conhecer bem tal dureza, e é claro que influenciou o ser professora, já que uma boa parte do que se aprende como ser professora, aprende-se olhando a escola, a sala de aula e as demais professoras, quando somos alunos. Desta forma, ao ser professor – e depois professora – fui me tornando uma docente diferenciada, especialmente em relação ao trato com as questões de gênero e de sexualidade.

Hoje, minha história de vida circula em dois universos: o da Educação e o da Transexualidade. Foi assim! Aprendi na escola o que é ser professora e o que é ser Transexual. Aprendi também que não é fácil equilibrar o giz e o salto alto, pois sendo professora e mulher *trans* tenho que ser uma excelente professora e uma mulher muito mais mulher que as outras, para não ser chamada de homem vestido de mulher. Tenho de lidar com o tema da sexualidade o tempo todo, embora não seja esta disciplina que se leciona. Outro equilíbrio é entre colegas, comunidade escolar e desejo dos alunos. A vida pessoal da professora *trans* parece ser sempre mais aberta, mais discutida, do que a vida das outras professoras. A professora *trans* tem, ainda, de se equilibrar frente a curiosidade dos alunos e dos colegas. Este atravessamento provocado por todas as situações faz com que a professora seja muito mais solicitada a compartilhar da vida da escola e, respectivamente, a escola vive a vida da professora.

Dentro deste universo, minha transformação aconteceu num tempo onde as questões socioculturais eram possíveis, tanto na escola como na vida. Um tempo onde novas formas de

viver surgiram. A conquista do meu espaço foi através do trabalho, da competência e liberdade de expressão. Medos? Sim. Muitos! Inclusive pelo fato de assumir publicamente uma condição de vida diferente da que vivi até então. Essa postura não deixa de ser um ato político que, movida pela coragem, depois de muitos anos dentro da escola sendo professor, resolvi assumir minha transexualidade.

Tudo aconteceu no meio do ano letivo, provocando uma bagunça e um alvoroço naquele espaço. Foi então que tudo começou...

Em 2007, ao retornar das férias, convivendo, durante três meses na Europa com amigas transexuais e travestis, marquei consulta com um cirurgião e comecei a “preparar o terreno” para a transformação. Nesta época, já havia aplicado silicone industrial no corpo, já estava tomando hormônios indicados pelas amigas e já tinha o cabelo comprido. Foi também quando criei coragem e furei a orelha para colocar um brinco. Não contente, furei as duas orelhas e coloquei um par de brincos de brilhante. Era um luxo! Como dizia minha amiga: “bicha fina, bicha luxo”.

Lembro como se fosse hoje, no dia 16 de maio, cheguei à escola com a novidade de que iria fazer a cirurgia de mamoplastia, cirurgia plástica no nariz, retocar a pele e os lábios. Quando conversei com a diretora da escola sobre a cirurgia, ela ficou chocada. Ficou em pânico, dizendo como seria a reação da comunidade escolar. Mesmo assim, deu apoio e disse que iria assumir junto comigo. Lembro que ela pediu cópia da Lei Estadual 11.872 que trata da discriminação e preconceito em âmbito geral no Estado do Rio Grande do Sul e a própria Constituição Federal, que, no artigo 5º, diz que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; É inviolável a liberdade de consciência e de crença; São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”. Após xerocar todas as leis, tratou de espalhar cópias pela escola a fim de mobilizar e situar todos diante da situação.

Assim, quando me afastei para fazer as intervenções, em junho do mesmo ano, a diretora solicitou que os professores conversassem com os alunos sobre o assunto, inclusive o professor de Ensino Religioso, que deveria trabalhar a temática da homofobia nas aulas. Foi muito bom, porque ao retornar transformada, percebi que os alunos sabiam e me aguardavam com uma expectativa de como seria, então, a professora Marina. Também lembro que no dia do retorno à Escola, estava acontecendo o conselho de classe e eu adentrei a porta com o “peito na bandeja”, no salto e montada. Foi o primeiro choque no ambiente escolar, porque a curiosidade dos colegas também era grande em relação a minha apresentação pessoal.

Retornei, no salto tentando equilibrar-me em cima, montada e armada de todas as garantias de poder executar minhas tarefas sem problemas e com uma nova experiência a ser vivida a tarefa de ser professora e, acima de tudo, uma mulher. Posso afirmar que nunca desci do salto, mesmo sabendo que poderia passar por diversas situações com pais, alunos e colegas. Mas não desisti! Assumi publicamente minha condição e nunca me arrependi do que fiz. Assim, muito mais segura, estava vivendo um momento muito importante e bem mais feliz de minha vida. Joguei tudo neste jogo da vida e apostei na felicidade, já que era uma vida reprimida, em um corpo que não era o meu e com muitas marcas de sofrimentos e lágrimas. Muitas vezes chorei sem que ninguém visse. Muitas vezes, não sabia o que fazer até olhar para o espelho e perguntar *por que era assim? Por que as pessoas me agrediam? Por que eu tinha que chorar ou pagar por um preço tão alto se o que eu queria era apenas ser feliz?* Lembro que um dia alguém disse que se eu conseguisse atravessar um arco-íris depois que a chuva passasse, viraria uma menina. Juro que, por toda a minha infância, fiquei procurando arco-íris para que isso se realizasse. Cresci com esse desejo e ao assumir este papel e esta performance, meu passado ficou na memória e nas fotos que registrei. Arregacei as mangas. Fui à luta com um sorriso e um bom batom, marcando assim minha trajetória e minha história. Tinha certeza, no fundo, que ia dar certo. Neste dia, também lembrei as palavras de minha falecida mãe que dizia ter um orgulho muito grande de mim e dizia ter certeza que eu seria uma pessoa que venceria tudo e todos os obstáculos e, então, eu me lembraria de suas palavras.

Também foi neste retorno à Escola que fatos interessantes aconteceram. Os alunos ficaram muito mais curiosos em saber tudo sobre estes processos e por que eu havia decidido fazer isso. Qual era minha motivação, já que antes nunca manifestara nada sobre minha orientação sexual ou identidade de gênero, questionavam os alunos. Minha condição de professora transexual trouxe uma nova abordagem para escola. Também trouxe um novo aprendizado e uma abertura para as questões de sexualidade e formas de vivê-la. Os alunos ficaram mais próximos e todo tempo demonstraram interesses sobre tais questões. Senti-me à vontade em falar sobre o assunto. Busquei, então, formas de aprendizagem que pudessem tornar as aulas, tanto de Arte quanto de Ética e Cidadania, interessantes e prazerosas. Um novo olhar surgiu: agora ouvia se as pisadas e o som do salto alto nos corredores da escola.

Portanto, ao pensar em um projeto de pesquisa dentro da linha da Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, identifiquei professoras que vivem as mesmas situações de vida que eu e

que têm um percurso de vida possível. Também quis compreender e problematizar aspectos sobre este trânsito de professoras Transexuais e Travestis no ambiente escolar, justamente por me interessar por temas e histórias que também vivencio no dia a dia. Estas aproximações fazem com que, mesmo sendo pesquisadora, vivencie as histórias que são ou não parecidas com a minha. Assim, a rede de professores foi muito importante. Muitas professoras e professores *trans* começaram a assumir suas identidades e lutar por elas.

Enquanto pesquisadora e autora desta pesquisa, reconheço que poderia ser também objeto de pesquisa, pois a minha história de vida é, em grande parte, aquilo que estou procurando aprofundar – nesse caso, conhecimentos acadêmicos – buscando aproximações e construindo outros objetos de pesquisa pertinente ao trabalho realizado, neste caso, as colegas professoras Transexuais e Travestis.

A primeira grande questão de pesquisa era se existiriam professoras Transexuais e Travestis na Educação Brasileira e como se organizavam. Outras questões a partir daí surgiram: *Como vivem? Onde estão?* Estas perguntas não são inéditas: muitas pessoas, ao questionar minha história e experiência de vida, indagavam se eu seria a única professora *trans* a atuar na escola pública. Neste caso, eu também não sabia a respeito da existência de outras pessoas *trans*, até por que a temática da transexualidade e travestilidade não era do meu conhecimento e nem dentro deste espaço chamado escola, um lugar onde muito pouco se fala sobre essas temáticas. Um lugar onde, muitas vezes, os professores não abordam os temas dentro da proposta de transversalidade, pois alegam não dar conta dos conteúdos sequer de suas disciplinas. Assim, somente comecei a encontrar as professoras Transexuais e Travestis nos seminários e eventos sobre Educação, Diversidade e encontros do movimento LGBT.

Também interessava saber o que esses sujeitos – cuja identidade de gênero é entendida como travestis e transexuais – contam em suas histórias e qual é o lugar ocupado pela profissão docente nesse processo, principalmente quando suas identidades sexuais e de gênero são evidenciadas e interpretadas pelos diversos sujeitos que compõem a comunidade escolar – e é claro que muitas professoras são marcadas pela suas sexualidades. Ao mergulhar nas histórias dessas pessoas e, interagindo com elas, compreendi como se dão estes processos e pensar o quanto essas novas informações servirão para futuras pesquisas no campo da Educação, já que não há muitos dados a respeito dessa comunidade.

Paralela a pesquisa, dentro deste contexto, iniciei o processo de criação de uma rede de professores transexuais e travestis que pudesse discutir temas relacionados ao processo de educação, as questões de gênero e sexualidade e uma forma de aproximações já que tanto as histórias pessoais, quanto as profissionais tinham um viés nos temas propostos. Foi assim que comecei a costurar essa rede e a partir dessa idéia, com apoio da UFMG através do NUH (Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT), organizado pelo professor Dr. Marco Aurélio Maximus Prado e da UFRGS/ GEERGE, na pessoa do professor Dr. Fernando Seffner, em maio de 2012, consegui reunir professoras transexuais e travestis em um evento chamado I Encontro Nacional da REDE TRANS EDUC BRASIL (rede de professores *trans* no Brasil), em Belo Horizonte, Minas Gerais. Neste evento foi possível conversar, ouvir as trajetórias de vida e processos educacionais de dez professores transexuais e travestis. No primeiro evento, apontou-se a necessidade de continuidade da rede, bem como, a busca constante de apoio por conta do MEC/SECADI, já que este movimento de educação é inédito no país. Também apontou-se neste evento, propostas de criação de estatuto, a definição do nome REDE TRANS EDUC BRASIL, um *website* ou página nas redes sociais, bem como, a necessidade de escrever um dossiê de histórias das pessoas participantes da rede, já que um dos objetivos é promover a cidadania destas professoras e professores que venceram todos os obstáculos e tabus para chegar até onde chegaram. Este encontro foi muito positivo para o presente projeto de pesquisa, pois, ao encontrar as professoras e conviver com elas durante cinco dias, obtive dados, algumas entrevistas e muitas anotações no diário de campo. A rede, hoje, busca dialogar com vários setores da Educação, Psicologia, Serviço Social, Saúde e Movimentos Sociais.

No capítulo *Começando a equilibrar o giz e o salto alto: minhas impressões*, proponho como introdução traçar uma viagem pela história de vida que circula nos meus dois universos, o da Educação e o da transexualidade. No capítulo *Transexualidade – Travestilidade, o que é isso, afinal? Muitas perguntas, muitas respostas*, proponho conceitos de Transexualidade e Travestilidade conforme alguns autores em relação com as falas das professoras entrevistadas e outras vozes que se anunciam dentro da temática como a Religião, o Direito e a Medicina. Para enriquecer este capítulo, também entrevistei Dr. Rui Portanova, desembargador gaúcho, alguns sacerdotes de matriz africana, bem como pesquisadores das religiões. Alguns registros também foram coletados dentro das minhas leituras e reportagens em *websites*. No mesmo capítulo, *Gênero e Sexualidade: texto e contexto*, destaco alguns aspectos e conceitos de gênero e



sexualidade na perspectiva de autores importantes para a temática. No capítulo *A Pedagogia do Salto Alto, Educação e Currículo*, abordo conceitos como Educação, escola e a própria Pedagogia do Salto Alto, suas nuances de gênero e sexualidade. Na busca de conceituar tal pedagogia proponho reflexão acerca dos papéis de educadoras que atravessam a fronteira entre a sexualidade, relações de gênero e a pedagogia.

No capítulo *O outro trotar de Salto Alto: caminhos da metodologia usada nessa pesquisa*, apresento os sujeitos entrevistados, as observações de campo e os documentos envolvendo os roteiros de entrevistas, os termos de consentimentos bem como matérias de jornais, *website* e de televisão encontradas nas minhas pesquisas em que as próprias professoras abordam temas de Educação, vida pessoal e experiências vividas.

No capítulo *Entre bolsas e cadernos: as memórias, os problemas e escritas*, apresento textos divididos em três partes: *O vôo da Borboleta: um processo transformador* refere-se ao processo de transformação das professoras, como assumiram suas identidades e seus desdobramentos. O outro subtítulo – *A Docência Trans: Onde a Pedagogia do Salto Alto existe de fato* – aborda como estabeleceram as relações entre os alunos e as docências; a questão das relações com colegas professores, direções e supervisores. A seção chamada *Os bafos* traz problemas legais enfrentados com setores de recursos humanos, como troca de nome, nome social e outras demandas e algumas cenas diversas que envolvem o ser professora travesti e transexual.

Também apresento a análise dos documentos e entrevistas. Aqui proponho descrever e aprofundar todas as questões ligadas às histórias de vida de cada uma das minhas informantes contextualizando com autores que provocam nossas discussões. As análises e discursos de professoras transexuais e travestis, compreendidas como textos, práticas discursivas e sociais, possibilitou investigar os papéis dentro da escola e da Educação, bem como as tensões provocadas por estes sujeitos e suas práticas pedagógicas. Este capítulo também pode trazer elementos importantes para que possamos compreender os diversos caminhos e saídas encontradas por cada uma das professoras na luta pela sobrevivência de suas performances. É possível perceber, aqui, o quanto suas histórias narradas demarcam violência, sofrimento e, acima de tudo, uma força imensurável para conquistar um caminho de respeito, de valorização e de profissionalismo.

O último capítulo, *Para além do Ensino: a Pedagogia do Salto Alto acaba de nascer*, foi criação minha, como metáfora, para traduzir o processo de atravessamento entre as fronteiras da escola e a sexualidade. Ela também auxiliará na construção de conceitos que recobrem um conjunto de estratégias pedagógicas produzidas ou que produzem as professoras travestis e transexuais. Retomo a idéia da Pedagogia do Salto Alto dentro de uma nova abordagem enquanto sujeito num processo de inserção na educação brasileira.

## 2 TRANSEXUALIDADE, TRAVESTILIDADE: O QUE É ISSO, AFINAL? MUITAS PERGUNTAS, MUITAS RESPOSTAS

Neste capítulo, procuro trazer as discussões sobre Transexualidade e Travestilidade, entendendo algumas especificidades e aprofundando os referenciais sobre os temas de gênero e sexualidade, pertinentes dentro do projeto de pesquisa, de modo a retomar a pergunta que inicia este capítulo – *o que é isso, afinal?*

### 2.1 TRANSEXUALIDADE

*“Sempre quis ser mulher, mesmo ter nascido homem. Nasci no corpo errado. Não quero só colocar silicone e me montar, quero ser o que sou, uma mulher com vagina [...] Ficaram me olhando... daí, eu falei... a partir de hoje meu nome é Carla. Olhei para todo mundo e repeti: a partir de hoje meu nome é Carla!”* professora Carla Silva, entrevistada em maio de 2012, durante o I Encontro da Rede Trans Educ em Belo Horizonte, Minas Gerais.

*“Eu fui transexual desde a infância. Já me via como mulher e não queria cortar o cabelo. Fazia uma guerra em casa. Não queria usar roupas masculinas. Foi uma batalha na família pela imposição da heteronormatividade.”* professora Brenda Ferrari, entrevistada em novembro de 2012, durante o I Encontro Nacional do FONGES, em Curitiba/PR.

Na tentativa de compreender um pouco sobre o tema da transexualidade, segundo as falas das informantes, quando relatam que na infância se sentiam diferentes com sexo oposto, ou mesmo estando no corpo errado e nascidas num corpo estranho, percebe-se que há uma identidade de gênero com suas particularidades e complexidades sendo explicada. Quando nascemos, o sexo biológico é logo identificado: menino ou menina. Somos registrados conforme o gênero biológico apresentado. No entanto, no decorrer da infância, algumas crianças começam apresentar expressões e atitudes diferentes dos padrões estabelecidos pela sociedade heteronormativa. Logo, estes padrões ditados, dizem que menino tem de agir e brincar como menino; menina tem de usar cor-de-rosa e brincar como menina brinca, que menina não pode jogar futebol e que menino não pode se maquiar. Conforme a fala da professora Sayonara Nogueira, fica claro o quanto a sociedade e, principalmente, os pais tentam enquadrar estes padrões na criação dos filhos, na formação do sujeito e do comportamento certo que devem ter<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> As falas das entrevistas estão transcritas e formam parte do anexo desse trabalho. Usar-se-ão tais falas para ilustrar e exemplificar os apontamentos realizados ao longo do texto. Optou-se por manter as aspas nas falas dos entrevistados para diferir das citações que constituíram as referências.

“Eu lembro que um dia minha mãe chegou do trabalho e me viu toda pintada e com a toalha amarrada no cabelo foi aquele espancamento. Fui espancada. Os pais e, principalmente, a mãe queria um filho homem, né, e para mim era muito mais complicado, pois eu era uma filha adotiva e eu fui adotada por um casal de senhores que minha mãe já tinha cinquenta anos.”<sup>2</sup>

A transexualidade pode ser entendida como a dimensão identitária, localizada no gênero e se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero, à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente informado pelo sexo, independentemente da realização da cirurgia de transgenitalização. O saber médico considera esta experiência como uma doença, utilizando-se de outros termos, como por exemplo: disforia de gênero, neurodiscordância de gênero, síndrome de transtorno de gênero e, o mais conhecido, transexualismo. Em todos os termos, a transexualidade é colocada no rol de doenças mentais.

Assim, definir uma pessoa transexual como doente é aprisioná-la, fixá-la em uma posição existencial que encontra no próprio indivíduo a fonte explicativa para seus conflitos, perspectivas divergente daqueles que a interpretam como uma experiência identitária. Para Bento (2008), a especificidade da transexualidade está na explicitação dos limites dessas normas de gênero, na medida em que a reivindicação de passagem do gênero imposto ao nascer para o de identificação exige que os defensores das próprias normas de gênero se posicionem. Embora as pessoas que vivem a experiência transexual não apresentem nenhum tipo de alteração em suas estruturas cromossômicas ou de qualquer outro tipo, são ditas doentes mentais. De outra forma, transexuais são pessoas de sexo genital determinado, mas que psicologicamente pertencem ao sexo oposto. Na maioria das vezes, têm como características a rejeição pelo órgão genital e a necessidade da cirurgia de transgenitalização. Foucault (2007) mostra quão profundamente a idéia de que todos têm um sexo definido e naturalmente dado está enraizada em nosso pensamento; apontando que nosso verdadeiro sexo é a causa de nossos comportamentos, bem como a causa de nossas características sexuais observáveis. O verdadeiro sexo, nesse sentido, determina a identidade de gênero do indivíduo, seu comportamento e seu desejo pelo sexo oposto.

A transexualidade é uma fronteira marcada por diferentes definições, sendo que o termo transexualismo é hegemônico no discurso médico e passou a integrar a Classificação Internacional de Doenças (CID) na sua versão mais recente, a CID-10. Por determinação do Ministério da Saúde, essa classificação passou a vigorar, no Brasil, em 1º de janeiro de 1996, e,

---

<sup>2</sup> Por ser uma transcrição de uma conversa informal, mantiveram-se os termos e as formas verbalizadas pelos entrevistados, de modo que se evitou corrigir a norma gramatical, inclusive para manter na sua integridade as impressões, opiniões e reflexões registradas.

na medida em que estabelece uma classificação de síndromes psiquiátricas (chamadas de transtornos), fornecem, em suas Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas, critérios específicos para que um determinado diagnóstico possa ser estabelecido. Nesse documento, que deve ser seguido nas avaliações médicas oficiais, o transexualismo está catalogado no grupo F6, que se destina aos diversos tipos de transtornos de personalidade e de comportamento de adultos. Está classificado no F64 Transtornos de Identidade Sexual, e especificamente, F64-0 – Transexualismo:

um desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto, usualmente acompanhado por uma sensação de desconforto ou impropriedade de seu próprio sexo anatômico, e um desejo de se submeter ao tratamento hormonal e cirurgia para tornar seu corpo tão congruente quanto possível com o sexo preferido (OMS, 1993).

Diferentemente, na DSM-IV, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, classificação utilizada pela Associação Psiquiátrica Americana (1995), o termo Transexualismo dá lugar ao Transtorno de Identidade de Gênero, cujos critérios diagnósticos são:

a) forte e persistente identificação com o gênero oposto (não meramente um desejo de obter quaisquer vantagens culturais percebidas pelo fato de ser do sexo oposto); b) desconforto persistente com seu sexo ou sentimento de inadequação no papel de gênero deste sexo; c) perturbação não concomitante a uma condição intersexual física; d) perturbação que causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

De acordo com a fala da professora entrevistada Carla Silva,

“Eu ainda era homem e me vestia de mulher... eu ainda não tinha assumido minha identidade para as pessoas lá, no caso, os profissionais de lá. Eles não entendiam: eu era uma coisa, uma sapatona, e estava mudando, mas eu tinha que vestir roupas masculinas pois minha mãe não podia saber, ao mesmo tempo eu estava me hormonizando. Eu tive os enfrentamentos, como todas nós tivemos nossos enfrentamentos e foi ali que se deu o momento da explosão...eu resolvi me assumir e estávamos discutindo, aqui, sobre identidades. Acredito que cada uma tem sua hora, e foi neste momento que me abri e disse 'chega! Eu não posso mais me esconder'. Todos estão percebendo que estou me transformando e ficavam cochichando e eu percebia aquilo. Sabe o que eu fiz? Eu comprei uma roupa mais feminina: uma calça super justa, a blusa mais linda que tinha, cheia de brilhante, lá cheguei eu.”

No Brasil, a Resolução nº. 1428/97 do Conselho Federal de Medicina (CFM) autorizou a realização, como procedimento experimental, de cirurgias do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e/ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários para tratamento do transexualismo. Esse pode ser considerado um marco para o surgimento de programas visando à realização da cirurgia de transgenitalização. A Resolução

estabeleceu os critérios para as intervenções cirúrgicas que, até então, seriam consideradas como crime e o autor (médico) era sujeito a processo. A partir de 2003, dissertações e teses nos campos da Medicina, Psicologia e Serviço Social surgiram abordando a temática dos transexuais, visando analisar as experiências desses grupos.

Nas muitas vozes que dão respostas as perguntas iniciais deste capítulo, uma delas é a dos médicos, através de suas entidades de classe, que propõem discutir a partir de pesquisas na tentativa de diagnosticar de forma clínica a pessoa transexual. A leitura desses trabalhos aponta para caminhos intrigantes sobre os mecanismos e as práticas discursivas que constroem “o transexual”, e alguns evidenciam uma crença compartilhada de que a cirurgia seria um procedimento redentor para as pessoas (transexuais). Entretanto, ressalto a exceção apresentada pelo trabalho de Tatiana Lionço (2006), cuja contribuição será analisada no momento de discutir a elaboração do chamado “processo transexualizador” pelo SUS. Também os trabalhos de Berenice Bento (2003; 2006) e Elizabeth Zambrano (2003) foram realizados, tendo parte de suas pesquisas de campo desenvolvidas com as/os (transexuais) inscritas/os nos programas de Transgenitalização no Hospital Universitário de Goiás e no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, respectivamente. Uma característica diferencia esses trabalhos dos anteriores: a postura de distanciamento adotada na pesquisa. Uma vez que as pesquisadoras não integravam a equipe de especialistas desses Programas, elas desenvolveram seus trabalhos a partir dos pressupostos das Ciências Sociais. No trabalho de Berenice Bento, sua preocupação era problematizar e (des) construir o conceito de “transexual de verdade” e (des) patologizar esta experiência, de tal forma que as pistas deixadas por ela foram significativas na condução desta tese. Como já anunciado acima e seguindo as diretrizes do trabalho de Berenice Bento, reluto em estabelecer uma cronologia para a transexualidade.

No entanto, considero pertinente destacar aqui o ano de 1953, quando a expressão “transexualismo” foi utilizada com o significado que lhe foi atribuído contemporaneamente – ou seja, derivado de um sistema de classificações resultante do protagonismo de um saber médico baseado na existência de um sexo verdadeiro e fundamentado na medicalização da sexualidade (FOUCAULT, 1983). Embora Transexualismo seja o termo canônico privilegiado por médicos e juristas para se referir à experiência da transexualidade, para Bento (2006), há o entendimento da necessidade de romper com o uso patologizante do sufixo “-ismo”. A exemplo disso, também há

discussões do movimento gay, que reivindica o abandono do termo homossexualismo, reconhecendo sua denotação de domínio medicalizado de uma conduta sexual perversa.

Muitas vezes, transexuais sabem que se sentem do gênero oposto ao sexo biológico desde que são crianças, expressam o desejo de pertencer ao gênero oposto ao sexo biológico, preferem brinquedos ou brincadeiras do sexo biológico oposto, entre outras características que são percebidas ao longo de suas vidas. Por exemplo, um menino transexual pode expressar o desejo de se vestir com roupas de menino, ou preferir carrinhos a bonecas, ou gostar de futebol a brincar de casinha. Contudo, apesar de que transexuais muitas vezes apresentem estes desejos quando crianças, não necessariamente uma criança que expresse esses desejos é transexual. Existem crianças que podem expressar desejos e incertezas com relação ao gênero ao qual pertencem, mas que perdem o interesse em pertencer ao sexo oposto durante a adolescência. Também há casos em que um transexual apenas começa a expressar o desejo de pertencer ao gênero oposto ao seu sexo genético na adolescência, ou mesmo na fase adulta.

Conforme o relato da professora Sayonara Nogueira

"Eu descobri ser diferente com 7 anos de idade. Eu já percebia que não era normal. A minha convivência com os colegas de infância: com os primos eu não queria brincar e, sim, com as primas e meninas do bairro... queria brincar com elas. Então foi nessa fase que fui percebendo também... Eu lembro que na época tinha o Clube Chacrinha e eu era vidrada com aquilo. Eu tinha o cabelo curto mas eu amarrava uma toalha no cabelo botava o tamanco da minha mãe e ficava dançando na frente da televisão, imitando as chachetes e tinha o clube do Bolinha. eu imitava as boletes".

Já a professora Adriana Lohanna relata como foi assumir sua transexualidade:

"Com isso eu assumo minha transexualidade como se o destino fosse fazer as coisas direito... Meu pai teve que adoecer para que eu assumir e ser feliz e, aí, tipo meu pai adocece, eu passo quatro meses com ele sem suas faculdades mentais corretas e aí eu passo a assumir a transexualidade neste momento... Passei por situações muito difíceis na minha família, minha mãe queima minhas roupas femininas por ter tido uma crise, porque todo mundo saiu falando. Eu morava num povoado pequeno de duzentas famílias, Povoado de Cruz Grande, no Município de Equinabã, há duas horas de Aracaju, onde todo mundo se conhece. E começa as histórias 'seu filho apareceu de saia na festa'. Tinha um tipo de roupa que eu não vestia, para minha mãe não ver em casa. Era travestida, mas era básica. Então, neste mesmo período, eu fiquei depressiva".

E o diagnóstico, nesses casos? Atualmente, o diagnóstico de transexualidade é realizado a partir de uma avaliação que inclui um histórico completo do caso, testes psicológicos e sessões de terapia, segundo os trabalhos anteriormente citados. O tratamento e o diagnóstico da transexualidade adotados nas comissões de gênero ou nos programas transgenitalização se baseiam em dois documentos: nas Normas de Tratamento da HBIQDA (Harry Benjamin

International Gender Dysphoria Association) e no Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana (APA).

A APA passou a incluir a transexualidade no rol de “transtornos de identidade de gênero” em sua terceira versão (DSM III), em 1980. Nesse mesmo ano, oficializou a retirada da homossexualidade desse documento. A transexualidade aparece na nova seção sobre “distúrbios de identidade de gênero”, junto com “distúrbios de identidade de gênero da infância” e “distúrbios de identidade de gênero atípica”.

O processo transexualizador é composto pelas exigências que os Programas de Redesignificação definem como obrigatórias para os/as candidatos/as. Os protocolos concretizam os trâmites dessas obrigatoriedades quanto ao tempo de terapia, à terapia hormonal, ao teste de vida real, aos testes de personalidade, além de exames de rotina. Se o/a candidato/a conseguir cumprir todas as etapas e exigências estabelecidas, estará apto à cirurgia de transgenitalização.

### **2.1.1 Questões legais**

Recentemente, o Ministério da Saúde deverá publicar uma portaria que altera a idade mínima de 21 para 18 anos para o tratamento e cirurgia de readequação de sexo na rede pública. Também muda a referência para o tratamento hormonal de 16 para 18 anos.

Outra voz que dá respostas as questões lançadas no início deste capítulo é a dos juízes do direito, que contribuem nos aspectos legais a respeito da transexualidade, mesmo havendo, na atualidade, falta regulamentação de leis pertinentes às transexuais, provocando muita controvérsia no meio jurídico. Parte dessa controvérsia, conforme Zambrano (2003, p.156), se refere à definição de "sexo que nunca foi objeto de conceituação jurídica". Segundo ela, os códigos legais sempre se apoiaram nas definições médicas, ao tratar das diferenças entre homens e mulheres, resguardando esta classificação dicotômica fundamental, mantida por todos os sistemas legais conhecidos. Assim, para abranger a população de transexuais, que pertence aos grupos minoritários, reconhecer as demandas, que são duas – a garantia da cirurgia de troca de sexo e a alteração do nome civil – pode dar significado de uma forma a integrá-la na sociedade, tendo acesso e dignidade de vida, garantindo os direitos de cidadã.

Por outro lado, alguns avanços são observados em alguns estados brasileiros, no que diz respeito às jurisprudências a transexuais que reivindicam direitos a troca do nome antes mesmo



da cirurgia, como é o caso da professora Adriana Lohanna. Em uma decisão inédita no estado o Tribunal de Justiça de Sergipe concedeu a ela o direito de ter no registro civil nome e gênero feminino. Aos 26 anos, em 2012, ela entrou na justiça para ter o direito de ser reconhecida como mulher e a autorização foi feita para que seu registro civil possa ser alterado. Segundo ela, “isso é muito importante para mim, para a minha família e todos que convivem comigo, porque a sociedade representada pelos desembargadores e Tribunal de Justiça deram direito a um ser humano de abrir a boca e poder dizer quem é”, comemora. Segundo o advogado de Adriana o processo na Justiça foi desgastante e o pedido para a alteração do registro civil já havia sido negado. “Hoje tivemos a sorte de ter a sentença reformada com o pleito da Lohanna aceito”, explica Thenisson Dórea. O relator da aprovação, o desembargador Ricardo Múcio de Abreu Lima, explicou que a decisão é inovadora pelo fato de conceder a autorização para a alteração do registro sem a exigência do procedimento cirúrgico de transgenitalização (G1, 2012).

Para o desembargador gaúcho, Rui Portanova, o processo da transexual sergipana é um avanço. Em entrevista concedida, ele conta que já autorizou um processo semelhante a este no nosso Estado, onde a menina, moradora de Caxias do Sul, mesmo sem a cirurgia realizada ganhou o nome e o sexo feminino. A questão da mudança do nome sem a cirurgia era a questão reticente, aqui, porque isso vinha com certa tranquilidade para quem realizasse a cirurgia e o avanço foi este, que mudava o nome e o sexo sem a necessidade de cirurgia.

Em outro caso, ao julgar o processo ele conta que

“Nós tivemos um outro caso aqui que a menina trocou de nome e não trocou de sexo. Ela era muito bonita, uma loira. Ela veio aqui. Moradora da cidade de Veranópolis. O que eu fiz... eu pedi vistas no processo, porque eu não era o relator e daí falei com ela e falei com o pessoal do Hospital de Clínicas. E não tinha dúvida que ela iria fazer a cirurgia, então segurei o processo até ela fazer a cirurgia. Existe um artigo no código Penal (art.462) quando há um fato novo no processo o juiz deve acolher a situação e pode esperar. Foi o que fiz, esperei cinco meses até ela realizar a cirurgia.”

Segundo o desembargador, a transexualidade já foi dita como doença no contexto judicial, a fim de conceder direitos às transexuais readequarem seus corpos ou seus nomes civis, mas ele não entende como doença no ponto de vista pessoal. Ele mesmo já deu várias sentenças favoráveis para que as pessoas pudessem realizar seus desejos e serem mais felizes. Também ele faz críticas ao processo transexualizador do SUS, pois acredita que o médico não tem o direito de julgar a felicidade das pessoas em relação ao desejo de retirar seu órgão genital ou não. Para ele, é uma bobagem o processo de transsexualização, e o que é pior, na sua opinião, é que, ao final de

dois anos, a paciente pode reprovar e ser mandada embora. Para estes casos, quando apelados para o judiciário ele concede a favor da paciente a cirurgia.

Ainda no que diz respeito a esta questão, a fala do desembargador gaúcho explicita que

“as pessoas procuram o judiciário quando há uma discordância, por exemplo, quando a pessoa quer fazer a cirurgia e não tem dinheiro. Neste caso, ele mesmo que diz autoriza a cirurgia, mas deverá entrar no processo igual ao do Hospital de Clínicas onde a/o transexual ficará no mínimo dois anos. Se reprovar depois de dois anos, não faz a cirurgia. Neste caso, a pessoa poderá recorrer, pois no parecer do mesmo, o médico ficará no direito de julgar se você vai ser feliz com o pau ou sem o pau”.

Na sua fala, ele coloca mais algumas questões importantes sobre o que pensa em relação ao tema:

“Tu sabe que é essa ideia que me passa. Primeiro como ser humano. Entender a questão da sexualidade é uma questão íntima da particularidade que ninguém tem que se meter... que eu não tenho o direito se quer de interferir como ser humano na tua questão, mas tenho o dever de além de respeitar e ser solidário a tua situação. Agora tu imagines a situação do juiz, ou seja, saber o que a lei vai dizer. E a lei não vai dar conta da intimidade das pessoas. Na ideia que eu penso, o que me pedirem eu dou, faço tudo para dar o pedido que é feito aqui. Porque essa particularidade de acertar registralmente ou fisicamente a sua vocação, porque não é opção, é uma orientação sexual na perspectiva jurídica, sem dúvida, as pessoas resolvem isso para a suas felicidades. Eu, sempre que tem essas discussões, assim como o fato dos homossexuais casarem ou não, eu sou completamente a favor, mesmo eu, que sou contra o casamento, porque já é uma instituição falida mesmo mas, quer casar , bota como luta o direito dos homossexuais. Tem um avanço na questão” (entrevista realizada no TJ RS no dia 20/03/2013, às 10h, na sala 850).

No Rio Grande do Sul, há pouco tempo tivemos outra decisão da justiça em que uma ação conjunta organizada pela sociedade civil através da Igualdade RS (associação de travestis e transexuais do Rio Grande do Sul), SAJU/UFRGS e NUPSEX (Núcleo de psicologia e Sexualidade da UFRGS), em que sete transexuais ganharam, em trinta dias, a sentença sobre o direito da troca do nome, no entanto conforme o laudo judicial, os demais termos permanecem inalterados até que a cirurgia de readequação de sexo ocorra. Esse precedente é observado em diversas ações ocorridas ao longo dos anos, no entanto é um processo que ainda é lento e complexo. Por outro lado, é um passo na conquista de alguns direitos negados ao longo de muitos anos. Direitos que incluem acesso à saúde, a troca do nome civil em documentos oficiais, a proteção contra a discriminação no trabalho, na escola, na regulação do uso de lugares públicos onde há classificação de gênero como banheiros e prisões, a adoção e o casamento e, sobretudo, o enfrentamento da vulnerabilidade social da maioria das transexuais brasileiras.

Conforme o Anteprojeto do Estatuto da Diversidade Sexual, elaborado pela Comissão Especial da Diversidade Sexual do Conselho Federal da OAB, ficará estabelecido no capítulo VII o Direito à Identidade de Gênero, que reconhece que transexuais, bem como outras identidades, terão o direito à livre expressão de sua identidade de gênero, assim como os demais artigos que seguem neste capítulo garantem às transexuais profissionais da saúde para o acolhimento e atendimento, conforme as suas especificidades, com procedimentos médicos, cirúrgicos e psicológicos destinados a adequação do sexo morfológico à identidade de gênero. Também garante equipes médicas e multidisciplinares nos processos de hormonoterapia e procedimentos complementares não cirúrgicos a partir de 14 anos, sendo as cirurgias de redesignação somente a partir dos 18 anos. Em outro artigo, do mesmo eixo, traz a sentença de alteração do nome e sexo de transexuais e demais identidades, que será averbada no livro de registro civil de pessoas naturais. Na certidão de nascimento não poderá constar qualquer referência a mudança, a não ser por requerimento da parte. No que diz respeito ao alistamento militar, o artigo sugere que para as pessoas *trans*, ele aconteça de forma reservada e com data especial, mediante requerimento encaminhado à junta do serviço militar e será concedido ou cancelado o certificado de alistamento militar mediante a apresentação do mandado de averbação expedido ao registro civil e que será garantido o nome social, pelo qual é reconhecida e identificada na comunidade em todos os órgãos públicos da administração direta e indireta das esferas municipais, estaduais e federais bem como, no atendimento à saúde e nos registros escolares do ensino fundamental, médio e superior. Em outros eixos, como previdenciários, do trabalho, da moradia e demais artigos estão citados contemplando de forma geral as identidades de gênero. Este estatuto ainda precisa colher 1.400.000 assinaturas da sociedade civil para ser apresentado ao Congresso Nacional. Segundo Maria Berenice Dias, presidenta da Comissão da OAB,

este projeto tem um esforço para ultimar a tarefa com a devida presteza, muito em face a decisão do STF, que ao enlaçar as uniões homoafetivas no âmbito da tutela jurídica conclamou o legislativo a cumprir com o seu mister. E, ninguém mais poderia aceitar este grande desafio de elaborar a legislação ainda inexistente do que os advogados deste país. Afinal foram os precursores dos avanços no âmbito do Poder Judiciário, além de serem indispensáveis à administração da Justiça, como reconhece a própria Constituição Federal (Portaria 16/2011 de 15/04/2011).

Cabe aqui citar, também, a opinião do juiz federal Roger Raupp Rios:

“a partir de uma perspectiva biomédica, a transexualidade pode ser descrita como um distúrbio de identidade sexual no qual o indivíduo necessita alterar a designação sexual

sob pena de graves consequências para sua vida, dentre as quais se destacam o intenso sofrimento, a possibilidade de auto-mutilação e de suicídio”.

O magistrado decidiu obrigar o SUS a pagar os custos da cirurgia de transgenitalização com o seguinte parecer “a prestação de saúde requerida é de vital importância para a garantia da sobrevivência e de padrões mínimos de bem-estar dos indivíduos que dela necessitam e se relaciona diretamente ao respeito da dignidade humana” (REVISTA PSIQUÊ, 2012).

O Documento abaixo, relaciona na íntegra, os tópicos apresentados pelo juiz justificando a decisão:

DIREITO CONSTITUCIONAL. TRANSEXUALISMO. INCLUSÃO NA TABELA SIH-SUS DE PROCEDIMENTOS MÉDICOS DE TRANSGENITALIZAÇÃO. PRINCÍPIO DA IGUALDADE E PROIBIÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO POR MOTIVO DE SEXO. DISCRIMINAÇÃO POR MOTIVO DE GÊNERO. DIREITOS FUNDAMENTAIS DE LIBERDADE, LIVRE DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE, PRIVACIDADE E RESPEITO À DIGNIDADE HUMANA. DIREITO À SAÚDE. FORÇA NORMATIVA DA CONSTITUIÇÃO.

1 – A exclusão da lista de procedimentos médicos custeados pelo Sistema Único de Saúde das cirurgias de transgenitalização e dos procedimentos complementares, em desfavor de transexuais, configura discriminação proibida constitucionalmente, além de ofender os direitos fundamentais de liberdade, livre desenvolvimento da personalidade, privacidade, proteção à dignidade humana e saúde.

2 – A proibição constitucional de discriminação por motivo de sexo protege heterossexuais, homossexuais, transexuais e travestis, sempre que a sexualidade seja o fator decisivo para a imposição de tratamentos desfavoráveis.

3 – A proibição de discriminação por motivo de sexo compreende, além da proteção contra tratamentos desfavoráveis fundados na distinção biológica entre homens e mulheres, proteção diante de tratamentos desfavoráveis decorrentes do gênero, relativos ao papel social, à imagem e às percepções culturais que se referem à masculinidade e à feminilidade.

4 – O princípio da igualdade impõe a adoção de mesmo tratamento aos destinatários das medidas estatais, a menos que razões suficientes exijam diversidade de tratamento, recaindo o ônus argumentativo sobre o cabimento da diferenciação. Não há justificativa para tratamento desfavorável a transexuais quanto ao custeio pelo SUS das cirurgias de neocolpovulvoplastia e neofaloplastia, pois (a) trata-se de prestações de saúde adequadas e necessárias para o tratamento médico do transexualismo e (b) não se pode justificar uma discriminação sexual (contra transexuais masculinos) com a invocação de outra discriminação sexual (contra transexuais femininos).

5 – O direito fundamental de liberdade, diretamente relacionado com os direitos fundamentais ao livre desenvolvimento da personalidade e de privacidade, concebendo os indivíduos como sujeitos de direito ao invés de objetos de regulação alheia, protege a sexualidade como esfera da vida individual livre da interferência de terceiros, afastando imposições indevidas sobre transexuais, mulheres, homossexuais e travestis.

6 – A norma de direito fundamental que consagra a proteção à dignidade humana requer a consideração do ser humano como um fim em si mesmo, ao invés de meio para a realização de fins e de valores que lhe são externos e impostos por terceiros; são inconstitucionais, portanto, visões de mundo heterônomas, que imponham aos transexuais limites e restrições indevidas, com repercussão no acesso a procedimentos médicos.

7 – A força normativa da Constituição, enquanto princípio de interpretação, requer que a concretização dos direitos fundamentais empreste a maior força normativa possível a

todos os direitos simultaneamente, pelo que a compreensão do direito à saúde deve ser informada pelo conteúdo dos diversos direitos fundamentais relevantes para o caso.

8 – O direito à saúde é direito fundamental, dotado de eficácia e aplicabilidade imediatas, apto a produzir direitos e deveres nas relações dos poderes públicos entre si e diante dos cidadãos, superada a noção de norma meramente programática, sob pena de esvaziamento do caráter normativo da Constituição.

9 – A doutrina e a jurisprudência constitucionais contemporâneas admitem a eficácia direta da norma constitucional que assegura o direito à saúde, ao menos quando as prestações são de grande importância para seus titulares e inexistente risco de dano financeiro grave, o que inclui o direito à assistência médica vital, que prevalece, em princípio, inclusive quando ponderado em face de outros princípios e bens jurídicos.

10 – A inclusão dos procedimentos médicos relativos ao transexualismo, dentre aqueles previstos na Tabela SIH-SUS, configura correção judicial diante de discriminação lesiva aos direitos fundamentais de transexuais, uma vez que tais prestações já estão contempladas pelo sistema público de saúde.

11- Hipótese que configura proteção de direito fundamental à saúde derivado, uma vez que a atuação judicial elimina discriminação indevida que impede o acesso igualitário ao serviço público.

12 – As cirurgias de transgenitalização não configuram ilícito penal, cuidando-se de típicas prestações de saúde, sem caráter mutilador.

13 – As cirurgias de transgenitalização recomendadas para o tratamento do transexualismo não são procedimentos de caráter experimental, conforme atestam Comitês de Ética em Pesquisa Médica e manifestam Resoluções do Conselho Federal de Medicina.

14 – A limitação da reserva do possível não se aplica ao caso, tendo em vista a previsão destes procedimentos na Tabela SIH-SUS vigente e o muito reduzido quantitativo de intervenções requeridas.

14 – Precedentes do Supremo Tribunal Federal, do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, da Corte Européia de Justiça, do Tribunal Europeu de Direitos Humanos, da Suprema Corte dos Estados Unidos, da Suprema Corte do Canadá, do Tribunal Constitucional da Colômbia, do Tribunal Constitucional Federal alemão e do Tribunal Constitucional de Portugal.

**DIREITO PROCESSUAL. LEGITIMIDADE ATIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. ANTECIPAÇÃO DE TUTELA CONTRA A FAZENDA PÚBLICA. ABRANGÊNCIA NACIONAL DA DECISÃO.**

15 – O Ministério Público Federal é parte legítima para a propositura de ação civil pública, seja porque o pedido se fundamenta em direito transindividual (correção de discriminação em tabela de remuneração de procedimentos médicos do Sistema Único de Saúde), seja porque os direitos dos membros do grupo beneficiário têm relevância jurídica, social e institucional.

16 – Cabível a antecipação de tutela, no julgamento do mérito de apelação cível, diante da fundamentação definitiva pela procedência do pedido e da presença do risco de dano irreparável ou de difícil reparação, dado o grande e intenso sofrimento a que estão submetidos transexuais nos casos em que os procedimentos cirúrgicos são necessários, situação que conduz à auto-mutilação e ao suicídio. Jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, do Superior Tribunal de Justiça e do Tribunal Regional Federal da 4ª Região.

17 – Conforme precedentes do Supremo Tribunal Federal e deste Tribunal Regional Federal da 4ª Região, é possível a atribuição de eficácia nacional à decisão proferida em ação civil pública, não se aplicando a limitação do artigo 16 da Lei nº 7.347/85 (redação da Lei nº 9.494/97), em virtude da natureza do direito pleiteado e das graves consequências da restrição espacial para outros bens jurídicos constitucionais.

18 – Apelo provido, com julgamento de procedência do pedido e imposição de multa diária, acaso descumprido o provimento judicial pela Administração Pública (JURISPRUDÊNCIAS, 2012).

### 2.1.2 Sobre a religião

E a religião? Na última das vozes citadas neste capítulo, que traz a discussão da transexualidade, a religião, a Igreja Católica nos remete ao pensamento conservador que, na figura do então Papa Bento XVI, afirmou que “salvar a humanidade do comportamento homossexual ou transexual é tão importante quanto salvar as florestas do desmatamento”. O papa afirmou que a humanidade precisa “ouvir a linguagem da criação, cujo desprezo seria a destruição do homem e, portanto, a destruição da obra de Deus, para entender os papéis de homens e mulheres”. Ele afirmou que os comportamentos que vão além das relações heterossexuais são a destruição do trabalho de Deus. Criticando as cirurgias de mudança de sexo, Bento XVI declarou que “o homem pretende se auto-emancipar da criação e do Criador. O homem quer fazer a si mesmo e dispor sempre e exclusivamente de somente aquilo que o interessa. Mas, desse modo, vive contra a verdade, contra o espírito criador”. Assim, com essa voz, principalmente de alguns setores religiosos, condenam a transexualidade e todas as outras orientações que fogem dos padrões heteronormativos, justificando, muitas vezes, que o sexo é visto como pecado, quando não feito para a reprodução. Amar é algo desnecessário do ponto de vista onde percebemos discursos que remetem apenas à procriação. Muitos religiosos dizem que Deus criou o homem e a mulher e que a família deveria ser assim formada.

As religiões cristãs apontam diversas questões a cerca desta temática. Segundo a religião espírita cardecista a transexualidade "é o que traz dissociada a sexualidade de profundidade do sexo de periferia, isto é, o seu psiquismo não está harmonizado com o gênero de que é portador. Para Allan Kardec (1804, p. 169), “é no mesmo propósito que os espíritos encarnam em sexos diferentes; um espírito que foi homem poderá renascer mulher e um outro que foi mulher poderá renascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas”. Diz na mesma publicação:

pode ocorrer que o espírito percorra uma sequência de existências no mesmo sexo, isto faz com que, durante muito tempo, ele possa conservar, no estado de espírito, o caráter de homem, ou de mulher, cuja índole nele ficou impressa. Contudo, no decorrer das inúmeras existências, pode trazer estampada uma maior característica sexual, com predominância de uma das polaridades. Trata-se de um fato normal, observado rotineiramente.

Interessante é perceber que mesmo esta corrente traz a transexualidade como uma determinada punição quando escreve que a

lei de causa e efeito segue o seu curso natural, tendo o homem o livre-arbítrio para percorrer o caminho que deseje traçar, porém, sua consciência sempre ecoará no momento certo (a semente é livre, a colheita será sempre obrigatória). Em existência passada, tendo sido egoísta, subjugou a mulher, desrespeitando-lhe a natureza, utilizando o sexo de forma ultrajante. Agora, reencarnado em um corpo feminino, aprenderá a respeitar a todos aqueles que estão situados nessa polaridade.

Nas leituras, encontrei outro relato, muito interessante, que conta a história da primeira pastora transexual da Índia, com 25 anos de idade, que está a cargo de uma pequena congregação localizada ao sul de Chennai, pertencente a uma denominação evangélica de corrente tradicional, cujo bispo cautelosamente declara que a constituição de sua igreja não restringe que um transexual tenha direito de ser ordenado a pastor. A pastora Bharathi, conhecida apenas pelo primeiro nome, se declara abertamente transexual e lidera uma congregação localizada em Chengalpattu nos subúrbios de Chennai, capital do estado de Tami Nadu. Depois de ser ordenada pastora, começou a ministrar a outros transexuais dentro de sua localidade: “formei uma equipe de pessoas para trabalhar comigo no meio dos transexuais em Chengalpattu, a fim de trazê-los para a Igreja e ajudá-los a permanecer livres de problemas”.

No Brasil, encontrei Alexia Lucas Salvador, uma transexual que afirma ter encontrado espaço para conviver e praticar sua fé. Ela está estudando Teologia para ser a primeira reverenda transexual do Brasil. Segundo ela

“percebi que eu podia ter uma igreja onde podia ser eu mesma. [...] Me alegro por que posso dizer ‘venham, aqui tem uma casa para vocês. As igrejas cristãs vão ter de se abrir para a homossexualidade, para a transexualidade. Eu sei que eu não vou ver isso, mas estou fazendo parte deste processo”

Também lembrei aqui das minhas professoras entrevistadas, principalmente Brenda, que estudou Teologia com um *hobby*, pois gostava muito de religião e foi expulsa da igreja, quando assumiu sua transexualidade. Devido à falta que sentia da espiritualidade, começou a frequentar terreiros de candomblé, religião afro-brasileira. As diversas leituras e bibliografias que tratam destas questões encontram-se em sites ou pequenos textos, no entanto, alguns tópicos trazidos são, muitas vezes, a partir das realidades vividas e de depoimentos de pessoas ligadas ao tema de alguma forma. Em uma conversa com Erick Wolf, pesquisador e sacerdote da religião de origem africana, constatei esta realidade, que não oferece ou muito pouco tem relacionado os temas da transexualidade e religiões. Segundo ele,

“no òrísàísmo, as divindades não se importam com a orientação sexual dos indivíduos desde que ele tenha bom caráter. No conceito do orí traz uma abertura para a questão da orientação sexual, um orí pode ou não carregar a transexualidade consigo, porém caso traga do òrun, consideraria que as divindades do òrun não se importam com a transexualidade, ou por outro lado, podemos pensar que o indivíduo pode adquirir aqui no mundo físico após a reencarnação, sendo assim, de qualquer forma adquirido aqui ou lá no òrun, sabemos que para as divindades a transexualidade não é um tabu, muito menos chega a ser maldição, pois uma divindade não discrimina nem tampouco abandona o indivíduo antes ou após a sua aceitação e declaração como transexual. Caso houvesse qualquer tipo de intervenção, as divindades evitariam aqueles indivíduos que carregam a transexualidade e não aceitaria a prática do culto a orí, nem tão pouco o culto à òrìsà seria possível”.

Alguns exemplos são claros, do ponto de vista africanista, onde se concentra a maioria da população *trans*. Algumas questões que tensionam a problemática é o conservadorismo de alguns religiosos mais antigos que tentam manter a temática sobre ótica do passado e o próprio preconceito estabelecido. Um exemplo disso é o fato de transexuais não frequentarem algumas casas de religião africana por decisão dos proprietários das terreiras ou apenas transexuais readequadas usarem vestimentas femininas. Para Wolf,

“a transexualidade, assim como as homossexualidades são processos naturais que as pessoas vivem conforme seu orixá de cabeça. Logo se o orixá é feminino, a busca da feminilidade em um corpo masculino acontece naturalmente. Para ele, o orí veio com um objetivo para terra. Cumpra-se o orí da cada um”

No entanto, algumas sacerdotisas de origem africana, mais conhecidas como yalorisà, propõem as discussões de gênero e sexualidade dentro destes espaços como forma de quebra de preconceito e tabus relacionados à questão.

Durante minhas leituras, também encontrei Kim Perez, um doutor em História espanhol que decidiu mudar de sexo aos 53 anos. Sua reportagem foi página de um *website* chamado Diversidade Católica (2013). Assim como San Francisco, na Califórnia, é um ponto de referência para homossexuais, Granada, na Espanha, transformou-se em Meca para transexuais de todo o mundo, porque é um dos poucos lugares onde as cirurgias para mudança de sexo – que podem custar o equivalente a R\$ 50 mil – são inteiramente gratuitas. O responsável pelo fenômeno é uma mulher de 63 anos, Kim Perez, que um dia chamou-se Joaquim e que há mais de uma década vem trabalhando para o sucesso da Associação Espanhola de Transexualidade, sediada em Granada e presidida por ela. A associação é mantida com o apoio de organizações humanitárias e partidos de esquerda. Conforme sua entrevista, ela viveu um tempo sobre tratamento psiquiátrico, internada em clínica por seus pais, já que eles não compreendiam sua transexualidade. Movido pela fé cristã, o jovem Joaquim buscava conforto na religião, “mas a Igreja aos poucos ia me



deixando doente, porque não me absolvía nem apontava caminhos. No final dos anos 1960, Kim concluiu o curso de História e começou a dar aulas na Universidade de Granada. Aos 30 anos, abandonou a Igreja e mudou-se para a Inglaterra. Trocou a cátedra na Espanha por um emprego como lavador de pratos em Londres. De volta ao seu país, três anos depois, com a ajuda de tratamentos psicológicos, Joaquim retomou a carreira de professor universitário. Aos 50, ao fazer um balanço de sua história pessoal, sentiu-se diante de uma página em branco: “era como se eu vivesse numa sala de espera diante de uma porta que nunca se abria”. Foi em Madrid, que sua vida mudou. Em uma boate gay, conheceu uma transexual, jovem, readequada, que o fez refletir sobre sua vida e o tempo que perdeu; no entanto, deu-se conta que ainda estava viva e tinha condições de recuperar parte do que perdeu pelo tempo passado. Depois de todo tratamento, passa de um semestre para outro transformada, susto apenas para os colegas professores, ponto singular em comum com as professoras entrevistadas nesta pesquisa.

Para Kim, “além dos partidos de esquerda, os transexuais espanhóis contam com o apoio de organizações médicas e dos movimentos feminista e ecológico – uma força que representa 4% da população do país, com influência no resultado de qualquer eleição”. Mesmo assim, ainda são rechaçados pela Igreja. “O Vaticano acaba de proibir nosso ingresso na vida religiosa. À primeira vista o veto pode parecer normal e até divertido. Já pensou eu, Kim, de monja carmelita? O que me espanta, porém, é a hipocrisia. Como podem condenar a sexualidade alheia homens que renunciaram à própria sexualidade?”, questiona. Segundo ela, vozes isoladas começam a se fazer ouvir dentro da Igreja espanhola em defesa dos transexuais, como a do arcebispo de Sevilha, cardeal Carlos Vallejo, franciscano e psiquiatra. Também ganhou um novo aliado, o psicanalista jesuíta Carlos Dominguez Morano. O que mais impressionou o sacerdote jesuíta foi o fato de Kim não ser apenas uma pessoa em busca da aceitação de sua condição sexual, mas de um ser humano comprometido com sua fé. Para Morano, o problema da Igreja, ao longo dos séculos, não é com hetero, homo ou transexualidade, mas com o sexo. “O que a hierarquia católica prega sobre o assunto é fruto de dedução filosófica, não de experiência pessoal. Jesus sequer menciona sexo em seus ensinamentos, a não ser para desmontar preconceitos”, afirma o religioso. Por causa de preconceitos ostensivos, Kim Perez rompeu com a Igreja, prometendo não mais voltar. Mas não tardou em perceber, como católica, que sua luta deveria ser travada dentro da Igreja: “Um transexual rompe com o esquema da lógica da maioria das pessoas, mas quem mais nos discrimina são os católicos à moda antiga, os fariseus de hoje”. Por isso, o compromisso de Kim

passou a incluir, também, “a luta por uma Igreja cujos atos sejam mais coerentes com os ensinamentos de Jesus. Hoje em dia entro em qualquer igreja, segundo as minhas necessidades. Se alguém quiser me expulsar, que chame a polícia”, conclui (DIVERSIDADE CATÓLICA, 2013).

### **2.1.3 A cirurgia**

O processo cirúrgico de transexuais femininas consiste na produção da vagina e na execução de cirurgias plásticas para a construção dos pequenos e grandes lábios. A produção da vagina é realizada mediante o aproveitamento dos tecidos externos do pênis que revestem as paredes da nova vagina. Tecidos do escroto são usados para os grandes e pequenos lábios. O clitóris é feito a partir de um pedaço da glândula. Depois da cirurgia, deve ser usada uma prótese por algum tempo, para evitar o estreitamento ou o fechamento da nova vagina.

Segundo a professora Adriana Lohanna, o processo para mudança de sexo iniciou-se em 2009, quando solicitou à Secretaria de Estado de Saúde do Sergipe que a encaminhasse ao Rio de Janeiro para iniciar o tratamento para realização da cirurgia de transexualização. No primeiro momento, o Estado negou o direito, afirmando que ela estava fora dos limites atendidos pelo programa chamado TFD, Tratamento Fora de Domicílio, que dá suporte a quem precisa fazer tratamento fora do Estado. Neste momento, ocorreu uma disputa judicial entre a professora e a Secretaria, para que o direito fosse legitimado e efetivado. Ela foi a primeira transexual a ser beneficiada. Em cinco de maio de 2010, ela começou o tratamento. O tratamento acontece periodicamente: de início, ia a cada dois meses, agora vai a cada três e, em seguida, irá a cada seis meses realizar procedimentos e consultas. O tratamento inclui consultas com psicólogo, psiquiatra e com o cirurgião e sua equipe. Sua ação pioneira é explicada, por ela própria:

“Ser a primeira transexual sergipana a estar na fila do SUS para realização da cirurgia de mudança de sexo, de alguma forma, é uma grande responsabilidade. Eu, como primeira, dei abertura para que outras transexuais pudessem dar início ao tratamento, para conseguir a cirurgia de mudança de sexo. Eu conheço muitas transexuais que querem fazer a cirurgia. Eu estarei no Centro de Referência dando apoio a elas, mostrando o caminho a seguirem. Meu processo demorou porque teve toda uma briga jurídica. Qualquer transexual que queira fazer a cirurgia basta ir no TFD e solicitar o tratamento”.

Nos transexuais masculinos, a cirurgia consiste na histerectomia, mastectomia e construção do pênis. A histerectomia é a remoção do aparelho reprodutor e a mastectomia é a retirada dos seios. Ainda hoje, a cirurgia mais complexa é a construção do pênis, pois as técnicas

cirúrgicas são precárias. Os tecidos musculares mais utilizados são os músculos da panturrilha, do antebraço ou do abdômen. Uma das técnicas utilizadas para a construção do escroto é a expansão dos grandes lábios. Diante dos problemas pós-operatórios, que podem causar incontinência urinária ou até mesmo a morte do pênis por necrose, muitos transexuais optam pelas duas primeiras cirurgias: histerectomia e mastectomia.

## 2.2 E A TRAVESTILIDADE, ENTÃO, O QUE É?

Ao contrário do que o senso comum hoje conhece, o termo travestilidade teve origem na língua francesa, como variante de burlesque, gênero artístico relacionado ao erotismo. Travesti referia-se à forma de se vestir em casas de espetáculos na França, onde mulheres se apresentavam com roupas pequenas e provocantes, a partir do século XV.

Na língua inglesa, o termo preferido é *travestites*, criado a partir dos estudos do sexologista alemão, Dr. Magnus Hirschfeld, que redigiu a obra “Die Transvestiten”, no ano de 1925. A obra descreve que o termo *transvestite*, está relacionando a pessoas que se vestiam voluntariamente com roupas do sexo oposto. No século XVIII, na Inglaterra, os bailes de máscara proporcionaram um olhar histórico sobre a cultura em torno da figura travesti. Permeado pelo clima de carnaval, os bailes eram marcados pelas transgressões às normas sociais, onde havia uma expressiva luta de classes, possibilitando que os indivíduos pudessem se aproximar de violações das normas sociais definidas para a sexualidade. Conforme Castle (1999), os bailes de máscaras proporcionaram, no século XVIII, a afirmação de novas sexualidades. As transgressões atacaram as rígidas fronteiras de comportamento entre os gêneros, o que potencializou maior individualidade e expressão de desejos sexuais. Naquele período, a figura travesti tomou espaço no centro da Inglaterra, uma expressão do desejo oculto dos indivíduos. Sua figura transgredia os modelos hierárquicos impostos pela norma vigente. As roupas marcavam as diferenças entre homens e mulheres, trocar os vestuários significava ir contra os padrões morais da sociedade. Segundo Castle:

O travesti erotizou o mundo. Não só as pessoas se livraram de suas inibições como também podiam experimentar, hipoteticamente pelo menos, um novo corpo e seus prazeres. A troca de roupa era também uma troca de desejos. O resultado era uma fuga do ‘natural’ – de tudo o que fosse culturalmente pré ordenado – para novos domínios da desordem voluptuosa (CASTLE, 1999, p. 201).

Na trajetória de Adriana Sales, ser travesti e estudante tinha um significado muito importante, marcado pelo sentimento. Segundo ela,

“Como estudante sempre de escola pública, sempre com o sentimento: a busca por essa identidade que eu não conhecia, daquilo que me era apresentado socialmente sobre travestilidade. Aos 10 anos, eu já manifestava o interesse pela hormonização e pelo feminino: cabelo, unha pintada, namoradinho na escola, passei por todos os problemas que todas travestis e transexuais ainda passam até hoje. Com elementos diferentes, mas com a mesma base problemática ,que é o preconceito e discriminação, que é a piadinha.”

Somente na segunda metade do século XX, travestir-se passou a ser pensado como uma identidade sexual. Tudo isso se tornou possível devido a importantes transformações sociais e políticas que ocorreram, principalmente, no final da década de 1960, um período de grande questionamento da sexualidade, do sexo como fonte de prazer e não apenas como dispositivo para reprodução humana e, também, como campo de luta pelo direito à participação política – elemento indispensável à cidadania plena. Embora as travestis estivessem, até os anos de 1960, associados ao grupo dos homossexuais, os estudos acadêmicos demonstraram que há singularidades neste grupo de indivíduos ou de identidades, existindo, por isso, no interior do movimento LGBT, associações próprias de travestis na luta por reivindicações específicas. Travestis se definem, segundo a literatura antropológica mais recente, como sujeitos que transformam e que ornamentam seu corpo com a finalidade de aproximá-lo, pela aparência, ao do sexo oposto (MELLO, CRILLANOVICK, 1999; PATRÍCIO, 2002).

O conceito de travesti, segundo Pelúcio, é o que segue:

As travestis são pessoas que nascem com o sexo genital masculino (por isso a grande maioria se entende como homem) e que procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente sancionado como feminino, sem, contudo, desejarem extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. Via de regra, as travestis gostam de se relacionar sexual e afetivamente com homens, porém, ainda assim, não se identificam com os homens homo-orientados (PELÚCIO, 2009, p. 03-04).

Pelúcio (2007) optou pelo termo e conceito de “travestilidades”, que engloba os variados aspectos que compõem a pluralidade desta categoria de identidade, sinalizando as multiplicidades da experiência do cotidiano das travestis, na construção e desconstrução dos seus corpos, ao invés de “travesti”, “travestismo” que muitas vezes, é visto de forma simplificada e, até mesmo, pejorativa.

Esta mesma autora entende que o termo “travestilidades” afirma a multiplicidade da experiência ligada à construção e desconstrução dos corpos, ainda que exista alguma rigidez no

gênero destes sujeitos. Essa rigidez existe devido às experiências constituídas dentro da heteronormatividade, o que não impede que o corpo da travesti

comporte uma ambiguidade, o que causa incertezas, dúvidas nos códigos de inteligibilidade, pois este é o termo que passou a designar o movimento formado por indivíduos e grupos identificados como de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (PELÚCIO, 2007, p.39).

Normalmente, é na fase da puberdade que as travestis passam pelo processo da construção do “novo corpo”, em geral, a formatação feminina. É um segundo nascimento, conforme a metáfora empregada por Silva e Florentino (1996). Trata-se de um segundo nascimento com um novo corpo, com um corpo feminino, que tem, por sua vez, qualidades e atributos diferentes do corpo da mulher. Elas usam uma série de técnicas, produtos e investimentos para a construção deste corpo e da condição feminina. As travestis realizam grandes investimentos sobre seus corpos, através de roupas, depilação, cabelo, perfumes, cosméticos, próteses, adequações estéticas e hormonais, estabelecendo experiências sociais para a construção da identidade travesti, como revela a professora entrevistada Carla Silva:

“A partir dos 12 anos comecei a ver quem eu era, mesmo com a cultura da minha mãe, homem ao agir, mas mulher ao sentir. Afirmava para ela que era homem, mas lá fora eu era mulher. Aos 18 anos me transformei, sendo uma fase nova na minha vida”.

Segundo Benedetti (2005), o processo de transformação das travestis constitui uma luta pelo que elas chamam de feminino que lhes é próprio, de modo que fabricam formas e contornos femininos, com auxílio da tecnologia e da medicina estética, nos seus próprios corpos. Essas pessoas, em função de sua identidade, criam seu próprio gênero, seus próprios valores relacionados ao feminino e ao masculino. Isso evidencia uma construção social da identidade de gênero própria das travestis. Para Sayonara Nogueira, professora entrevistada

“todas passam por processos de mudanças quando começam a tomar os hormônios indicados por outras travestis; acaba sendo um ciclo de aprendizagem porque é com as outras travestis que aprendemos o hormônio certo que devemos usar... eu aprendi com as outras, com a verdadeira pedagogia do salto alto”.

Um dos artifícios essenciais na vida de uma travesti é iniciar o uso de hormônios. Com a hormonoterapia, as mudanças corporais se mostram mais visíveis e mais definitivas: os seios se desenvolvem, os membros inferiores e superiores da silhueta se arredonda, tanto a cintura como a voz se afinam e diminui a produção e a quantidade de pêlos, especialmente os da barba, do peito e das pernas. A ingestão de tratamento hormonal parece ser a própria decisão de incorporar e dar

publicidade à identidade travesti. Os hormônios femininos são normalmente o primeiro (e para algumas o único) produto a ser acionado com este objetivo. O tratamento hormonal parece ser este veículo que integra e exterioriza as dimensões físicas e morais no universo das travestis, ou, ainda, como as travestis costumam comentar, “o hormônio é como um alimento para o corpo”. É com ele que se adquirem novas características nas formas do corpo, bem como novas particularidades de uma ordem moral, que dizem respeito ao comportamento feminino na sociedade (BENEDETTI, 1998). Outro aspecto importante é que as travestis percebem o corpo não apenas como atributo social, mas como sua verdadeira identidade social, pois este processo faz parte, inclusive, da sua formação pessoal (BENEDETTI, 2005). Contudo, estudos referentes às travestis (do corpo masculino para o corpo feminino) consistem em homens que produzem modificações em seus corpos com o objetivo de torná-los femininos e de fazê-los parecer com os de mulheres, sem, no entanto, visar à cirurgia de transgenitalização (BENEDETTI, 2000). A professora entrevistada Adriana Sales relata que sua identidade travesti se formatou através dos hormônios:

“eu começo a dar um tom mais forte desta travestilidade: assumo com seios, os hormônios se tornam mais fortes, os relacionamentos amorosos sexuais sempre com uma identidade mais definida, até mesmo porque [era] um sujeito com 16-17 anos, daí adentro numa universidade”.

No entanto, as travestis vieram ao mundo para jogar o gênero de cabeça para baixo, pois as questões de gênero passam a ser questionáveis quando afirmam que não querem ser homens nem mulheres, reivindicam a identidade travesti sem pensar num terceiro sexo. As travestis, como afirma Benedetti (2005), ao investir tempo, recursos e suas próprias emoções nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem: é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos. Assim, as travestis produzem e reproduzem em seus corpos os signos do feminino, numa ação que elas denominam de “montagem” e, nesta operação, utilizam roupas, adereços e *lingeries* femininas. Reconfigurando o próprio corpo e alterando o nome, esses sujeitos manipulam e reconstroem os gêneros, quebrando a ideia da existência de categorias identitárias binárias, fixas e imutáveis. Ainda conforme o autor, em volta da travesti existe uma dupla identidade. A primeira que é a identidade própria, envolvida pela constante procura da beleza, de vestidos atraentes, da maquiagem perfeita, torna sua exposição

forte e, em alguns casos, extravagante. A segunda, a identidade criada pela sociedade, no exato momento em que a travesti sai de casa e, em muitos casos, ela é alvo de chacotas, risos, preconceitos, piadas e tons irônicos. Como elucida Silva (1993, p.41), “a travesti tem dupla pele: a de purpurina e a de humilhação. Em que ordem não se sabe. Ou talvez numa pele só, tecida pelos dois ingredientes”.

Nesse sentido, ao mencionar que o principal trabalho da travesti é a correção de sua própria natureza, Silva (1993, p. 37) traduz a transformação do modo das travestis concretizarem sua feminilidade: as roupas, acessórios, sapatos desprendem do exagero, possibilitando o trânsito do papel mulher. Essa interiorização comporta gestos, sutilezas, estratégias amorosas, que tornam ainda mais socialmente convincentes o desempenho ou a performatividade desses sujeitos (BUTLER, 2003). Segundo a professora entrevistada, Carla Silva

“A questão que eu era mulher e queria ser chamada da forma feminina. Da forma de mulher. Impunha que me chamassem daquele jeito, pois isso me fazia bem. Quando me chamavam pelo nome masculino, fazia de conta que nem era comigo, tentando fazê-los entender que eu era uma pessoa e merecia respeito”.

Essa fala comprova que a travestilidade pode ser vista como o processo de construção do feminino. Essa identidade pode ser muitas vezes *glamourizada*, ligada historicamente à noite e às artes dos palcos, mas se constitui como “fruto histórico do asfalto e das grandes aglomerações urbanas”, como descreveu Silva (1993, p. 39). Essa percepção se vincula à vida urbana da trajetória de tantas travestis que buscam, no anonimato das cidades, um espaço para viverem de acordo com suas identidades.

Sobre a questão da marginalização da travesti, sobretudo em função do fato de a identidade travesti estar comumente ligada à prática da prostituição, a professora Geanne Greggio, em entrevistas *online*, afirma não ser contra quem pratica a prostituição, “mas fica complicado ganhar respeito quando se exhibe o corpo quase nu na rua para atrair cliente. A sociedade não vê isso com bons olhos”. Por outro lado, a professora Adriana Sales, abordou a prostituição como uma escolha e não imposição

“temos travestis e transexuais graduados e pós-graduados, mas é preciso que isso seja uma constante, porque se fizermos uma pesquisa, a maioria de nós é prostituta. Isso precisa mudar, que exista outras formas de trabalho e que a prostituição seja garantida como todas as pessoas que tentam se enquadrar ao padrão regular e social. Eu sou professora, meus alunos me chamam de Tia Adriana, eles me respeitam e aceitam a minha opção de vida”.

Para Marcelly Malta, entrevistada em um jornal *online*,

“todas as travestis têm o direito de trabalhar e ingressar no concurso público independente do gênero. Eu sou funcionária pública há cerca de 30 anos, exijo e me dou o respeito. Não devemos só pedir, mas nos dar o respeito a essas pessoas. Atualmente coordeno um posto de saúde, sou líder da área de saúde, uma conquista para nossa classe”.

As transformações do corpo e da estética da travesti envolvem elementos heterogêneos, que interferem no direito de acesso a bens e serviços de qualidade ou, ainda, de escolhas frente à proteção e garantias de sua qualidade de vida, tais como apontam as pesquisas de Benedetti (2000), Peres (2005) e Pelúcio (2007). Um dos aspectos fundamentais dos processos de transformação experimentados pelas travestis é a condição socioeconômica e cultural do/da travesti que deseja passar pela transformação que, muitas vezes contribui para transformá-la em alvo da violência estrutural. A ausência de mínimas condições socioeconômicas traz conseqüências que variam da estigmatização, à discriminação, exclusão, violência e morte.

A título de exemplificação, diante da falta de condições econômicas adequadas que permitam moldar seu corpo com próteses de silicones e incisões cirúrgicas, muitas delas se submetem a um processo alternativo de “escultura” corporal, realizado por outra pessoa (normalmente travesti) chamada bombadeira (que injeta silicone industrial em outro corpo), muitas vezes sem nenhuma assepsia, submetendo-se a riscos de infecções ou até de morte súbita. Mesmo diante de riscos e incertezas, as travestis transformam seus corpos movidos por um forte desejo, mesmo que seja através das sensações de prazer e de dor. Essa, talvez, seja a maior prova da questão identitária da travesti, pois essas pessoas se submetem a tratamentos pouco confiáveis e/ou ortodoxos com a finalidade de parecerem fisicamente com a pessoa que se sentem ser.

Segundo a professora entrevistada Adriana Sales

“nós temos um investimento social, um investimento pessoal e é um processo árduo. Além de trabalhar para sobreviver, a gente tem que encontrar subsídios de manutenção da nossa página. Principalmente no nosso país conseguir isso. Eu adquiri minhas próteses há 3 anos, nunca gostei de reposição hormonal justamente por ser gordinha e não ter as formas desejadas”.

Assim como ela, muitas vivem estes processos e acabam tendo desafios comuns de sobreviver aos padrões determinantes. Paralelamente, minhas informantes vivem nesta fronteira da identidade; dentre a grande maioria das pesquisadas, não está claro qual identidade se estabelece nas entrevistas, com exceção das que se identificam. Parece que elas se entendem



como pessoas que vivem as suas sexualidades e suas identidades; no entanto, não demonstram nenhum problema em viver nesta fronteira entre ser travesti e ser transexual. Tudo indica que, no caso delas, as identidades ainda se reorganizam a todo tempo, conforme relato da professora Adriana Sales, que diz em sua entrevista ser travesti, mas, em outro momento, ao chegar em um evento organizado pelo movimento *trans*, afirma que acordou mais transexual naquele dia, pois estava se sentindo mais mulher. Também não é possível enquadrar em caixinhas e gavetas essas identidades que são, na maioria das vezes, muito próximas e com características comuns entre si. Ao ouvir a fala de Adriana Lohanna, é possível inferir que, ao relatar sua história, cita como se vivesse vários estágios de várias vidas, ou ainda, que inicialmente se entendia homossexual, depois se percebia uma travesti – pois se travestia com roupas femininas – e que só atualmente entendeu ser uma transexual. Foi um processo de maturidade que construiu ao longo do seu tempo e do seu entendimento sobre sexualidades.

### 2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE: TEXTO E CONTEXTO

Início essa seção diferenciando gênero e sexualidade, ainda que ambos se constituam em dimensões extremamente articuladas. Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. Por outro lado, o conceito de sexualidade é utilizado, nesse contexto, para se referir às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põem em prática para realizar seus jogos sexuais (LOURO, 2000).

O que é gênero? Como viver estas formas de representação do que é feminino e o que é masculino? Dentro deste contexto, proponho uma discussão mais aprofundada no entendimento no recorte travesti e transexual. Para as travestis que se entendem como gênero feminino, mas que biologicamente nasceram com o sexo masculino e pretendem mantê-lo, percorrendo esta fronteira, podemos pensar neste binarismo que norteia suas vidas. Como pertencentes a uma identidade própria e singular, elas se sentem muito bem e tranquilamente se reconhecem como femininas. Vivem o feminino todo tempo o que demarca em suas atitudes, roupas e acessórios

pertencentes ao gênero. No entanto, fica muito claro que as formas de viverem seus prazeres e desejos sexuais são múltiplos e infinitos. Essa é a diferença básica na identidade travesti. Elas trazem todas as marcas do gênero feminino, mas não se intimidam nas relações que demarcam a sexualidade. Realizam suas fantasias prazerosas sendo ativas, na maioria das vezes, nas relações tanto com homens, quanto com mulheres. Este jogo que acaba virando um negócio, um trabalho é comum ouvir das próprias travestis, que se sentem mulheres com algo a mais ou mulheres completas porque têm *peitos* e *pau* e podem realizar todas as fantasias sexuais imagináveis para as pessoas que vivem no mercado do sexo e da prostituição. Falar de gênero ou como ele representa cada um dos seus autores no contexto da vida é trazer um pouco deste atravessamento que as travestis vivem.

Ao contrário, as pessoas transexuais que nasceram biologicamente com um sexo e no decorrer da vida se dão conta e passam a viver entendendo-se do sexo oposto buscam normatizar as questões de gênero trocando o próprio sexo biológico ou rejeitando a ponto de não ter prazer nenhum com ele. É importante observar também que as diversas maneiras de sermos femininos ou masculinos estão além do que se propõe a heteronormatividade. Quando iniciei minha vida escolar, algumas falas eram ditas a todo tempo como se isso fosse uma padronização do gênero. A professora da 1ª série do ensino primário, ao passear pela escola, no primeiro dia de aula, na frente dos banheiros dizia que os meninos deveriam ir onde está o boneco desenhado e as meninas deveriam ir onde estava a boneca. Isso era o certo! A fila era de meninos e outra de meninas, mesmo que a de meninos era maior pela quantidade de alunos do sexo masculino estar na lista de chamada. Ah! E o caderno de chamada também classificava pelo sexo, masculino primeiro e depois feminino, onde a professora fazia o controle diário das presenças e faltas de cada um. Era comum ela ainda dizer, que as classes eram organizadas da seguinte forma: divididas em cinco fileiras de cinco ou seis classes onde os meninos sentavam em uma fila, um atrás do outro e as meninas sentavam e outra fila, alternando as filas. Foi graças a este tipo de classificação que me apaixonei pela primeira vez por um colega menino e por muito tempo convivi com este amor. Ele sentava atrás da minha classe e também ele ficava atrás de mim na fila de meninos. Ele era muito engraçado, o que fazia todas as meninas gostarem dele, inclusive eu. Nunca falei nada para ninguém, porque era muito feio eu gostar de um menino. Isso não era normal: eu sentir atração por alguém como ele. Eu tinha um jeito de menina e todo tempo as pessoas perguntavam se eu era menino ou menina, principalmente para minha mãe. Eu brincava

com as meninas o tempo inteiro, gostava de brincar de boneca e casinha. Quando conversei com minhas informantes, as histórias se repetiam. Brincadeiras com meninas, bonecas e casinhas eram normais para as professoras transexuais e travestis entrevistadas. O gênero feminino, neste contexto, é observado e caracteriza uma construção de outro sujeito. Este sujeito que se identifica com um gênero que não é o seu biológico.

### **3 EDUCAÇÃO, CURRÍCULOS E PEDAGOGIA DO SALTO ALTO**

Em 1997, quando o MEC (Ministério da Educação) lançou, com os PCN, o tema transversal chamado de Orientação Sexual, as discussões sobre sexualidade humana encontraram espaço quase que exclusivamente nas aulas de Ciências e Biologia e no trabalho isolado destes professores e professoras. A Educação Sexual não constitui uma disciplina específica, de caráter curricular obrigatório e tornou-se insuficiente, quando confinada nestas disciplinas. Fortemente associada ao corpo humano e aos aparelhos reprodutores, esta modalidade se baseava – e ainda se baseia, em grande parte – nos conteúdos disponíveis em livros didáticos de Ciências. Hoje, com esta transversalidade assumida por muitas escolas, o livro didático de Ciências tem sido incorporado a outros aliados, como os livros paradidáticos. Todos estes materiais, além de se constituírem artefatos de cultura no espaço escolar, podem ser considerados como elementos das pedagogias e dos currículos, produzindo conhecimentos e contribuindo para produzir identidades culturais. Essa produção se dá em meio a determinadas relações de poder e baseia-se em certas representações dos gêneros e das sexualidades, marcando identidades e diferenças. Tais representações regulam estilos de vida e práticas individuais. Potencialmente inseridos nos currículos escolares, os livros paradidáticos são, também, instrumentos de uma política educacional que inclui o saber e certas identidades, tornando suas representações visíveis.

Para Furlani (2005), o livro é um produto cultural e pedagógico importante; é onde os significados de gênero e sexualidade são marcados, contestados e rearticulados. Professores e professoras podem olhar para as representações, buscando discutir seus possíveis efeitos, tanto nas produções de identidades culturais, quanto nas discussões sobre Educação Sexual. Crianças, jovens e adultos da comunidade escolar poderão se expressar como gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, a partir de determinadas garantias sociais. Diante da violência promovida pelo heterossexismo, é preciso assegurar que essas cidadãs não serão submetidas à humilhação, à violência ou a algo similar. Assim, com base na noção de diversidade sexual, as crenças sobre as sexualidades precisam ser continuamente questionadas. Para isso, é necessário reafirmar o princípio de laicidade do Estado, algo que nos permite entender a escola de uma forma específica.

Entendemos que a escola, estatal ou não, pertence ao público e é lugar de discursos que lutam para influenciar o processo de ensino e aprendizagem dos cidadãos e das cidadãs. Isso que

dizer que, mesmo uma escolar particular (não estatal), no Brasil e nas demais comunidades que se afirmam democráticas, estabelecem seus critérios educacionais a partir desses discursos, pois todos os grupos sociais deveriam ter o direito de se manifestarem na comunidade política. Essas lutas – entre as quais temos grupos contrários e favoráveis aos direitos da comunidade LGBT – podem alargar a esfera civil, enquanto pertencerem ao público, ou limitar essa esfera, se ficarem ocultas pelo pacto do silêncio. Os temas da sexualidade reduzidos a aulas específicas, orientados de modo a negar a diversidade sexual, contribui para a negação dos direitos de cidadania e direitos humanos LGBT (BRASIL, 2009).

Os discursos que promovem ou praticam a humilhação, a exclusão e a violência contra a população LGBT opõem-se aos direitos de cidadania, pois impedem que alguns desfrutem desses direitos. Essa constatação denuncia a concepção de cidadania como privilégio de alguns em detrimento de outros e a existência do preconceito na comunidade democrática. Essa forma de exclusão permanece, muitas vezes, invisível nas hierarquizações do preconceito social (MACHADO; PRADO, 2008).

Essas hierarquizações podem ser observadas nas piadas que depreciam a população LGBT, na ausência de personagens LGBT nos livros didáticos, nas agressões físicas e psicológicas cometidas devido à orientação homo e bissexual, entre outras. Essa hierarquização atinge de forma diferente os LGBT. Um jovem gay e outro que seja transexual serão atingidos de maneiras diferentes; uma jovem lésbica que assumiu publicamente seu namoro será mais aviltada do que aquela que se privar da expressão de sua orientação sexual. O preconceito é moldado de acordo com as hierarquizações sociais, inclusive étnico-raciais, de classe econômica, de gênero, etc. Dentro desta perspectiva, percebe-se, que ainda há um grande déficit no que diz respeito à produção de materiais que possam dar suporte aos professores para as discussões em torno da Sexualidade e das formas com que ela se apresenta na escola, principalmente nos processos de desenvolvimento, nas questões de gênero, orientação sexual, preconceito e discriminação.

Os processos relacionados com a sexualidade, ao gênero, aos relacionamentos e ao corpo reconfiguram-se e recompõem-se, formando arranjos e assumindo significados diversos. Não existem abordagens únicas, o leque de análises sobre esses temas na contemporaneidade é bastante amplo e diversificado.

### 3.1 NOSSOS KAKAKÁS COMBINAM MAIS COM DIREITOS HUMANOS DO QUE COM BIOLOGIA

A teoria cultural tem sido fundamental para a construção de uma política de identidade, no sentido de que põe em discussão determinados saberes sobre homens e mulheres e sobre a sua sexualidade, ao mesmo tempo em que constrói e disponibiliza novas formas de viver o masculino e feminino e a sexualidade desses e dessas, que não sejam somente as formas hegemônicas. A exemplo disso, uma escola estadual em Porto Alegre desenvolveu um projeto com adolescentes entre 11 e 17 anos, contemplando propostas relacionadas ao tema deste programa, que sintetizam um processo que pode ser implantado em outras escolas brasileiras.

Este exemplo traz aspectos direcionados ao tema e, em síntese, o projeto tinha como título “Diga não à homofobia escolar – valorizando as singularidades e as diferenças”, sendo que desenvolveu propostas de Educação e Direitos Humanos, trazendo para o cotidiano da sala de aula temas como Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual, Homofobia, Preconceito e Cidadania, numa visão contemporânea onde o aluno foi o sujeito das ações.

Na busca de uma melhor qualidade de vida para o ser humano e por acreditar que através da Educação conseguiremos atingir e conquistar direitos humanos igualitários e respeito às singularidades e a promoção da cidadania, este projeto visou oportunizar experiências na área de educação sexual e de gênero, onde as atividades desenvolvidas partiram das temáticas trabalhadas como eixo transversal, nas disciplinas já citadas. No ambiente escolar, o preconceito, a discriminação e as práticas discriminatórias ofensivas se relacionam diretamente com o desempenho dos alunos/as. Quanto maior os índices de preconceito, menor o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da escola (Brasil, 2009b). Educadores/as podem analisar, em sua experiência, como as ações de sua comunidade escolar podem se tornar parte da luta pela Cidadania e Direitos Humanos LGBT, ainda não efetivados no cotidiano escolar. As assembleias, fóruns com pais e mães, espaço de diálogo com alunos e alunas e demais membros da comunidade escolar são iniciativas de democratização da escola: passo necessário à socialização da cultura de paz. O grande desafio é levar para a escola uma compreensão que os Direitos Humanos são universais, portanto todos/as – idosos/as, crianças, mulheres e homens – são sujeitos de direitos e, nesse sentido, a população LGBT não pode ser excluída da escola. Essa exclusão se dá de muitas formas: através de piadas depreciativas, agressões físicas e verbais, falta

de apoio, etc. A violência física contra LGBT na Educação pode estar diretamente relacionada ao fato de o Brasil ser um dos países com os maiores índices de assassinados de homossexuais no mundo (MOTT, 2010).

A escola é um espaço onde a sexualidade se manifesta, e mais, onde se produzem comportamentos, onde se instigam ou superam preconceitos, onde se difundem conhecimentos e valores e, como papel formativo, a escola tem a responsabilidade de superar os preconceitos e de fomentar a defesa irrestrita dos direitos humanos. Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceitos e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia. São dificuldades que se tramam e se alimentam, radicadas em nossas realidades sociais, culturais, institucionais, históricas e em cada nível da experiência cotidiana (JUNQUEIRA, 2009). Assim, dentro desta visão e consciência de que a escola e os profissionais da educação têm em relação ao trabalho direcionado aos direitos humanos e à contribuição para ampliar os horizontes, tem de ter, também, o cuidado para que isso não desenvolva uma rede ainda maior de preconceito e discriminação, reforçando as ideias sexistas, racistas e homofóbicas. Ainda assim, a escola é um espaço para as construções de novas aprendizagens, convivências, produções de conhecimentos, sobretudo se forem ali provocados temas e discussões sobre as diferentes culturas, valores, representações e práticas ligadas à homofobia, preconceito e violências de todas as ordens.

Dentro deste propósito de elaboração de ações pedagógicas que irão contribuir e garantir a efetiva inclusão de conteúdos relacionados aos direitos humanos dentro de um eixo interdisciplinar, tendo, nesse sentido, como pauta de trabalho as questões ligadas aos próprios direitos humanos e à diversidade sexual, faz-se necessário delinear que o objetivo principal é a inclusão e criação de um ambiente de respeito às diferenças, bem como o convívio e valorização dos grupos, independente da sua cultura, crença ou orientação sexual. Esse enfoque também pode contribuir para que a escola se torne um ambiente de socialização em Direitos Humanos (DIAS, 2007), mas, aqui, com um olhar específico que lida com a Cidadania e os Direitos Humanos LGBT. Assim, é necessário que se afirmem estas questões ligadas ao tema ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, reforçando e levando as discussões à comunidade escolar, dando um enfoque de visibilidade que seja capaz de gerar uma aprovação e um alcance muito maior.

A metodologia aplicada propôs intervenções a partir de experiências, considerando as idéias de Piaget (1994) e Vygotsky (1988), onde o aluno é o sujeito de interação e construção do aprendizado. As ações pedagógicas desenvolvidas foram planejadas e executadas com as séries finais (5ª a 8ª séries) do ensino fundamental (de oito anos) nas disciplinas de Artes e Ética e Cidadania (anteriormente denominada Ensino Religioso) no período de dois anos (agosto de 2008 a julho de 2010), sendo que algumas propostas eram planejadas e aplicadas em turmas específicas, devido à idade dos/as alunos/as. O período semanal das aulas para aplicação das atividades do projeto era de cinquenta a cem minutos, aproximadamente um a dois períodos por turma, num total de 400 alunos/as envolvidos/as. Algumas ações também foram desenvolvidas em parceria com grupos, movimentos sociais e pessoas convidadas, em especial, com a participação do grupo SOMOS – Comunicação, Saúde e Sexualidade. As propostas foram realizadas envolvendo formação de professores/as, encontros com alunos/as e o lançamento da Cartilha de Educação Sexual elaborada pela ONG. No que diz respeito à avaliação, a proposta de uma avaliação quantitativa não seria, no presente trabalho descrito, um resultado satisfatório; nesse sentido, a avaliação foi analisada do ponto de vista qualitativo, fato que contribuiria para que a avaliação fosse, também, inclusiva.

Com este projeto, percebeu-se uma mudança progressiva de comportamentos e atitudes, diante do tema especificamente tratado em diversas atividades: a homofobia e o preconceito com as minorias e os ditos “diferentes”. Conforme relato de pessoas da escola, onde ocorreu o projeto, não se percebeu, ao menos a curto e médio prazo, grupo de meninos agredindo fisicamente ou verbalmente meninos gays, como era frequente até então. Também foi percebida uma diminuição de palavrões com ofensas homofóbicas, que causavam mal estar. As brincadeiras – chamadas “arreganhos”, pelos alunos – simplesmente acabaram, no sentido preconceituoso e homofóbico. Um novo olhar abriu-se nas aulas, onde se iniciou um respeito maior pelo outro e onde os supostos diferentes foram incluídos e permaneceram neste espaço, pretendido democrático, chamado sala de aula. Acreditamos que estes/as alunos/as estão mais instrumentalizados/as para evitar e/ou gerar violência contra pessoas LGBT ou contra as minorias.

A temática e as propostas não foram interrompidas nesta escola; pois se entende que, em Educação, jamais conseguiremos parar com estas discussões que lidam com o dia-a-dia das pessoas, da sociedade e da vida em geral. Isso significa dizer que as questões de direitos humanos, sobretudo em relação aos sujeitos LGBTs, deve ser um projeto curricular de uma escola, presente



ao longo de todos os anos letivos. Haverá outros/as alunos/as, bem como novos grupos que se formarão e a proposta seguirá incansável e infinita.

Com trabalhos como este, anteriormente citado, acredito que, ao irmos além de uma educação sexual confinada em determinadas disciplinas, possibilitamos colocá-la no eixo central da Cidadania e dos Direitos Humanos. Assim, favorecemos com que a comunidade escolar seja capaz de analisar a sexualidade da população LGBT num viés além do biológico. Ganhamos sabedoria, valores, respeito e consciência de que o mundo, tanto dentro da escola ou fora, é a soma da diversidade e pluralidade, e que, ao respeitar as singularidades e valorizar a vida, estamos construindo um mundo melhor para todos/as, sem exclusão, pois todos usufruímos da dignidade humana. Ou não?

### 3.2 A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO: QUE PEDAGOGIA É ESSA?

A pedagogia já foi título de vários trabalhos e várias pesquisas. Alguns autores, como Sandra Corazza e Paulo Freire, já costuraram a pedagogia há vários temas; no entanto, a pedagogia sobre o salto alto acabou sendo uma proposta inédita, vindo de uma professora transexual que dialoga com outras professoras transexuais e travestis dentro da área da Educação. A pedagogia do salto alto é uma pedagogia do equilíbrio, da eterna instabilidade, nela tem desejo, tem sexualidade, coisas que não são bem vindas na escola, embora estejam dentro dela o tempo todo (SEFFNER, 2013).

Na busca por esta pedagogia diferente que provoca tensão, cria-se uma nova abordagem dentro da escola e reflete sobre a educação dentro do contexto da sexualidade e das relações de gênero; falar de salto alto é caracterizar novos agentes, de novos olhares, buscando outras proposições acerca das relações humanas e de sociedade como um todo.

Quando falo em salto alto, não imagino que todas as professoras transexuais e travestis usem tal acessório; no entanto, contextualizando a busca por uma feminilidade, proponho o uso do salto alto como uma metáfora na condição de representação do feminino que idealiza tal acessório como elemento do seu cotidiano. Assim, propor uma pedagogia do salto alto é provocar inquietações e conflitos trazendo personagens que, de uma forma ou outra, poderão ser formadores e adultos de referência. Adultos que poderão ser referencial para qualquer sujeito em formação, principalmente na perspectiva contemporânea.

Ainda assim, questiono que lugar é esse onde estaria inserida esta pedagogia. Estaria ela ligada a outras questões da vida, que giram fora dos portões da escola? E qual seria seu papel na construção desta sociedade que a todo instante muda, assim como se mudam os pensamentos, valores e conceitos no século XXI?

Para iniciar a reflexão, retomo os vários espaços que já percorri, falando sobre processos de educação, inserção de professoras *trans* nas escolas e toda experiência no campo da Educação. Com isso, alguns estranhamentos acontecem e parece que isso se torna uma piada, história de ficção. Dizer que outros agentes estão provocando alguns nós ou desatando outros nas escolas é dizer que a pedagogia esta inserida num novo campo, agora para aquelas e aqueles, considerados “diferentes” pertencentes a um determinado grupo culturalmente reprimido e agredido, ou também dito pertencer às minorias.

Uma roda de capoeira foi um dos espaços onde a pedagogia do salto alto foi marcada. Em uma conversa sobre corpo, gênero e sexualidade, com um grupo capoeirista, em Porto Alegre, muitos questionamentos em torno dos temas foram apontados e discutidos por algumas horas, em uma noite, com pessoas de todas as idades. Esta troca de conhecimento além dos muros da escola é muito rica e expressa uma apropriação de um tema muito novo e, de certa forma, instigante que diz respeito ao corpo humano. Da mesma forma que essa pedagogia do salto alto esta inserida dentro do contexto escolar, ela avança para uma nova performance, muito além do previsto. Quando vejo professoras transexuais e travestis em eventos da área de Educação, percebo que tal pedagogia é uma forma de tornar visível uma população que até bem pouco tempo servia apenas como objeto de estudo. Hoje, podemos encontrar essas pedagogias em vários pontos de tensão dentro da sociedade, seja em salas de aula, sejam em secretarias de educação ou até mesmo em lugares onde o tema é abordado e trabalhado.

O que cabe aqui é refletir que tipo de professora usaria este salto alto. Seriam aquelas que realmente mostram ações pedagógicas pertinentes aos temas que abordam relações humanas, sociedade e culturas diferentes? Ou aquelas que se preocupam em vencer conteúdos, menos significativos dentro do contexto social, no qual o aluno é um sujeito que não tem condições de comungar ou sequer refletir sobre seu verdadeiro espaço e papel na sociedade contemporânea? Ou seria aquela que rompe com alguns padrões e modelos de uma educação conservadora e muito tradicional? Ainda estamos buscando as respostas a todas estas questões que a Pedagogia – como disciplina de estudo – não deu conta até hoje. Vejo pelas experiências e vivências

profissionais que a escola precisa ser reinventada, questionada, sexualizada e quem sabe “*transformada*”: uma escola alicerçada em direitos e deveres humanos. Uma pedagogia do salto alto provoca um mal estar no conservadorismo e no tradicionalismo desta escola criada para um determinado público, muito além da realidade de hoje. Imagino que esta pedagogia possa, sim, através da postura ética, dar conta de atender uma demanda voltada para o social, retomando o sentimento e a essência dos alunos que precisam reaprender valores e novos conceitos. Esta forma de ensinar, trazendo professores transexuais e travestis para a sala de aula, poderá torná-los, assim como outros tantos professores heterossexuais, adultos de referência.

Quando pergunto quem usaria este salto, refiro-me a quem realmente pode-se buscar como referencial ou um tipo de modelo saudável para nossa educação, já que as regras mudaram e a escola deveria viver um espaço dentro da diversidade que a mantém. Segundo Guacira Louro, em sua palestra de abertura do ano letivo de 2013, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a escola ainda está muito além do seu trabalho, pois aqueles alunos que são ditos diferentes sofrem o dia a dia do preconceito e da discriminação. Para eles, a escola é um espaço traumático e, muitas vezes, é irrecuperável. Tenho medo de ser esperançosa demais, como o próprio mestre Paulo Freire foi ao escrever a *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992). Ao mesmo tempo, esperar que as ações pedagógicas possibilitem uma abertura e um diálogo vivendo processos de aprendizagem significativos nas áreas de direitos humanos poderá dar conta dessas necessidades.

Ao ouvir minhas informantes e suas histórias, modelos vividos no decorrer das suas aprendizagens como alunas, percebi que elas tiveram o mesmo olhar quando citaram as suas experiências como professoras, são as posições que elas construíram em relação ao contexto escolar no qual elas estão inseridas. No exemplo da professora Adryana Souza, que foi mais além, pois como diretora detém um empoderamento diante da sua comunidade escolar, senti a posição deste salto alto e o impacto dele para a reconstrução de escola. Uma sindicância a colocou neste poder de reconstruir uma escola: uma escola que foi dirigida pela incompetência de gestores e que hoje tem a frente uma transexual; uma escola de periferia na cidade de Porto Alegre, com sérios problemas sociais, inclusive a violência e o tráfico de drogas como um fator relevante a ser observado. Com o título de “a poderosa da Bonja”, Adryana protagonizou um novo andar de salto alto. Conquistou, inclusive, os líderes comunitários e os “arrastou” para dentro da escola. Buscou diálogo até com pessoas envolvidas com o tráfico de drogas e mostrou, com a pedagogia do salto

alto, que é possível tornar a escola um espaço de protagonismo, estando muito bem organizada e articulada com diversos sujeitos que nela participam. Acostumada a lutar e vencer, Adryana fala, ainda, que desde a saída de sua cidade Itaqui e a ida para outra cidade – Santa Maria – foram tempos de luta, mas abriram duas possibilidades, dois roteiros de vida.

“quando eu vim para Santa Maria, foi minha liberdade. Fui fazer filosofia (sou formada em filosofia) e a própria faculdade me mostrou os caminhos que eu poderia percorrer. Aí eu percebi como eu queria ser – um menino que gosta de outro menino ou me transformar numa menina que gosta de menino. Fiz vários trabalhos de reflexão, me dei conta de todos os caminhos e escolhi o mais difícil. Você tem que se mostrar feminina e ser respeitada. Como ser respeitada. Uma tarefa árdua. Aquele processo de falar com a mãe e a mãe fazer a mediação com o pai. A mãe chorou obviamente, mas disse como uma sábia mulher ‘eu te fiz pro mundo e eu quero que tu sejas feliz neste mundo, não importando como e tu é porque eu vou continuar te amando mas tu sabe que não vai ser fácil’. Mas entrou toda a doutrina espírita dela e tal. E foi muito engraçado que a partir desse dia ela começou a me chamar de ‘nêga’ e ela me chama até hoje”.

Essa cumplicidade entre as mulheres, mães e filhas *trans* foi percebida em diversas situações entre as minhas informantes, exceto Adriana Lohanna que não tinha o entendimento da mãe, a ponto de perder suas roupas femininas queimadas por ela.

Assim como Adryana em Porto Alegre, Carla, no Rio de Janeiro, atua na Educação de Jovens e Adultos em uma região periférica onde essas dificuldades acabam sendo inseridas dentro do espaço escolar. Mesmo atuando em uma instituição particular, no caso, o Sesi, ela vive seu outro cotidiano andando pelas ruas como agente de saúde comunitária, atuando dentro das comunidades lideradas pelo tráfico e pelas diversas situações quase impossíveis de serem imaginadas e andar de salto alto. No entanto, seu trabalho tem uma relevância no âmbito social e político comunitário. Professora alfabetizadora, ela traz consigo a experiência de um grupo que não estudou no seu período normal e, agora, o faz com muito esforço, pois são adultos que trabalham durante o dia e estudam à noite e ela está mostrando que tem competência para ensinar, alfabetizar adultos e poder garantir-lhes uma vida de dignidade e cidadania. Carla também atua firmemente no seu trabalho de agente comunitária de saúde indo nas casas nas comunidades carentes do Rio de Janeiro. Orienta a população sobre os cuidados com água, saúde e doenças mais comuns que atingem as populações mais pobres, além da prevenção e do uso de preservativos, projeto que desenvolve com mulheres da comunidade.

Adriana Sales trabalha na Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso onde a pedagogia do salto alto atinge outros educadores e as formações continuadas são seu foco de

trabalho. Dedicar a maioria do seu tempo trabalhando com os temas de Direitos Humanos onde sensibiliza seus colegas a trabalharem com a temática e exige projetos a respeito desse tema.

Neste sentido a própria pedagogia e suas nuances buscam entender como podem acontecer tais processos de inserção de personagens, como estes, que pelo preconceito e estigma eram entendidos como não pertencentes à escola. Estes mesmos personagens que viviam nas ruas, nas calçadas e totalmente a margem dos espaços educativos podem estar à frente de processos viáveis e possíveis de acontecer. Acredito que isso tudo seja paixão. Assim como Madalena Freire nos conta sobre a paixão de conhecer o mundo, em livro editado nos anos 1990, que nos faz mergulhar nas histórias contadas em sua pedagogia infantil, posso afirmar que a pedagogia exercida pelas professoras transexuais e travestis carrega um pouco dessa paixão, deste amor pelo trabalho, da dedicação e do esforço por estar ali vivendo estas experiências. No brilho dos olhos e no sorriso de cada uma das minhas entrevistadas, pude perceber que elas não estão ali como objetos de estudos científicos ou biológicos, e, sim, pelo fato de ensinar, mostrar-se presente, atuante e com uma dedicação aquilo que idealizaram nas suas vidas. Falar da pedagogia do salto alto é um viver travesti e/ou transexual no cotidiano de uma escola, a gritaria dos corredores, as vivências e relatos. É, sem dúvida, entender o que muitos professores não entendem ou não querem entender.

Quando Adriana Lohanna retorna a universidade para fazer Serviço Social e atuar com projetos especiais em Educação, ela traz um pouco dessa pedagogia do salto alto que também quer orientar e auxiliar seus alunos e sua comunidade no convívio de diversas situações vividas no cotidiano. Demonstrou toda a superação e venceu os obstáculos encontrados. Para Andréia, a forma de viver uma pedagogia diferente é mostrar que ela é a própria pedagogia reinventada e transformada dentro da escola. Ela, de certa forma, relata sua experiência dizendo que transexuais e travestis são protagonistas desta nova forma de educar para a vida, principalmente de adolescentes que vivem e que necessitam o tempo todo dialogar. Brenda aponta que necessitamos uma pedagogia que atenda as expectativas de grupos diferentes e que possa dar conta dos temas pertinentes para a escola e para a própria Educação. Ela ainda argumenta que, por ter vivido as experiências da sexualidade muito cedo, sua história de vida também pode ser exemplo de ensinamentos. A professora Sayonara que leva os alunos ao *shopping center* nos finais de semana e que fica com eles na sua casa quando os pais pedem, faz da pedagogia do salto alto uma extensão da sala de aula. Porém ela sente vontade de ousar, criando novas formas de trabalho.

Durante a entrevista, ela falou sobre a solidão da profissão enquanto professora *trans* e reclamou que os colegas não conversam muito com ela. Também comentou que sente falta de troca de experiências e diálogo e que muitas vezes fica insegura por isso, pois se sente uma ilha.

Quando vejo professoras *trans* dentro das escolas ou lugares marcados por um tipo de aprendizagem, reconheço que aquele lugar tem um olhar sensível às questões de gênero e de respeito. Entendo que o lugar ocupado por aquela professora tem um significado positivo no aspecto social e cultural e, se ela permaneceu neste espaço, é porque a própria escola ressignificou seu plano político e pedagógico de atuação. Se a professora transexual ou travesti venceu o preconceito e não se intimidou diante da sua condição de vida, demonstrando segurança e exigindo seus direitos, conquistou os grupos e manteve seu *status*. Se ela foi convidada para ser conselheira de turmas ou paraninfa de formaturas é porque sua pedagogia e seu andar de salto alto ainda têm importância, valor ético e profissionalismo evidenciados. Se hoje as professoras transexuais e travestis que venceram todo o tipo de preconceito e estigma têm competência para exercer sua docência com coragem é porque, apesar de tudo, não desistiram nunca de serem professoras, argumento que todas as entrevistadas falaram, pois já manifestavam interesse desde a infância, muito característico da profissão que expressa maternidades ou cuidados.

Na tentativa de selecionar o conhecimento que pode ou não ser trabalhado no currículo escolar, temas relacionados ao corpo, aos gêneros e às sexualidades são, muitas vezes, considerados inapropriados para serem debatidos na escola e acabam por burlar o controle institucional e emergem como assuntos de interesse dos/as alunos/as. Quando isso acontece, não raro, o policiamento e o silêncio em torno de temas como a busca pelo prazer, a homossexualidade, o aborto, a violência e a exploração sexual são frequentes. Embora existam documentos governamentais que assegurem a inclusão da temática da diversidade e da sexualidade na escola, como os Temas Transversais sobre Orientação Sexual e o Projeto Brasil sem Homofobia, discutir tais assuntos em sua plenitude gera incômodo para uma parte considerável da comunidade escolar. Em muitos casos, esse incômodo contribui para a manutenção de uma norma social que prega o preconceito, o desrespeito e a violência contra sujeitos que vivenciam sua sexualidade para além dos padrões heterossexuais ou reprodutivos.

Mediar as situações de homofobia que ocorrem no ambiente escolar, bem como outras formas de discriminação de gênero e sexualidade – e até mesmo de violência escolar, atualmente nomeada como *bullying* na escola – pode ser um dos papéis fundamentais desta pedagogia do

salto alto, pois, a medida que as professoras *trans* intervêm em atos e ações homofóbicas, necessariamente passam a agir em consonância como direito de cada um de conviver em um espaço único independente da sua orientação sexual, religiosa ou étnica.

A professora Adriana Lohanna, disse que

“Quando eu cursava a segunda faculdade de Assistente Social, após a de Licenciatura em Letras-Português/Inglês, montei um projeto de Serviço Social na Educação, realizando um estágio numa escola de Serviço Social pioneiro no estado do Sergipe... Mas daí, a educação é uma luta que se entrelaça com todas as políticas e eu via esta conexão entre o Serviço Social e a Educação. Hoje, na sala de aula, é legal os alunos são muito interessantes. O grande problema é nos primeiros dias você provar para os alunos que você não é um bicho de sete cabeças e que você não é aquela coisa que a sociedade coloca e lá toda comunidade já sabe que tem uma professora, uma funcionária *trans*... sofri preconceito também na prefeitura, porque percorri cinco secretarias até chegar na minha. Mas daí hoje é normal nos primeiros dias, um aluno dizia para a mãe que tinha um veado na sala de aula; outro dizia tem um veado lá que é meu professor e assim sucessivamente mas hoje não, é a professora transexual”.

No momento em que os alunos se deparam com uma professora “diferente”, levam um choque e ficam indiferentes, entretanto, aos poucos, aquilo que parece ser um absurdo, passa a ser vivido e tranquilamente aceito desde que a mesma saiba seu verdadeiro trabalho a frente do grupo. A partir do momento em que você começa a conversar, discutir e construir regras de convivência, incluindo nelas sugestões que dizem respeito às individualidades e processos singulares vividos, bem como questões de respeito às diferenças, conquista um grupo e contamina toda a escola. Nesse sentido, ela continua dizendo que

“Trabalhei já diferenciação de gênero e de sexualidade; as questões de heterossexualidade e homossexualidade; e quando os pais vinham questionar a supervisão dizia que era o trabalho da professora e que ela sabia o que estava fazendo; concordo com a afirmação não conhecendo as pessoas e tendo uma visão errônea do que seja travesti e transexual, de pensar que aquela pessoa é vexatória, de ter fetiche, de ser depravada e ai vai criar todo este estereótipo que a sociedade impõe e, naquela hora, chegou uma pessoa igual na sala de aula. Acho que isso que passa na cabeça deles. Esta pessoa me ensinando porque o que passa na sociedade é uma pessoa baixa uma pessoa que não deve ser respeitada e que tem sua sexualidade bem a florada”.

“Na opinião das professoras, colegas se sentiam incomodadas porque na cabeça delas eu era um homem vestido de mulher e que fazia um trabalho melhor que o delas e que os alunos gostavam. Porque o difícil é lidar com todas estas coisas, o preconceito velado dos colegas e para poder diminuir esta questão do preconceito porque eu sou transexual, mas sou uma boa professora. Ela é doente, segundo o que as outras professoras dizem, mas ela faz um bom trabalho na sala de aula. Porque se fosse o contrário diriam que o trabalho é péssimo porque eu sou travesti... porque este povo é péssimo... o problema da sociedade é que temos que desconstruir desta maneira todo este processo. E a minha militância na educação começou desde cedo. Ela vem da militância da igreja, pela pastoral da terra e entrei na educação popular e to aqui até hoje. Sou apaixonada pela

educação tanto é que estou aqui como assistente social, mas ligada a questão da educação”.

Para muitos professores e professoras, a transexualidade, bem como a homossexualidade, ainda é entendida como uma doença, um desvio, um transtorno. A última classificação americana dos transtornos mentais (DSM-IV) retirou dos seus diagnósticos o termo homossexualismo, no entanto ainda deixou demarcado o transexualismo como doença.

Perguntada sobre a mudança dos alunos em relação às questões e aos conceitos, a professora Sayonara diz que “mudou tanto, porque eu tinha um aluno que certo dia chegou e disse que havia pensado em sair da sala de aula porque eu era transexual. No início, eu tive que mostrar minha competência em oposição a minha maneira de ser – ser uma transexual.”

Também Adriana Lohanna diz que

“já vi aluno cair na defesa por mim, de alguém dizer para ele ‘olha você estuda com veado, né? Aquele veado não é seu professor? Ele não ensina você?’ ‘Não, eu estudo com minha professora Adriana, que é mulher como qualquer outra mulher’. Tipo, dar o conceito: ela é mulher, fez cirurgia tal e se sente mulher. E conceituar, porque a questão do preconceito é de não conhecer realmente, então entra aquela questão de fazermos o trabalho de formiguinha. A maior defesa que tem na sociedade, na classe LGBT, são as próprias pessoas que te conhecem... que alguém um dia vai chegar na mesa e falar de gay e daí as pessoas vão dizer que não é bem assim não, exemplificando que as pessoas podem ser vizinhos e serem professoras *trans* e que são ótimas pessoas”.

Perguntadas se as professoras *trans* podem ser um processo mediador no combate a homofobia na escola, a resposta foi unânime que sim. Poderemos ser agentes provocadores que desacomodarão muitas outras pessoas à reflexão. As escolas que já tiveram essas experiências sofreram mudanças inclusive na forma de receberem outras alunas transexuais e travestis.

Nesse sentido, a compreensão de educação sexual é problematizada a partir do papel desta professora *trans* na educação e que pode ter um papel relevante para a condução dessas intervenções. Visando contribuir para parte desse debate (que está longe de ser finalizado), percebemos algumas propostas de educação no que diz respeito a gênero e sexualidade incorporada nas escolas brasileiras, destacando suas intencionalidades e os discursos que as estruturaram e ainda as estruturam. Também neste processo, podemos visualizar uma nova construção cultural da sexualidade dentro da escola que inclua as questões referentes às identidades sexuais e de gêneros dos sujeitos agentes de mediação.

“Um dia, eu fui chamada na diretoria porque um aluno da sexta série, que não era meu aluno resolveu assumir sua travestilidade com quinze anos e chegou de peruca na sala de aula; e daí, neste momento a professora *trans* já é a pessoa capacitada para lidar com isso.



Daí outro aluno bateu nele e tomou a peruca dele e a professora mandou o aluno para diretoria. Qual o aluno que a professora manda para a diretoria? O aluno travesti! E aí eu fui chamada na sala para falar com a travesti que não viesse daquela forma, vestida assim, pediu a diretora”.

Essa é uma demanda frequente. Os professores, bem como a direção das escolas, muitas vezes, não sabem como agir e acabam buscando as professoras *trans* para tentar resolver ou remediar as situações em torno das sexualidades e homofobias institucionalizadas. Eles contam com o diagnóstico e sempre querem uma solução para os casos ocorridos. Assim, é confiado a elas um poder de decisão e esta é a prova: mesmo estando à frente de uma instituição, se sentem incapazes de resolver as demandas LGBT.

A todo instante a professora *trans* é chamada para resolver ou testemunhar fatos ocorridos na escola que, de certa forma, remete ao passado doloroso no qual viveu. As agressões que acontecem provocam a ira de uma professora que, na sua infância, sofreu agressões físicas e verbais na escola. Os casos mais sérios, em função do preconceito, onde as agressões são físicas, sugerem sempre uma punição seguida de uma conversa com a família e com as partes envolvidas. O aluno agressor tem de entender porque ele está sendo punido. O aluno agredido tem de saber que há alguém ao seu lado e que poderá pedir apoio ou ser socorrido, quando necessário. Para Torres (2008), a Educação e a escola precisam assimilar as noções de orientação sexual e identidade de gênero para combater a homofobia em todas as suas dimensões. Infelizmente, constatamos que faltam metodologias, pesquisas e informações para reconhecer a legitimidade e as estratégias desses espaços. Quando a professora Adriana relata que

“Quando eu disse “espera aí... o agressor está lá se vangloriando que bateu no veado e jogou a peruca no chão e a vítima aqui sendo xingada. ‘A senhora (diretora) acha certo isso?’ Indaguei a diretora. ‘Enquanto a vítima está aqui sendo orientada sobre sua sexualidade e de como se privar dela. Espera aí... Na época ainda citei o exemplo que aconteceu... a senhora (diretora) não sabia usar computador. Eu lhe ensinei. A senhora aprendeu na prática. Como que os colegas dele vão aceitar ele de peruca e vestido de mulher se ele não é para vir assim mais. A senhora está totalmente errada’. ‘Não’, diz a diretora, “é que o povo não tá acostumado a isso’.”

Ao se posicionar contra a situação em que o agressor passa a ser a vítima ou em que a heterossexualidade tem um papel mais importante sobre a homossexualidade, a professora transexual se apoderou de um papel registrado numa fala muito positiva e, neste caso, problematiza o que acontece em muitas escolas brasileiras. Muitas vezes, o aluno que foi agredido passa a ser o culpado pela atitude agressiva do outro. Julgado por uma equipe de “ética”, às vezes é retirado da escola é rotulado como o que não presta ou o doente.

Podemos reconhecer que existem práticas preconceituosas, denominadas homofóbicas e/ou heterossexistas que ferem a dignidade de seres humanos dentro e fora da escola. Lembramos, também, que podemos dizer que são práticas orientadas pela matriz heterossexista presente nas configurações sociais da Educação. Essas práticas, orientadas por discursos sedimentados historicamente e repetidos no cotidiano, promovem a exclusão da população LGBT dos direitos de cidadania, constituindo um grave problema a ser enfrentado na Educação e na democratização da sociedade brasileira.

A professora prossegue seu relato, dizendo

“Mas só se acostuma vendo assim como só vou me acostumar com o celular se eu usar ele; só vou acostumar com uma comida se comer ela; como que você quer que as pessoas se acostumem se ele não pode vir de peruca? O interessante é que a escola reproduz isso. Não percebe, porque no caso, você diretora está discriminando ele mais ainda, é, pois é... “Eu não percebi desta maneira”, diz a diretora. A gente sempre é chamada para orientar os alunos a não expressar a sua sexualidade. Alguns alunos que estão descobrindo sua sexualidade me procuram para conversar e se abrir e tirar dúvidas de suas vidas. Tinha um aluno, Lucas que, na época, vinha conversar sobre isso e pedir esclarecimentos. Hoje ele mora em outra cidade e assumiu sua homossexualidade, mas até hoje quando encontro com ele, ele agradece pelas orientações e tal... E, daí, neste momento, você acaba não sendo só professora, mas também um ponto de apoio”.

O fato de a professora estar marcada pela sexualidade na escola, como no exemplo acima, provoca uma análise dentro dos objetivos a que se propõe, enquanto educadora consciente de seu papel, agindo para com aqueles que têm dificuldades de viver no grupo devido a sua sexualidade. Quando os alunos nos procuram para conversar, expressando seu desespero ou, de certa forma, a tortura que sofrem em função das agressões, é o momento em que devemos agir em favor deles, trazendo as discussões para os grandes grupos a fim de refletir sobre as situações vividas. Eu paro a aula! Questiono sobre a situação e ainda pergunto para a turma qual é o problema do (da) colega ser gay ou lésbica. Eu também sou, e daí? Neste momento, desestruturo os preconceituosos e os heterossexistas. Desconstruo a imagem do diferente. A minha postura desencoraja os alunos que se manifestam contrariamente. Eu percebo que, por receio, eles começam a mudar e ver que não terão argumentos, já que a professora é *trans* e eles vão ter de respeitar. Assim, se inicia um trabalho de respeito pelo diferente e de tomada de consciência que a escola é um espaço para todos. Essas questões estão relacionadas à possibilidade de empoderamento de sujeitos submetidos a uma estigmatização grupal, inferiorizados coletivamente por pertencerem a um grupo (ELIAS, SCOTSON, 2000), no caso, o grupo LGBT. Essas figurações aparecem em vários domínios do mundo contemporâneo, entre eles, a Educação,

território no qual as pedagogias formatam corpos pela sexualidade enquanto dispositivo do poder de controlar, estilizar e fazer confessar questões relacionadas ao sexo (LOURO, 2001).

Na maioria das vezes, percebemos que a escola não discute sexualidade e, muitas vezes, as professoras parecem demonstrar um desconforto ou uma determinada insegurança e jamais falam em suas aulas sobre o assunto. No contato com os professores da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul, durante os trabalhos de formação de professores, através da Secretaria de Estado da Educação, ouvi por diversas vezes as falas destes profissionais que se sentem despreparados. Os relatos eram os mais diversos e os mais estranhos, no sentido de negar a presença de pessoas ditas como “diferentes”, assim como na tentativa de resolver questões ligadas a homofobia.

Também conforme os relatos apresentados, muitos professores e professoras têm certas dificuldades de abordar por falta de conhecimento no assunto. Percebi, durante as conversas, que os questionamentos feitos eram perguntas simples e do cotidiano que eles desconhecem. Percebo também que há certo interesse pelo tema por parte daqueles professores e professoras que querem mudar o quadro de violência apresentado.

Dentro deste contexto, professoras que burlam esse tabu estabelecido, como é o caso das professoras transexuais e travestis, são ditas como hipersexualizadas e percorrem outro universo que provoca certo mal estar escolar e perturba a ordem, desacomodando e revendo conceitos e preconceitos. Também trazem dois aspectos para a reflexão do tema: por um lado, o real papel dessa professora *trans* como agente que traz reflexões sobre os temas da sexualidade, discute em sala de aula e se posiciona pessoalmente; e, por outro lado, um sujeito que chama atenção por ser *trans* e acaba sendo objeto de sedução ou repulsão ao ter sua sexualidade exposta.

Até pela natureza das questões postas em jogo, não se pode esperar que a simples transmissão de informação modele o educando à vontade do educador, quando considerados os comportamentos nas esferas mais amplas da vulnerabilidade. É preciso estabelecer uma relação tal entre educadores e educandos que permita e estes entrar efetivamente em contato com a questão em pauta, para que ambos possam aprender o que se trata, de fato, e o que se deve e pode ser feito a respeito (SEFFNER, 2002).

A partir do momento que a professora é *trans*, alguns alunos se aproximam e passam a ter uma confiança naquela profissional. No entanto, ela também tem o dever de saber que seu papel educativo é o de provocar no aluno um aprendizado em relação às questões sociais e culturais

importantes na contemporaneidade. Ela deverá agir favorecendo direitos, deveres, promoções e conquistas a todos os alunos, independente de posições ou características diferentes. Percebo que esta professora tem um papel fundamental no exercício e na aprendizagem social da cidadania e da ética. Claro que não seria somente este o foco da sua docência, pois as mesmas adquiriram acúmulos pedagógicos importantes para a construção do conhecimento e demonstram ter domínio na área em que fizeram formação.

Dentro deste contexto, em uma análise dos percursos das professoras transexuais e travestis como profissionais da educação e de seus papéis na formação de alunos e alunas que necessitam aprender conhecimentos diversos, é importante viver realidades do mundo atual, lidar com as diferenças respeitando as pessoas, seja como elas forem. Também é importante perceber como lidam com esse processo que as marcam pela sexualidade e porque transgrediram a norma.

Para Tomaz Tadeu Silva (2000), a escola se constitui em um espaço onde o processo de confronto com as diferenças poderia ser explorado em suas possibilidades formativas. Ao se valer das potencialidades educativas das diferenciadas culturas, valores e representações pulverizadas no ambiente escolar, educadores e educadoras poderiam se lançar em ações pedagógicas que possibilitassem a reflexão crítica acerca das normas e valores sociais que tendem a doutrinar os comportamentos humanos.

Segundo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (BRASIL, 2004), a educação para a “diversidade” tem sido enfatizada como uma estratégia para garantir a inclusão, a igualdade de oportunidades, o enfrentamento do preconceito, discriminação e violência, especialmente no que se referem a questões de gêneros e sexualidades. Sendo assim, considera-se que a experiência escolar é de fundamental importância para que esse processo ocorra. Contudo, caberia aos professores/as, antes de iniciarem tal tarefa, se perguntarem: quais efeitos, de verdade, minha representação exerce nos alunos/as? Seria o meu conhecimento sobre o tema o detentor da “verdade” sobre a sexualidade? Até que ponto minhas próprias práticas e experiências sexuais conseguem se adequar na representação que carrego? Mesmo atentos à necessidade de conceber práticas educativas que visem o reconhecimento das diferenças como produtos culturais, muitos educadores e educadoras não dispõem de conhecimentos sobre o assunto que os/as permitam desconstruir os discursos que marginalizam e cristalizam as diferenças como algo natural.

No sentido de repensar conhecimentos e paradigmas na construção de novos conceitos ligados às temáticas de gênero e de sexualidade, pontua-se de grande importância o fato de a escola ter professores e professoras instrumentalizados a frente dessas questões discutidas. Esses professores deveriam estar comprometidos em que quebrar rótulos e tabus, invadir as salas de aulas com narrativas de existência, de construção de identidade e de diálogos sobre valores. Pode ser, portanto, que esse papel seja exercido por discursos protagonizados pelas professoras Trans. No entanto, não é possível afirmar que elas assumam este papel, pois, muitas depois de viverem os processos transexualizadores mudam totalmente suas vidas estabelecendo novos valores, inclusive, negam o passado e de todas as formas, querem esquecer que um dia foram do sexo oposto àquele que vive. No universo Trans, é comum trazer para o cotidiano estas linguagens politizadas de pessoas que vivem o preconceito na pele. O preconceito de viver sempre às margens da sociedade e do que é possível dentro da Heteronormatividade.

Em entrevista, a professora Adriana Lohanna diz que

“o mais interessante foi que voltei para a mesma escola onde eu sofri todo este preconceito... Onde apanhei... Onde botaram minha cabeça no vaso sanitário e onde um colega do ensino médio azucrinava minha vida. Para mim, ele era um demônio da escola... ir à sala de aula à noite era saber que seria chacoteada. Foi muito legal, porque eu voltei e ensinei colegas meus que tinham parado de estudar e retornado para o ensino médio. O mais interessante neste caso, foi reencontrar um colega meu que era gay. Ele tinha um apelido de coco. Encontrei com Coco na sala. Agora eu, como professora e não como colega. Mesmo como professora, eu sabia que iria passar por muitos preconceitos na escola. De fato passei, principalmente com o olhar de outros colegas professores. Eu vi que tinha um olhar diferente ali, tanto é que minha primeira aula dada foi identidade de gênero.”

A fala da professora serve como um testemunho da postura preconceituosa e homofóbica caracterizada pelos professores nas escolas. Em entrevista na TV Escola, no Programa Salto para o Futuro (2009), Dagmar Meyer diz que o espaço mais homofóbico de uma escola é a sala dos professores e, principalmente, as reuniões de conselho de classe em que os mesmos apontam, classificam e denominam alunos gays ou lésbicas. Muitos professores e professoras também acabam coniventes com o preconceito relacionado às diferenças sexuais e de gêneros ao considerarem que os xingamentos direcionados aos alunos e alunas gays e lésbicas não passariam de “brincadeiras, coisas sem importância” (ABRAMOVAY, CASTRO, SILVA, 2004, p. 289).

Em meus registros apontados nos diários de campo, incluí o relato a seguir de outra situação marcada pelo preconceito quando podemos perceber que a homofobia pode ser uma prática preconceituosa velada ou não. Em uma escola pública na Bahia, por exemplo, uma vice-

diretora puniu um aluno com suspensão por ele acariciar o outro colega do mesmo sexo. O estudante suspenso disse que estava apenas brincado com o colega, tentando desalinhar os seus cabelos, quando a vice-diretora perguntou se ele “gostava de homem ou de mulher”. Ainda justificando a suspensão, enviou um bilhete à mãe do aluno dizendo “O aluno [nome] está suspenso por dois dias por indecência, indisciplina e ousadia [sic] com o colega. Não respeita seu colega, está dando motivos para não ser respeitado. Lhe perguntei [sic]: que ele prefere o sexo feminino ou o masculino, pois o que ele fez foi muito feio. Veio para a escola a fim de bagunçar”.

Em outro caso, um estudante gaúcho relata que vinha sofrendo *bullying* por toda a turma da escola e, inclusive, com conivência de alguns professores; “Quando perguntei a minha professora de Geografia porque ela não fazia nada enquanto eu sofria agressões verbais, ela disse que ‘a aula é uma democracia’”, diz o jovem. Segundo o adolescente, o que mais incomodava os colegas era o fato de ele assumir sua orientação sexual: “Alguns alunos simulavam sexo oral e anal com um ursinho de pelúcia enquanto me chamavam de veado, veadinho, gayzinho, etc”, segundo o texto que C. T. escreveu, relatando ainda que a Escola Estadual Onofre Pires era a segunda transferência que fez para fugir de *bullying* homofóbico.

Os dois casos citados evidenciam as atitudes dos professores na maioria das escolas brasileiras. Os temas da sexualidade, dos direitos humanos e da homofobia não são trabalhados nas escolas. Dessa forma, as reações são as mais diversas, porque muitos professores são coniventes e acabam participando destas barbáries nas escolas ou acabam neutros e/ou omissos, diante das situações ocorridas.

No primeiro caso, a diretora que enviou o bilhete à família do aluno justifica a suspensão através de um julgamento de orientação sexual, isso mostra o retrato da ignorância institucionalizada, pois ela foi insensível ao questionar o aluno por um ato normal entre dois adolescentes. Já no segundo caso, a professora de Geografia, ao usar a frase “a aula é uma democracia”, justifica a agressão como normal, protege os agressores para não entrar em atrito e provocar mal estar diante do tema que não será trabalhado em nenhum momento. A democracia, então, seria para os alunos que pertencem à sociedade heteronormativa.

Esta realidade cerca a nossa educação e a sociedade em geral, já que não existe uma resposta concreta para a questão de como lidar com a temática da diversidade. A todo tempo, a violência gerada, fruto da homofobia e do preconceito, exclui ou transfere o problema para além da escola. Os professores fingem não ver o que acontece com os alunos e alunas LGBT no

interior das salas de aula. Ao contrário, apenas aqueles que já sofreram algum tipo de preconceito acabam assumindo este conflito e apoiando as vítimas agredidas – por isso suas vozes são tão importantes nesse processo. Por isso se justifica a pedagogia do salto alto, mesmo que este salto alto não seja de uma professora travesti ou transexual, e sim, de qualquer profissional que assuma um trabalho sério voltado às temáticas que possam problematizar, intervir e produzir ações significativas no combate aos preconceitos.

### 3.2.1 Quem anda fuxicando sobre nossas histórias?

“Fuxico” é uma palavra usada na linguagem do “bate-bate”, como definição de diálogo entre pessoas LGBT. Caracteriza-se por um tipo de conversa usada para contar algo, falar de alguém ou assuntos que já aconteceram. Então, quando alguém está fuxicando sobre nossas histórias, significa dizer que estão pesquisando e sabendo mais de um determinado assunto, neste caso, da história de professoras *trans*.

A partir do meu tema de pesquisa sobre as histórias de vida de professoras *trans*, verifiquei que Marco Antonio Torres (2012) realizou pesquisa no Doutorado em Psicologia da UFMG, cujo título é “A emergência de *trans* educadoras e os discursos sobre diversidade sexual: direitos humanos e cidadania LGBT nas configurações da educação”. Atualmente, o pesquisador é professor do curso de Psicologia da UFOP. Segundo ele, o primeiro passo de pesquisa foi localizar essas professoras durante as pesquisas e as atividades junto ao NUH – Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O primeiro contato com essas professoras ocorreu em seminários e encontros do Ministério da Educação no ano de 2009, em Brasília, em que discutiam o enfrentamento da homofobia e as questões de gênero na Educação. O interesse do pesquisador despertou ao ouvir os relatos que elas faziam da escola, os modos como lutavam contra a discriminação e, principalmente, o fato de consideramos a emergência delas na função de professora, o que poderia indicar algumas direções das mudanças em curso na escola e em setores sociais mais amplos.

A princípio, elas despertaram atenção pelo fato de trabalharem em um contexto marcado pela ausência de travestis e transexuais (PERES, 2010). Esta ausência está relacionada à heteronormatividade dos discursos que marcam e classificam as sexualidades a partir de um

sistema de crenças político-religiosas no Ocidente, que naturalizou a heterossexualidade com o privilégio do masculino (BUTLER, 2003) e incidem fortemente no contexto escolar. Considerou que o pluralismo das manifestações identitárias nos informa que não existe uma sexualidade a ser descrita ou descoberta; mas, sim, uma constelação de discursos que produzem sexualidades diversas. Referiu-se, especificamente, a transexuais femininas e/ou mulheres transexuais, entendendo estas como sujeitos definidos como homens no nascimento. Apesar de localizar no contexto educacional dois professores transexuais masculinos, sujeitos definidos como mulheres no nascimento, não teve oportunidade de entrevistá-los. Esse modo de nomeação está em consonância com outras pesquisas (BENTO, 2006) que se afastam de posições presentes, especialmente, nas Ciências Médicas, que classificam sujeitos definidos no nascimento como homens, de transexuais masculinos; e, dentro da mesma lógica, para sujeitos definidos como mulheres no nascimento. Permaneceu o termo *trans* para se referir a transexuais e/ou travestis. No decorrer do texto, analisou o uso do termo “*trans*”, pois se, para algumas das entrevistadas as categorias transexuais e travestis parecem ser fundamentais, para outras, essa diferenciação é discutível. Contudo, essa pesquisa pontuou que, nas políticas públicas educacionais, por exemplo, essa categorização pode ou não fazer sentido, especialmente a partir de posicionamentos da perspectiva *Queer*, que se originou nos debates da Educação com Louro (2001, 2007, 2008) e está relacionada à crítica às teorias identitárias. O uso dos termos travestis, transexuais e congêneres foi mantido em trechos que reportem às pesquisas que os utilizaram.

Desses discursos e das dinâmicas relacionais de sujeitos ao redor das sexualidades, resulta uma hierarquização que define os heterossexuais como portadores de características humanas superiores em relação aos não-heterossexuais. Pela heteronormatividade, surgida a partir da exclusão, se instalariam condições de inteligibilidade da vida social, atingindo sujeitos em todos os setores sociais, com consequências danosas na Educação (JUNQUEIRA, 2009; BRASIL, 2009b; LOURO, 2001). Assim, o heterossexismo impõe como inteligíveis apenas as práticas heterossexuais, a partir da heteronormatividade, tomando a diversidade das práticas sexuais que contrariam a heteronormatividade como algo a ser silenciado ou indexado como comportamentos patológicos, imorais, sujos, entre outros termos depreciativos.

Desse modo, os sujeitos LGBT (entre outros sujeitos que desafiam a heteronormatividade, em diferentes contextos) podem ser tomados como *outsider*, conforme noção elaborada por Norbert Elias. Esse autor, ao reelaborar as pesquisas de John Scotson que investigava



delinqüência juvenil em uma pequena cidade inglesa em meados do século XX, passou a focar outra questão: a relação assimétrica que se estabelecia entre sujeitos que viviam em um contexto de igualdade. A noção de *outsider* foi bem definida por Elias no Ensaio Teórico Sobre as Relações entre Estabelecidos e Outsider, introdução do livro citado:

[...] o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios membros [...]. Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsider pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20-22) .

A atribuição de superioridade humana por parte do grupo estabelecido faz com que o grupo *outsider* vivencie “afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 28). Elias estabeleceu argumentos teóricos em suas análises da pequena Winston Parva (nome fictício da localidade inglesa) que nos permitem pensar como a análise da constituição e as movimentações de grupos de *outsiders* podem indicar a direção das mudanças sociais.

Diante desses argumentos, Marco Antônio Torres formulou em sua pesquisa a seguinte questão: a existência de transexuais ou travestis na função de professora indicaria a direção de mudanças sociais em curso na Educação? Em pesquisas, utilizamos três fontes: as entrevistas com oito professoras travestis e/ou transexuais; dois documentos públicos, a saber, Princípios de Yogyakarta (CORRÊA; MUNTARBHORN, 2006) e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e dos Direitos Humanos de LGBT (BRASIL, 2009a) e, por fim, a observação participante. Também se consideram algumas reportagens da mídia e alguns trechos de relatórios de conferências nacionais como dados suplementares, que exemplificam e/ou tenham relações de interdiscursividade com nossas fontes. As entrevistas e os documentos são considerados discursos no sentido apresentado pela vertente crítica da análise do discurso, especificamente aquela apresentada por Norman Fairclough (2001). Ele considera tanto documentos ou entrevistas como textos, em que a linguagem é uma forma de prática social e não apenas atividade do sujeito individual ou reflexo de variáveis contextuais, somente. O discurso passa a ser compreendido como uma ação, uma prática que interfere tanto nos contextos sociais como nos sujeitos que habitam esses contextos. Entendo que os textos analisados nas entrevistas e nos documentos possuem relações que podem corroborar a tese, tanto analisados separadamente, quanto se relacionados pela interdiscursividade e intertextualidade que apresentam. Todavia,

podemos questionar quais direções eles apontam para a heteronormatividade no contexto de nossos sujeitos.

Também Nei Franco escreve, em sua dissertação de mestrado, “A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero”, sobre compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Interessou-se em saber o que esses sujeitos, que se auto-identificam como gays, travestis e lésbicas, contavam de suas histórias de vida e o lugar ocupado pela profissão docente nesse processo, principalmente, quando suas identidades sexuais e de gênero eram evidenciadas e interpretadas pelos diversos sujeitos que compõem a escola, sobretudo o corpo docente. Teoricamente, a pesquisa está embasada, principalmente, nas reflexões elaboradas pela teoria *Queer*. Essa teoria, estruturada sob uma proposta pós-identitária, propõe-nos pensar as identidades que se constituem a partir das diferentes manifestações das sexualidades e do gênero por suas ambigüidades, multiplicidades e fluidez, assim como permite construir novos enfoques sobre a cultura, o conhecimento, o poder e a Educação. Além desse referencial, o pesquisador utilizou, como metodologia, entrevistas, questionários e análise documental. Entrevistou três professores gays, duas professoras travestis e uma professora lésbica, o principal foco do estudo. Esses sujeitos desempenham a profissão docente nas séries entre a fase introdutória e o pré-vestibular em escolas das redes municipal, estadual e privada da cidade de Uberlândia, Estado de Minas Gerais. Os questionários foram aplicados em três escolas da rede municipal, nas quais três dos sujeitos trabalhavam no ano de 2007. A utilização desse instrumento possibilitou identificar as concepções de 73 docentes sobre sexualidade, homossexualidade e o lugar ocupado pela escola na contextualização destes temas. Analisou cinco documentos oficiais que propõem discutir a diversidade sexual e de gênero na escola: os Parâmetros Curriculares Nacionais – vol. 10 (1997), o Manual do Multiplicador Homossexual (1996), o *folder* “A travesti e o educador: respeito também se aprende na escola” (2001), o Programa Brasil Sem Homofobia (2004) e o guia “Educando para a Diversidade: como discutir a homossexualidade na escola” (2005). Um dos principais aspectos evidenciados na pesquisa foi que os/as professores/as gay, travesti e lésbica, ao exercer a profissão docente, não se desvinculavam das marcas da sexualidade e do gênero inscritas em seu corpo, mesmo que não as anuncie, deixando flagrantemente a diferença e provocando impactos tanto em alunos/as, docentes e em outros sujeitos envolvidos no processo educativo, confirmando a estreita relação

da escola com os princípios religiosos e morais que, desde sua criação, permanecem determinando as diretrizes da profissão docente.

Apesar de esses sujeitos adotarem em suas práticas pedagógicas os princípios necessários à profissão docente, suas histórias de vida profissional não amenizaram a exposição à agressão, direta ou indireta, verbal ou não-verbal, manifestadas por alunos/as e/ou colegas de profissão, em virtude de suas identidades sexuais e de gênero. Sua presença na escola provoca, em vários momentos, a discussão da diversidade como tema real e imediato desmoronando a histórica crença de que a sexualidade e o profissionalismo sejam fatores correlacionados e inerentes à docência.

#### 4 O OUTRO TROTEAR DE SALTO ALTO: OS CAMINHOS DA METODOLOGIA USADA NESSA PESQUISA

Mudo de cena: fotos, papéis, canetas, gravadores, jornais, revistas... Todos esses objetos passam a ser agora elementos dentro da minha bolsa. Mudei a página da história vivida e agora mergulho no mundo acadêmico, a fim de pesquisar o que há por trás deste universo que mistura Sexualidade e Educação, no contexto tão diverso chamado escola, em que professoras transexuais e travestis estão inseridas. O trotar de salto alto vai percorrer um novo caminho em busca de uma metodologia que possa dar suporte a esta pesquisa.

Com isso, retorno à pergunta de pesquisa: se existiriam professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira e como elas se organizam para explicar este capítulo metodológico. Durante minha participação em eventos brasileiros ligados ao movimento LGBT ou especificamente de travestis e transexuais, encontrei muitas professoras e estudantes de licenciatura. Algumas professoras estão ligadas ao movimento social LGBT ou à gestão pública, o que justifica a participação delas em encontros de rede e seminários ligados a educação ou diversidade. No entanto, também encontrei professoras que não têm vínculo nenhum com estes e, portanto, são professoras, que atuam apenas nas bases locais, seus municípios, sem inserção nas discussões políticas do próprio movimento LGBT.

Conforme os dados coletados no quadro abaixo, percebi que essas profissionais da Educação estão localizadas de norte ao sul do Brasil, sendo que o maior número até o momento se concentra na região sul, onde podemos observar que os estados do Rio Grande do Sul e Paraná possuem grande parte do grupo. Obviamente estes dados poderão ser alterados a medida em que for possível localizar mais professoras transexuais e travestis que se identificam como tais.

Conforme o quadro abaixo, seguem as identificações de professores localizados:

Figura 1 lista de professoras e professores transexuais e travestis encontrados.

NOME	ESTADO	CIDADE	OCUPAÇÃO
Beth Fernandes	GO	Goiânia	Professora
Sarug	MG	Belo Horizonte	Professora
Edna	MG	Uberlândia	Professora
Saionara	MG	Uberlândia	Professora
Cristina	MG	Juiz de Fora	Professora
Adriana	MS	Cuiabá	Sec De Educ
Marcela	PA	Belém	Estudante Lic
Rafaela	PA	Belém	Estudante Lic
Laysa	PR	Curitiba	Diretora
Andreia	PR	Curitiba	Professora

Milena	PR	Foz do Iguaçu	Professora
Brenda	PR	Curitiba	Sec de Educ
Natalia	PR	Telêmaco Borba	Professora
Dorothy	PR	Curitiba	Professora
Stefanny	PR	Curitiba	Professora
Sandra	PR	Curitiba	Professora
Leonardo	PR	Curitiba	Professor
Carla	RJ	Tijuca	Professora
Guilherme	RJ	Rio de Janeiro	Professor
Jamile	RS	Porto Alegre	Professora
Alexia	RS	Uruguaiana	Professora
Priscila	RS	Porto Alegre	Professora
Julia	RS	Porto Alegre	Professora
Marcela	RS	Porto alegre	Professora
Ângela	RS	Porto Alegre	Professora
Jaqueline	RS	Porto Alegre	Professora
Adriana	RS	Porto Alegre	Diretora
Helena	RS	Quaraí	Vice-Diretora
Adriana S	RS	Porto Alegre	Diretora
Barbara	RS	São Borja	Professora
Daniela	RS	Canoas	Professora
Fabiane	RS	Porto Alegre	Professora
Gabriela	SC	Tubarão	Professora
Paulinha	SC	Florianópolis	Professora
Adriana Lohanna	SE	Aracaju	Professora
Bruna Raiza	SE	Aracaju	Professora
Emanuel	SE	Aracaju	Professora
Gianne	SP	Umbu das Artes	Professora
Maisa	SP	São Paulo	Diretora
Janaína Lima	SP	Campinas	Supervisora

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A partir do quadro acima, contatei algumas professoras para realizar entrevista gravada, *in loco*. São elas:

Figura 2: Professoras contatadas para entrevistas.

NOME	ESTADO	CIDADE	FUNÇÃO
Adriana Lohanna dos Santos	SE	Aracaju	Professora e Assistente Social
Adriana Sales	MT	Cuiabá	Gestora da Secretaria de Estado da Educação
Adriana Souza	RS	Porto Alegre	Diretora de escola
Andreia Laís Cantelli	PR	Curitiba	Professora
Brenda Ferrari da Silva	PR	Curitiba	Gestora da Secretaria de Educação e Professora
Sayonara Nogueira	MG	Uberlândia	Professora e Micro empresária
Carla da Silva	RJ	Tijuca	Professora e Agente da Saúde

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Para as entrevistas, utilizei um questionário de modelo simples, dividido em cinco blocos. Iniciei com uma pequena abertura e, logo em seguida, pedi que nossa conversa fosse bem tranquila e descontraída (ver anexo). Este início “Bem, como você sabe, faço mestrado na área de Educação e pensei em pesquisar um pouco com se dá este processo dentro da Escola – uma professora transexual ou travesti, como isso se resolve dentro deste espaço e se estas professoras poderão ser mediadoras no processo de combate a homofobia, se é possível ter este personagem a mais nas escolas. Vou gravar a entrevista, mas se você quiser, em algum momento poderei desligar. E, que no final desta entrevista, se você estiver de acordo, assinará o termo de consentimento” foi marcado por olhares curiosos e, de certa forma, valorizados pelas informantes já que a entrevistadora era uma professora e, também, transexual. Este fato aproximou muito minhas informantes, devido ao diálogo ser muito direto e objetivo, sem medo do que falar e expressar suas emoções, conflitos e histórias vividas todo tempo. Claro que deixei elas começarem contando o início de tudo e falarem muito... Durante as conversas, eu retomava algumas perguntas, conforme o questionário elaborado (ver anexo). As minhas perguntas eram básicas e, à medida que eu deixava os relatos acontecerem, confirmava a naturalidade do nosso diálogo, mais conhecidos na nossa linguagem como *bate-bate* (uma linguagem alternativa criada pelas travestis; uma espécie de código secreto onde só elas sabem os significados das palavras).

As entrevistas foram feitas pessoalmente, gravadas e registradas durante os encontros que aconteceram entre junho de 2011 e março de 2013, dentro do movimento LGBT e de Educação, em que encontrava as professoras transexuais e travestis. Apenas a entrevista com Andréia foi realizada em sua casa, na cidade de Curitiba e de Adriana Souza, em um bar LGBT de Porto Alegre. Nesta pesquisa, entrevistei professoras de diversos estados brasileiros, sendo o principal foco do estudo. Esses sujeitos desempenham a profissão docente nas escolas públicas e secretarias de educação. As entrevistas foram arquivadas, contendo questões ligadas à vida pessoal (suas histórias de vida), seu processo de transformação, bem como questões da vida profissional, sua formação geral e alguns aspectos relacionados ao preconceito e à discriminação, tão presentes nas suas vidas. Também contei com alguns informes feitos a partir de atividades ligadas ao movimento LGBT, registrados no meu diário de campo (ver anexo) e algumas entrevistas de *websites* e publicações impressas.

Conforme os documentos apresentados, além do termo de consentimento livre e esclarecido, entreguei o termo de consentimento da utilização do nome social. Ele foi criado a

partir da necessidade de colocar o nome social das entrevistadas, por solicitação das mesmas. Elas exigiram que colocasse seus nomes sociais e não queriam outro pseudônimo em função da invisibilidade da população de travestis e transexuais que não têm seus nomes respeitados no país por uma lei própria autorizando a troca oficial dos nomes sem processos, assim como em outros países da América Latina.

#### 4.1 QUEM SÃO AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS?

A primeira professora entrevistada foi Adriana Lohanna do Santos, natural de Aquidabã, estado do Sergipe. Sua formação inicial é Licenciatura plena Letras – Português/Inglês. Logo que concluiu sua formação, entrou no curso de Assistência Social. Entende-se como transexual e já conseguiu a alteração do nome através de processo judicial. No momento da entrevista, ela faz o acompanhamento dentro do programa para realização da cirurgia de troca de sexo pelo SUS. Tem 26 anos, é professora da rede pública e assistente social. É de religião católica. A entrevista foi realizada durante a II Conferência Nacional LGBT, em dezembro de 2011, em Brasília.

A segunda professora entrevistada é Adriana Sales, natural de Londrina, no Paraná. Atualmente vive em Cuiabá, no estado do Mato Grosso. Formada em Letras – Português e Francês e pós-graduada em Literatura Infanto-Juvenil, mestranda em Educação. Foi professora da rede pública por muitos anos e hoje trabalha na Secretaria de Estado da Educação do Mato Grosso, na superintendência de projetos. Entende-se como travesti, tem 40 anos e cultua o candomblé, religião de matriz afro-brasileira. Sua entrevista foi realizada durante I Encontro Nacional da Rede Trans Educ, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em maio de 2012.

Carla da Silva é natural do Rio de Janeiro e vive na Tijuca. Tem 34 anos. No ensino médio, fez curso Normal de Formação de Professores no Instituto Superior de Educação, do Rio de Janeiro e Pedagogia com Habilitação em séries iniciais. Trabalha no SESI/RJ como professora da Educação de Jovens e Adultos/EJA à noite e, durante o dia, é funcionária do município, como Agente Comunitária de Saúde. Ela é transexual readequada e já tem nome reconhecido. É de religião católica, mas não é praticante. A entrevista de Carla foi realizada durante o I Encontro Nacional da Rede Trans Educ, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em maio de 2012.

Sayonara Nogueira é natural de Uberlândia, Minas Gerais. Reside na mesma cidade. Tem Licenciatura em Estudos Sociais – Habilitação em Geografia e História e pós-graduação em

Metodologia e Técnicas de Pesquisa. É professora da rede pública estadual em Uberlândia e tem uma microempresa de consultoria para orientação de trabalhos de pesquisa para acadêmicos. Tem 35 anos e não revela suas questões religiosas na entrevista. Entende-se como transexual não readequada, mas pretende fazer a cirurgia de readequação de sexo. Sua entrevista foi realizada durante I Encontro Nacional da Rede Trans Educ, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em maio de 2012.

Brenda Ferrari da Silva vive em Curitiba, mas é natural da cidade de Lapa, região metropolitana de Curitiba, no Paraná. Tem 34 anos. Tem licenciatura Plena em Matemática e pós-graduação em Psicopedagogia. Também cursou Teologia, por gostar muito de religiões. Iniciou sua religiosidade na Umbanda e, em seguida, no Candomblé, ambas as religiões de matriz afro-brasileira. Atualmente é professora de Matemática no Instituto Federal do Paraná e trabalha na Secretaria de Estado da Educação na Coordenadoria da Diversidade. Sua entrevista foi realizada durante o I Encontro Nacional do FONGES, na cidade de Curitiba, em dezembro de 2012.

Andréia Laís Cantelli é professora natural de Curitiba, no Paraná. Tem 31 anos. Tem licenciatura em Estudos Sociais – Habilitação em História e pós-graduação em metodologia de Ensino de História e História da Arte. É professora da rede pública estadual, em Curitiba. Entende se como transexual e confessa que ainda não tem nenhuma religião definida. Tem um relacionamento estável há cinco anos. Essa entrevista realizou-se em sua casa, em fevereiro de 2013.

Adriana Souza é natural de Itaquí, Rio Grande do Sul. Atualmente, reside em Porto Alegre. Tem licenciatura e bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Tem dois cursos de pós-graduação: Filosofia Política e Filosofia Clínica. É professora da rede pública estadual, concursada e, atualmente, é diretora de uma escola. Tem 31 anos. Sua religião é espírita de orientação kardecista. Entende se como transexual não readequada e pretende fazer a cirurgia de readequação de sexo. Manteve um relacionamento durante oito anos. A entrevista realizada com Adriana ocorreu no Bar Passefica (LGBT) em março de 2013, em Porto Alegre.

Conforme o resumo das descrições de cada uma das minhas informantes, alguns aspectos significativos foram apontados aqui e serão abordados nos próximos capítulos. Um exemplo é o fato de todas terem realizado licenciatura em Educação, cursos de pós-graduação e até mesmo outras graduações. Além disso, é visível a clareza das informantes quanto as suas identidades de



gênero, citadas durante as entrevistas. Outro aspecto importante é que todas falaram a respeito da transexualidade ou travestilidade já na infância, sendo as atitudes e comportamentos próprios do gênero feminino. Os casos mais comuns eram o de brincarem de casinha, bonecas e demonstrarem gosto pela profissão do magistério. Todas as informantes falaram sobre o desejo de ser menina desde a infância e se percebiam diferentes dos outros. Acreditavam que nasceram no corpo errado e que as causas de sofrimento iniciaram em casa, passou, necessariamente, pela escola e chegou até a universidade. Também citaram as dificuldades encontradas nas escolas, principalmente por parte dos colegas professores. Em geral, a maior aceitação de professoras transexuais e travestis surgiu por parte dos alunos, com quem elas interagiam muito mais.

#### 4.2 SIM! PROFESSORAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS EXISTEM!

O “diverso” pode nos remeter a idéia de “derivado”, e, quando nos propomos a refletir sobre as diferenças sexuais, podemos, então, compreender a heterossexualidade como a base para essa diversificação. Sendo assim, a construção cultural da heterossexualidade não é abalada e as identidades sexuais que fogem a esse modelo são representadas como um “desvio” da norma. A diferença, ao contrário da diversidade, ao ser encarada como uma produção cultural, também permite compreendê-la em um processo de constante transformação. Assim, as identidades tornam-se fluidas, mutantes e instáveis, o que permite analisar que, durante sua trajetória de vida, um sujeito pode assumir diferentes e múltiplas identidades, inclusive aparentemente contraditórias (HALL, 2003; LOURO, 2007).

Quando comecei a circular no âmbito de estudos de Educação e do movimento LGBT, participando de encontros e mesas de debate, fiquei conhecendo outras professoras na mesma condição que eu. Também constatei que, mesmo com número reduzido, estas professoras apresentam-se com posicionamento firme acerca da identidade assumida e são, na maioria das vezes, referências para os alunos, pois exercem determinada liderança, tanto nas questões ligadas à Educação e ao próprio Magistério, quanto nas questões que tratam temas da homofobia e da sexualidade nas escolas.

Na verdade, ao assumir a identidade *trans* na Escola, não acreditava que pudesse haver outras professoras *trans*, porque não se ouvia falar nelas ou na sua existência. Foi no momento em que realmente assumi minha identidade, que entrei neste universo. A partir daí, comecei a

conhecer e conviver com elas, colegas de trabalho, com histórias de vida diferentes marcadas pelas experiências onde o sofrimento decorrente da transfobia de toda sociedade era um elemento muito forte apresentado.

Hoje, sei que não sou única! Já encontrei mais de sessenta professoras transexuais e travestis inseridas na Educação Brasileira. De norte a sul, estão espalhadas em cidades pequenas como no Vale do Jequitinhonha, interior de Minas, no sertão do Nordeste, nas reservas do Rio Amazonas, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, bem como nas grandes cidades e capitais de todo Brasil. Pude constatar que muitas vivem nas comunidades e não tem voz militante, porque o próprio movimento de travestis e transexuais não tinha conhecimento de suas existências. Raras se apresentam como travesti ou transexual e procuram uma ONG ou secretarias locais para pedir apoio ou algum tipo de informação e/ou proteção. Também encontrei várias que não assumiam a condição de professora trans e, sim, de professora mulher, para não expor a vida pessoal ou não provocar discussões em torno do tema da sexualidade na escola, com medo da reação da comunidade escolar, ou mesmo medo de sofrerem represálias políticas e religiosas.

Outro dado que chamou atenção e que também não era do meu conhecimento anterior, é o fato de termos professores transexuais masculinos. Em número bem reduzido – em torno de seis – estão em escolas públicas, secretarias e universidades. No entanto, minha pesquisa é no recorte de gênero feminino de pessoas *trans*, por isso, não me detive a pesquisá-los.

Outro fato que chamou atenção é que muitas professoras *trans* têm formação universitária e cursos de aperfeiçoamento nas áreas que atuam, além de terem especializações em áreas afins. Nos últimos anos, muitas voltaram para a escola e ingressaram nos cursos de licenciatura, como é o caso de duas irmãs que conheci de Belém, no estado do Pará. As duas são transexuais e fazem licenciatura plena em Matemática, estudam juntas e exigiram o nome social nos cadernos de chamada. Um dado importante é que este interesse surgiu há menos de cinco anos e já está se tornando comum haver estudantes transexuais e travestis nos cursos de licenciatura em todo o Brasil.

No nosso Estado, conheci e já contatei cerca de doze professoras *trans*. Algumas, moradoras do interior do Estado e cerca de oito com residência na capital, Porto Alegre. As áreas de atuação são as mais diversas e, em geral, trabalham em escolas públicas. Duas estão concluindo a licenciatura em Artes. Uma já foi vice-diretora e, atualmente, é professora de

Matemática e diretora em outra escola, no município de Quaraí. Em São Borja, há uma professora de Português. Em Porto Alegre, três são professoras de Inglês, uma de Biologia e Química, duas de Artes, assim como eu, e outra de Estudos Sociais. Segundo estes dados, apenas uma é pertencente à rede municipal de ensino, atuando em uma escola na vila Bom Jesus, as demais são da Rede Estadual.

Em uma boate LGBT de São Leopoldo, cerca de três anos atrás, conheci uma transexual que fazia shows. Lembro o relato dela quando soube que eu era professora. Ela disse que havia voltado a estudar e queria ser professora, pois se sentiu motivada quando me viu na televisão, no depoimento no final de um capítulo de uma novela. Isso foi muito significativo para ela, sobretudo ao ver que era possível voltar para escola e concretizar um desejo: ser educadora, professora de Inglês; inclusive pelo fato de que ela falava muito bem a língua inglesa. Foi a primeira transexual que ouvi cantar *a capela*, em um show, enquanto outras faziam dublagens.

Foram poucas professoras *trans* que passaram pela experiência da prostituição, até em função de terem foco determinado a ser alcançado. O fato de estudarem e vencerem os tabus da escola deu outro tipo de valor a estas meninas. Talvez o medo ou a incerteza da profissão, como profissionais do sexo, fizeram com que estas pessoas se dedicassem na área da Educação. A professora Andréia Cantelli disse que até tentou se dedicar à prostituição, mas viu que não conseguiria, pois a rua era muito aterrorizante. Ela sentia medo, assim como a professora Sayonara, que viveu alguns meses a prostituição nas ruas de Uberlândia, mas percebeu que morreria de fome se insistisse.

A prostituição é uma realidade no mundo *trans*. É, ainda, uma fonte de renda para uma população que não conquistou outros espaços. São poucas *trans* que saem deste mundo e têm oportunidade em outras atividades. O fato de ganhar dinheiro de forma mais rápida e, às vezes, fácil, faz com que muitas não se interessem pela escola ou pela formação, já que foram expulsas por muito tempo deste espaço e, na sua lógica, entendem que voltar poderia ser um retrocesso. Algumas afirmam estarem com idade avançada e sem interesse para investir na formação. Também há uma característica muito forte nesse público: o fato de serem elas as donas das esquinas, quadras e pistas, onde muitos homens circulam em busca de prazer e satisfação. Um dado interessante é que muitas travestis viajam para a Europa em busca de um trabalho com melhor remuneração, já que aqui algumas dizem que a rua é a “penação”, ou seja, ficar nas ruas é ganhar pouco dinheiro, migalhas. Muitas investem seu dinheiro em cirurgias plásticas para

ganhar pouco nas ruas do Brasil, então seria inviável investir em uma faculdade. Em função dessas vivências, preferem as ruas.

No entanto, são poucas as professoras que viveram algum tempo da prostituição. Outras, nunca. Algumas relatam que este foi o caminho para pagar os estudos. Isso prova que os caminhos são os mais diversos na busca do objetivo educacional. Talvez, a Educação tenha sido, para estas pessoas, o verdadeiro motivo de sair deste submundo e buscar outro tipo de vida e de subsistência.

A vida de uma transexual ou travesti, muitas vezes, foge dos padrões que a sociedade estabeleceu como regra. Algumas conseguem se adaptar a tais regras, outras não. A maneira com que uma pessoa *trans* encara determinadas situações como a agressão, a exclusão da família e da escola, a condição humana que se submete faz com que ela crie e se arme de uma força extraordinária para suportar tamanho sofrimento e dor. E, muitas vezes, é lá na rua ou na pista que elas encontram coragem e audácia de viver este tipo de vida.

## **5 ENTRE BOLSAS E CADERNOS, AS MEMÓRIAS, OS PROBLEMAS E ESCRITAS: O VÔO DA BORBOLETA, UM PROCESSO TRANSFORMADOR**

A transexualidade vai além da prisão de corpos! É viver em um casulo adormecido! Quando não alimentado pela luz ou pela força, não eclode. Não vira borboleta! Quando eu era professor aos vinte e seis anos, vivi uma experiência única com meus alunos na educação infantil. Vimos o processo metamórfico de casulos em borboletas. Entre os casulos que estavam acondicionados nos vidros, com lagartas adormecidas, apenas uma das três conseguiu transformar-se em uma linda borboleta com asas amarelas pigmentadas com vermelho e cinza. A outra lagarta que dormia nunca o fez, secou antes e morreu. A terceira que estava saindo do casulo morreu presa, pois suas asas não soltaram da seda do invólucro e não conseguiu também. Acabou morrendo, cansada de tanto bater as asas. Apenas uma das três conseguiu soltar-se e bater as asas!

Ao lembrar esta experiência tão rica na docência, reportei ao processo transformador e penso que é isso mesmo: o ato transformador é libertar-se das sedas dos casulos e deixar que as asas de borboleta tracem o vôo certo e seguro buscando o caminho de uma vida livre e nova. Essa transformação, assim como o da lagarta em borboleta, não tem um tempo certo ou um dia específico. Ele acontece cedo ou tarde na vida das transexuais e travestis; no entanto, alguns ensaios já são observados na infância. No caso das professoras travestis e transexuais, objetos desta pesquisa, o processo de transformação aconteceu em situações e tempos diversos onde cada uma teve o seu momento, pois o desejo de assumir sua identidade foi mais forte. Entretanto, o que chamou atenção nos relatos das entrevistadas foi que citaram a infância como um ensaio da transexualidade ou travestilidade. Em suas histórias, apontam que as expressões de gênero feminino foram presentes em brincadeiras, representações e escolhas de seus ídolos ou ícones significativos. Como foi o caso da professora Adriana Lohanna, que gostava de representar o grupo “É o Tchan”<sup>3</sup> e ganhava vários concursos na escola, assim como a professora Sayonara Nogueira que dançava imitando as boletes do Clube do Bolinha<sup>4</sup> com toalhas na cabeça como se fosse um cabelo longo. Dentro desta perspectiva as experiências vividas pelas professoras transexuais e travestis entrevistadas, sem sombra de dúvida, iniciaram na infância suas

---

<sup>3</sup> Esse é um “grupo musical brasileiro de pagode baiano e axé, que se tornou muito popular na segunda metade da década de 1990. Com diversas canções de teor erótico e duplo sentido, o grupo se popularizou com a ajuda de um trio de dançarinos” (WIKIPEDIA, 2013).

<sup>4</sup> Programa de auditório, popular, sobretudo na década de 1980 (WIKIPEDIA, 2013).

descobertas de gênero e percorreram caminhos diversos até chegar à transformação, dentro ou fora da escola, como aluna ou como professora, fator marcado nos depoimentos.

No caso da professora Adriana Sales e da professora Adryana Souza, o processo transformador aconteceu na adolescência em torno dos dezesseis, dezessete anos, como alunas do ensino médio. Adriana Souza relata que saiu da cidade de Itaqui e foi para a cidade grande de Santa Maria, enquanto Adriana Sales aos 10 anos já manifestava o interesse pela hormonização e pelo feminino, cabelo, unha pintada, namoradinho na escola e passou por todos os problemas que todas as travestis e transexuais passam até hoje. Com elementos diferentes, mas com a mesma base problemática que é o preconceito e discriminação.

Quando Adriana Lohanna assumiu sua transformação viveu processos de preconceitos e discriminação tanto na família como na escola. Ela conta que só se transformou mesmo na fase adulta, quando o pai, muito homofóbico, caiu doente e perdeu a memória, facilitando seu processo transformador. Ela já havia sofrido várias situações dentro da escola como agressões físicas e insultos. Também ela relata que a própria mãe não aceitava sua identidade a ponto de colocar fogo em suas roupas femininas. Tudo isso passava a ser um tormento para a professora, pois ela não acreditava que vivia isso e não conseguia lidar com essas situações, vivendo uma fase muito depressiva. Buscava através da religião forças para lutar contra todos e tudo, no entanto sabia que seu desejo era maior que tudo e que estava disposta a viver tudo isso. Com essas colocações de Adriana, lembro quando eu vivi o processo de transformação, já sendo o professor da escola e, muito certa da minha decisão de transformar-me, resolvi fazer isso durante o ano letivo, o que provocou um alvoroço na escola e na vida dos alunos, e em especial, na minha vida. Este processo provoca várias questões. Uma delas é o de assumir e ver o que vai acontecer, tendo reações positivas ou negativas no contexto que você está inserida. Outra questão é a consequência da transformação, que pode ser motivo de afastamento, aposentadoria ou demissão de cargo, o que já aconteceu com professoras *trans* no Brasil. Outra, ainda, é o abandono da família, parentes e amigos.

O processo de transformação gera conflitos e muita tensão. A decisão, quando tomada, é definitiva e emancipatória. Carla Silva contou que não suportava mais a condição, esperou os dezenove anos, iniciada na carreira profissional como educadora de jovens e adultos, libertou-se e diz que daquele momento em diante era Carla e ponto. Colocou roupas femininas e foi trabalhar. Andréia Cantelli também assumiu sua transexualidade na adolescência e, quando iniciou o seu

trabalho docente, já se entendia como transexual. Para ela, este processo foi conflituoso, pois, como relatou, ela precisava se entender como pessoa para viver em espaços diferentes como família, escola e sociedade. Ela também relata que o pai até hoje não a chama pelo nome enquanto a mãe a chama de minha filha. Parece que a figura do pai acaba não demonstrando afeto diante desse conflito. Talvez o machismo possa estar associado ao fato da não aceitação. Andréia ficou muitos anos sem falar com o pai. Ela frequentava a casa, mas ele não conversava com ela, já sua mãe a chama hoje pelo nome social que adotou.

Neste processo de transformação, a figura do pai parece a mais afetada pela transformação das transexuais e travestis. A grande maioria demonstra uma recusa em aceitar a nova condição imposta, porque se culpa pela forma com que educou ou culpa a mãe por ter dado muito afeto ou apego. Essa dificuldade de aproximação e afeto acaba ficando de lado quando muitos homens se remetem aos seus filhos dizendo que homem não chora, não brinca de casinha e muito menos de boneca.

Brenda conta que seu pai, como jogador de futebol era muito homofóbico, não aceitou sua transformação na adolescência, porque dizia que os outros jogadores do time, debochavam dele. Ela sofria, também, por ser filho único. Com isso, ela recuou. Esperou a idade adulta para assumir sua transexualidade. Mesmo adulta, o pai ficou dez anos sem conversar com ela. Ela relatou que contava o tempo, pois sabia que um dia ele chegaria de volta, nem que fosse na velhice para pedir ajuda. Não precisou tanto tempo, segundo ela. Adryana Souza também ficou muito tempo sem falar com o pai, pois, quando ela assumiu a sua identidade *trans* aos dezessete anos, saiu de sua cidade e da fazenda e foi para uma cidade maior onde foi cursar filosofia. Adriana abandonou tudo o que poderia herdar e seguir o destino dos seus primos e irmão na tentativa de ser feliz de outra forma.

Em geral, é na adolescência que as travestis e transexuais iniciam suas transformações com a busca de hormônios e dicas de outras que já viveram e construíram seus corpos. Porém, este ato de transformação esbarra em outros fatores. Por um lado, elas processam nos seus íntimos a construção do gênero, por outro, inicia-se uma batalha pelo reconhecimento da identidade. A família todo tempo tenta corrigir, curar a “doente” ou abandona, entregando ao destino e a triste realidade que vive a maioria da população *trans* neste país. As professoras transexuais e travestis também iniciaram este processo na adolescência e foram construindo suas identidades a medida que as oportunidades aconteciam, contudo, algumas recuavam quando

percebiam sinal de perigo, voltavam atrás nas suas condições para barganhar e conquistar algo no que diz respeito aos estudos ou empregos. No início, elas incorporavam outros processos e amadureciam na difícil arte de disfarce ou truque, como o camaleão. Mudavam de roupa conforme o espaço que ocupavam. No início de sua transformação, a professora Andréia frequentava as aulas com roupas bem largas de tamanhos grandes, a fim de viver como mulher, mas sempre tinha uma saia dentro da mochila. No final da sua aula, durante o período que cursou o ensino médio, ela colocava a saia em algum banheiro público para desfilarem pelo centro de Curitiba. Quando chegava próximo de sua casa, trocava novamente de roupa. Adriana Lohanna também utilizava este método em casa, pois a sua mãe pedia que ela fosse discreta e só se “montava” na rua ou em banheiros próximo a sua escola. Nas aulas do ensino médio, ela ia vestida como mulher.

Em minhas andanças pelo mundo, ou melhor, pelo Brasil, conheci uma professora *trans* do Nordeste que relatou a seguinte história:

“eu nasci assim: uma mulher em um corpo de homem. Fiquei minha infância toda apanhando para me endireitar. Quando tinha 13 anos, fugi de casa, no sertão do agreste de pé descalços e sem nada para vestir a não ser a roupa do corpo. Para conseguir chegar na cidade grande, me prostitui por caronas de caminhoneiros. Fui abusada sexualmente e todos os homens me chamavam de cabrita e de Tieta, por conta de uma novela que passava na época. Quando cheguei na cidade grande, fui morar com uma cafetina e consegui pouso, comida, roupa e banho, mas eu tinha que continuar me prostituindo. Fui estudar durante um turno e no outro eu atendia lá na casa dela. Fiz Mobral e EJA e, depois, fui estudar na Faculdade de Pedagogia. Queria ser professora! Estudei muito. Tive que aprender tudo... só não sabia que ao voltar, depois de vinte anos para o interior do sertão, meu pai havia morrido e minha mãe não aceitou minha presença dentro de casa. Disse que eu deveria cortar o cabelo e botar roupa de homem. Lembro como se fosse hoje as palavras dela: ‘ocê não é meu fio. pra vorta a sê meu fio corte este cabelo e bote ropa de homê! Em nome de Deus e nosso senho Jesus!’. Daquele dia em diante, eu vi que, por um lado, eu consegui tudo o que eu queria, no entanto, perdi o amor de minha mãe e de minha terra. Mas não voltei atrás na minha decisão. Eu sabia o que era melhor para mim. Viver uma vida de mentiras e tentando me enganar e enganar os outros. Não! Eu não cortei o cabelo e não me vesti como ela queria”.

Este pequeno e triste relato mexeu muito comigo. Fiquei dias pensando sobre tudo o que acontecera comigo na vida e tudo o que sofreu esta pessoa para vencer tudo e todos e nunca desistir. Meninas como ela, muito cedo, tentam buscar algo melhor para si quando a pobreza e as dificuldades são muitas. A vulnerabilidade que elas vivem, mesmo na adolescência, faz com que construam e movam castelos na busca pela dignidade, nem que para isso cometam pequenos delitos e usem seu corpo como objeto ou apelo sexual. E, a cada dia que passa, mais e mais meninas se descobrem na adolescência e no início da fase adulta. Um processo emancipatório de



buscar e de fazer de seus corpos e suas vidas o que desejarem. Silicones e hormônios já são consumidos na adolescência de forma clandestina, pois as políticas públicas não discutem esse problema na área da saúde. E a vida segue seu curso...

As professoras transexuais e travestis desta pesquisa também viveram todos os processos, em grande ou pequena escala. No entanto, suas histórias a respeito da transformação são em grande maioria, fatos que demarcam um ritual de passagem, assim como o da lagarta para a borboleta, que são fundamentais, segundo depoimentos no processo de construção deste sujeito *trans*. Em nenhum momento, passou pela ideia de arrependimento o que fizeram as professoras. Em nenhum momento elas, apesar de todo sofrimento e toda humilhação, tanto na escola como na vida, falaram que poderiam ter feito diferente. Algumas disseram que fariam tudo de novo e se soubessem, fariam mais cedo. Andreia começou a tomar hormônio aos 13 anos, assim como, Sayonara, Adriana Lohanna, Adriana Sales, Adryana Souza, Carla e Brenda. Portanto, a possibilidade de ter um corpo feminino, com todos seus atravessamentos, era o desejo dessas pessoas *trans*.

Este desejo de ter seios, sem o “chuchu no rosto” e a redução dos pêlos pelo corpo, assim como um bom quadril e um peito eram os ideais de busca na feminilização. Andreia conta que tomava muitos comprimidos por dia, enquanto que Brenda tomava um ou outro, dependendo do período. Já Adriana Sales conta que, ao iniciar este processo muito cedo, desenvolveu uma série de complicações e obesidade, ao ponto de passar por cirurgias de redução de estômago e tratamento de emagrecimento há cerca de dois anos. Também ela teve problemas de saúde, como um infarto do coração. Hoje, depois de todo seu tratamento, já reduziu pela metade seu peso e sua vida tornou-se mais saudável. Andreia também relata que até hoje sente as dificuldades em relação ao organismo, devido ao excesso de medicamentos e hormônios, porém, nunca aplicou nenhum tipo de silicone no corpo ou próteses de seios.

O processo de aplicação de silicone industrial no corpo não foi uma prática desenvolvida pelas professoras entrevistadas, em geral. No que diz respeito a isso, há um consenso em relação aos perigos que o mesmo provoca no organismo. Apenas a professora Sayonara realizou este processo. Ela conta que, nos anos 1990, a moda era colocar silicone principalmente nos quadris e glúteos. Então, ela fez algumas aplicações, mas sem muito exagero, porque ela já se sentia gorda e não queria ficar maior. No filme *Bombadeira*, de Luis Carlos de Alencar, fica clara esta questão da aplicação clandestina de silicone, os perigos que cercam esta prática e, mesmo assim, o grande

interesse demonstrado por travestis e transexuais: uma realidade que acaba tendo consequências sérias para a saúde, inclusive podendo evoluir para morte. No passado, este método caseiro, geralmente realizado por uma travesti mais antiga, era comum no meio. Era uma cultura de produção de corpos exagerados e com marcas visíveis da identidade. Hoje, percebe-se que ser “top” no mundo *trans* é buscar a feminilidade sem exageros, ou seja, buscar traços femininos sem carregar a marca da identidade. Segundo algumas travestis ser “top” é ser do tipo *mignon*, fazendo um estilo garotinha, mas sem exagerar. Cada vez mais, buscam no gênero feminino, assim como as mulheres, um toque de sensualidade. Aquelas que viveram nas décadas anteriores sendo símbolo sexual como Roberta Close, Safira Bengell, Weluma Brown (a chacrete) e Angela Leclery, hoje ficam na memória das que viveram e nas histórias que marcaram a identidade *trans* no Brasil. Adriana Sales contou que se inspirava nestes ícones para construir sua performance travesti. Como viveu em Paris em determinada época, conheceu várias personalidades que marcaram na sua vida. O próprio Carrossel de Paris ficou gravado na sua memória.

Hoje, este mercado de moldura de corpos para travestis e transexuais ainda é muito marcado e forte, todavia, muitas recorrem a cirurgias plásticas que vão desde o implante de cabelos até a redução de pés e mãos, através de cirurgias. Em alguns países, essas cirurgias já acontecem cada vez mais especializam-se com métodos avançados, bem como a própria cirurgia de redesignação do sexo. Carla viveu a experiência de se transformar por completo. Fez sua cirurgia e entende-se como uma mulher. Realizou a cirurgia no Hospital Referência do Rio de Janeiro, no início de 2012. Quando perguntei a ela sobre o processo ela respondeu “que foi a dor e a delícia de querer ser mulher!”, uma profunda colocação. Quando ela se refere à dor, ela comenta a própria dor física, justamente por todo o processo cirúrgico, complicações pós-operatórias e recuperação. A delícia para ela foi acordar da cirurgia e não ter mais o pênis que tanto atrapalhava sua vida. Ela hoje diz entender que tudo que passou foi uma lição, que mesmo estudando, não viveu na escola e, sim, na vida. Acordar e ter a certeza que daquele dia em diante era uma mulher transexual foi uma experiência marcante para sua identidade. Apenas Carla é uma mulher transexual readequada, no momento da pesquisa. Adriana Lohanna e Adriana Souza sonham com este processo, assim como Brenda. Já Andréia e Sayonara ainda estão inseguras quanto à cirurgia. Adriana Sales se entende como travesti e não deseja realizar a cirurgia, ela diz que se sente muito bem assim.

## 5.1 DOCÊNCIA *TRANS*: ONDE A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO EXISTE DE FATO

Nesta seção, pretendo abordar algumas questões no âmbito da docência e suas implicações no campo da escola, as relações estabelecidas entre alunos e professoras *trans*, além das dificuldades que evidenciam com os colegas professores e demais profissionais de Educação, no espaço escolar, lidam com a situação. Neste sentido, a escola tem sido um espaço muito tenso nas relações de diversidade. De um lado, temos a relação alunos *versus* professoras *trans* e, de outro, professoras *trans versus* colegas professores, supervisores e direções de escola.

### 5.1.1 Relação alunos *versus* professoras *trans*

Durante minhas entrevistas, ficou evidenciado que esta relação costuma ser tranquila e amigável. No primeiro momento, causou certo impacto para alguns alunos o fato da professora ser uma transexual ou travesti. No entanto, essas relações começaram a ser discutidas e, aos poucos, a convivência e as próprias dificuldades em relação a isso foram sendo acomodadas. As professoras transexuais e travestis começaram a conquistar confiança e maior aproximação com os alunos. Algumas afetividades ficaram mais explícitas e a convivência passou a ser harmoniosa.

Apenas a professora Andréia teve um problema no início do seu trabalho na escola. Alguns alunos se apropriaram de suas fotos publicadas nas redes sociais e iniciaram um série de envio de e-mails divulgando a professora “traveca” ou “travecão” da escola. Esta atitude foi realizada, segundo ela, por um grupo de treze alunos de uma turma de 7ª série, o que não representava a maioria dos seus alunos, pois eram aproximadamente 600, sendo que ela atendia desde a 5ª a 8ª série do ensino fundamental e 1ª a 3ª série do ensino médio. Segundo ela, a direção da escola se posicionou ao seu favor e logo descobriram os autores do fato. Em contrapartida, ela teve apoio dos outros alunos, provocando uma revolução na escola e, logo, teve a solidariedade de toda comunidade escolar. Aqui fica claro como se dá o início da pedagogia do salto alto, quando seu processo de ensinamento se estabelece em um jogo de regras, mesmo que sejam apenas nominais.

Sayonara contou que sempre foi escolhida para ser paraninfa de turmas de formandos da 8ª série, fato comum para outras transexuais. Ser a conselheira de turma, uma professora escolhida pelo grupo para responder algumas questões e responsabilidades diante dos pais,

quando os mesmos procuram a escola por algum motivo, também era uma prática citada por todas. Adriana Lohanna conta que alguns alunos saíram em defesa dela quando os outros alunos da escola a ofendiam e que, muitas vezes, ela foi chamada na secretaria para tentar ajudar em situações de homofobia de grupos que atuavam na escola. Muitas vezes, ela saiu em defesa dos alunos agredidos, o que trazia à tona toda sua história do passado de estudante. Adriana Sales diz que as relações com seus alunos eram muito tranquilas. Ela tinha um bom diálogo com todos e sempre estabelecia algumas regras de convivência para que os mesmos pudessem se organizar. Adryana Souza conta que, quando ela foi afastada da vice-direção, os alunos também não gostaram e resolveram fazer um panelaço à noite a seu favor. O diretor achou que ela estava organizando o ato. Eles escrevem palavras do tipo “sacana” em cartazes pela escola toda e o diretor ficou muito ofendido. Ele achou que tinha sido ela quem tinha provocado isso. Em outro momento, ela também sentiu o quanto os alunos de outra escola gostavam dela. A relação foi tão boa com a comunidade que, quando disse que ia embora, pois a CRE a designou para outra escola, as mães e os alunos choraram muito e, por isso, foi muito complicado ela sair de lá. Naquela escola, chamavam-na carinhosamente de “dire”. Brenda contou que mesmo tendo pouca experiência em sala de aula, sempre buscou aproximar-se dos alunos e dedicava a hora do recreio para isso. Enquanto os professores ficavam tomando café, ela caminhava pelo pátio da escola e conversava com os alunos. Trocava experiências e brincava o tempo todo. Nestes diálogos, estabelecia formas de aproximações com os temas da sexualidade e homofobia.

Durante as entrevistas, ficou bem demarcado e legitimado o espaço de diálogo entre os alunos e as professoras transexuais e travestis. Alguns alunos referem-se a estas professoras como sendo um sujeito central da escola. No período que fui entrevistar Andréia, fomos a uma boate na cidade de Curitiba e, logo ao entrar, ela foi surpreendida por um sorriso nos lábios de uma moça que aparentava uns 20 anos. Logo que passamos pela recepção, ela veio em nossa direção e perguntou se minha informante não era Andréia, a professora de História da escola. Andréia sorriu e concordando perguntou o nome da menina. Logo vieram mais dois ex-alunos: um menino e uma menina e reconheceram Andréia. Foi uma festa! Todos sorriam e contavam histórias que viveram enquanto Andréia foi professora deles. Uma das meninas falou em alto e bom tom “‘Sora’ Andréia, que saudades da senhora e de suas aulas! Eu adorava estudar História porque a senhora falava com tanta riqueza de detalhes algumas coisas e eu viajava”. Neste momento, observei algumas questões muito ricas em relação ao cenário. Em uma boate

alternativa, em plena festa, luzes, bebidas, fumaças, os alunos encontraram a ex-professora e manifestaram o quanto ela foi importante em determinado período da vida deles e o quanto suas aulas foram ricas em conhecimento. Aprendizagens significativas ficam marcadas por toda nossa vida, assim como pessoas que conviveram e, por algum motivo, também foram importantes, no caso, as professoras. Andréia ainda relatou que era muito exigente. Todo tempo cobrava conteúdos e materiais e muita leitura, pois dizia ser imprescindível para suas vidas. A professora também gostou de ter reencontrado seus alunos do primeiro ano do ensino médio, agora adultos, com suas vidas constituídas. Satisfeita com o resultado do seu trabalho, argumentou que nem tudo estava perdido e que ainda era muito importante para educação e para escola, enquanto profissional. Adryana Souza também citou um momento importante quando estava iniciando a carreira do magistério, pois estava numa fase de adaptação e foi designada para ficar na escola trabalhando com projetos e para sua surpresa ela foi homenageada por uma turma de 8ª série.

“eu trabalhei muito, construí projetos e, em janeiro do outro ano, eu tive que sair. Neste período, eu fui homenageada pelos alunos da 8ª série na formatura e aquilo me chamou atenção... não esqueço dos alunos, pois perguntei porque vocês me escolheram e eles responderam que foi por causa da minha coragem. Eles sabiam de toda história”.

Por conta destas falas, também lembrei que por diversas vezes fui paraninfa de turmas na escola, assim como professora conselheira. Lembro que em um ano tínhamos uma turma excelente de 8ª série e, como conselheira escolhida, organizamos uma excursão ao Beto Carrero (Santa Catarina) no final do ano. Durante todo ano, fizemos atividades para angariar fundos e reuniões mensais com os pais (eu e o grupo de alunos). Um dia, a diretora da escola comentou que ela ficava impressionada, pois até os pais homens vinham nas reuniões e colaboravam nas decisões. Por decisão do grupo, o passeio aconteceu com a presença de alguns pais e mães e foi muito divertido. No hotel, optei por ficar em um quarto sozinha, mas fazia o monitoramento o tempo todo, circulando pelos corredores e entrando nos quartos para ver as bagunças que os alunos faziam.

Assim como Adryana, Andréia e outras professoras informaram, os alunos sempre sabem de tudo e, convivendo com as diferenças e aproximações, começam a respeitar, entendendo os processos. A convivência e a curiosidade desmistificam o preconceito. A pedagogia do salto alto invade as diferentes cenas da sala de aula, da escola e além dos muros, exemplificando que a pedagogia do salto alto de fato acontece mesmo.

## 5.2 OS BAFOS...

Esta seção, intitulada “Os bafos” abordará temas que provocam todo e qualquer tipo de conflito na vida das travestis e transexuais e, é claro, na vida das professoras entrevistadas nesta pesquisa. Discutem-se os problemas que decorrem desde a questão do nome civil, nome social, uso do banheiro até as questões trabalhistas e demais direitos que essa população sofre no dia a dia.

A palavra “bafo”, na linguagem do “bajubá”, ou, como dizem as próprias travestis e transexuais, a “língua do bate-bate”, significa problema, confusão, conflito, tumulto. Na verdade, quando elas fazem o “bafo” é porque estão, de certa forma, reivindicando algum direito ou alguma situação que as colocou em conflito com a sociedade ou as pessoas em geral. Fazer bafo é mostrar que estão vivas, presentes e conscientes do seu mundo e de seu papel como pessoas.

Nesta seção, também busco algumas questões reflexivas acerca do que é tão simples para as próprias travestis e transexuais, mas que para as outras pessoas é um problema muito maior, que são as posturas diárias e corriqueiras na convivência. A maior parte dos fatos citados seria muito mais fácil de ser lidada, se a sociedade não se preocupasse tanto com coisas banais, como citou a professora Adriana em um dos nossos encontros, “o mundo esta prestes a provocar a terceira guerra mundial e aqui as pessoas estão preocupadas em saber que banheiro nós deveremos usar!” e, ainda, ela completa “pouco importa para os outros se eu me chamo assim ou assado... o que cabe aqui é saber que eu me entendo como Adriana Sales, uma mulher travesti”. Diante dessa afirmação, inicio a seção com o primeiro bafo.

### 5.2.1 Primeiro bafo: o significado do nome para travestis e transexuais

O jogo do nome para as travestis e transexuais acompanha a construção do feminino sempre ressignificado. Sobre o assunto, Benedetti (2005) aponta que a construção do nome no feminino se relaciona à mudança do corpo e à performance na busca por se sentir mulher. Na sua pesquisa realizada em Porto Alegre, o pesquisador informa que, anteriormente às mudanças corporais, as travestis se denominam no masculino, remetendo-se a fases da infância e, só após a iniciação da montagem no feminino, constroem-se e reivindicam o nome feminino, porém já tendem a apresentar, desde a infância, desejo por brincadeiras de meninas e atração sexual por

meninos. Durante as entrevistas realizadas, percebi que todas as professoras transexuais e travestis já assumem suas identidades e seus nomes sociais independentemente da situação civil estar regularizada, ou seja, a troca do nome realizada por vias judiciais. As citações abaixo são afirmações do quanto o nome adotado é significativo para a construção deste sujeito e da sua própria identidade construída.

“Agora eu sou Carla! Meu nome é Carla e ponto final!”

“Eu me chamo Adriana Sales!”

Esta nova configuração de identidade tem utilizado o termo *nome social* para identificar as transexuais e travestis que assumem suas identidades perante a sociedade, no entanto, ele denota um problema, a medida que o nome civil ainda é masculino, contrapondo-se ao gênero adotado. O nome social, antes era conhecido como “nome de guerra”. A própria palavra já dizia que as travestis e transexuais travavam uma guerra diante dos desafios e problemas do cotidiano. A guerra de descer para as ruas, o trabalho e todo preconceito. Com o avanço proposto pelo próprio movimento *trans*, as discussões em torno da temática do nome passaram a ser desenvolvidas dentro de eventos onde a própria população estava inserida. Em diversas discussões, principalmente nos ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta contra AIDS), os temas propostos romperam com o termo “nome de guerra”, passando, então, a utilização do termo “nome social”. Claro que a luta pelo nome civil reconhecido, conforme seu gênero vivido tem sido a bandeira de muitas travestis e transexuais, inconformadas com a situação.

Para as professoras transexuais e travestis, objetos desta pesquisa, o problema parece ser o mesmo, no entanto, as discussões e as dificuldades adentram outro espaço chamado escola. Apesar da pluralidade de riquezas e detalhes acerca das entrevistas, ao entender como se deu cada processo de identidade de gênero e suas diferentes épocas, percebi algo muito forte em relação ao nome de cada uma e como esse problema foi conduzido. As frases citadas no início deste capítulo apontam para várias questões a serem analisadas. As afirmações ditas pelas informantes. “eu sou...” ou “eu me chamo...” confirmam suas identidades e o gênero assumido. Para a professora Adriana Sales, o *se assumir diante da sociedade e da escola* gera tensão, conflito e muito constrangimento. Para ela, mesmo no curso de pós-graduação o nome dela não foi respeitado, pois os trabalhos deveriam ser escritos com o nome civil. Na escola, onde retornou como

professora, no caderno de chamada ou no livro ponto, o seu nome civil era o que tinha de ser colocado.

O interessante neste processo de construção de gênero atrelado a adoção de um nome, agora feminino, no caso das professoras travestis e transexuais, aponta para a discussão dentro da Educação Brasileira que até hoje não soube lidar muito bem com essas populações e acabou expulsando-as da escola. Diversas pesquisas apontam para um número significativo de travestis e transexuais com baixo nível de escolaridade devido ao preconceito e discriminação ocorridos ainda nos dias de hoje, inclusive, sobre o desrespeito ao nome adotado. Vários artigos e entrevistas apontam uma triste realidade: no Brasil, ainda é muito difícil pensar em políticas públicas que responderão a esta população. Conquistas e avanços são isolados e as pequenas ações ainda não dão conta de toda a demanda.

Por conta desta demanda, o MEC/SECADI, apresentou o parecer 141/2009, recomendando através do CNE, uma normativa para que os estados e municípios brasileiros adotassem o nome social nos cadernos de chamadas escolares, a exemplo do estado do Pará e Goiás que já haviam adotado tal postura, além do município de Belo Horizonte. Após este processo, diversos estados e municípios criaram portarias, pareceres e normativas a fim de estabelecer um direito já adquirido conforme a constituição brasileira, ou seja, o direito ao respeito, acesso e permanência de estudantes, incluindo nestes, travestis e transexuais. Assim temos avançado nas discussões. No estado do Rio Grande do Sul, o governo criou decretos favoráveis ao nome social e uma carteira de nome social. O decreto de lei estadual nº 48.118 de 27 de junho de 2011 diz que, nos procedimentos e atos da administração pública estadual direta e indireta de atendimento a travestis e transexuais, deverá ser assegurado o direito à escolha de seu nome social, independentemente de registro civil, nos termos do decreto. Também conforme o decreto, o estado reconhece que o nome social é aquele pelo qual travestis e transexuais se identificam e são identificados pela sociedade e, conforme os artigos, o nome civil deverá ser exigido apenas para uso interno das instituições, acompanhados do nome social do usuário, como exemplo os cadernos de chamadas das escolas, que deverá constar o nome social ao lado do civil e que para fins legais e emissão de documentos e diplomas constará o nome civil.



### 5.2.1.1 A carteira de nome social

Figura 3: evento de lançamento da carteira de nome social.



Fonte: Gabinete Digital RS, 2013.

Única no país até o momento, de acordo com o decreto 49.122 de 17 de maio de 2012, foi instituída pelo governador Tarso Genro em ato solene no Palácio Piratini, sede do governo gaúcho, com a presença de várias autoridades políticas, civis e movimento social LGBT. Segundo o coordenador estadual de políticas da diversidade, Fabulo Nascimento, este projeto atendeu a demanda apresentada na conferência estadual LGBT de 2011. Para ele a população de travestis e transexuais é a mais vulnerável e necessita de uma atenção especial no que diz respeito às inserções sociais. Uma delas é o respeito ao nome pelo qual essas pessoas adotaram e querem ser chamadas, adequadas ao gênero que vivem. Da mesma forma, essa carteira tem o sentido de acolher as travestis e transexuais no que diz respeito ao tratamento nominal e por ser um documento criado e emitido pela secretaria de segurança pública tem um reconhecimento estadual. Ela está vinculada ao Instituto Geral de Perícias, Departamento de Identificação e é totalmente gratuita, tornando, assim, um acesso fácil para as pessoas que não dispõe de recursos financeiros para abertura de processo judicial, até porque, ainda hoje, além da demora nos trâmites legais, o processo é inviável em função de custos financeiros. Esta carteira, cujo projeto

teve um envolvimento de vários setores de governo e sociedade civil, iniciou sua planificação como política pública em 2011, a partir de um grande projeto chamado “Rio Grande sem homofobia”. Para esta carteira, um grande mutirão foi realizado e, até a data desta pesquisa, mais de duzentas pessoas já fizeram o documento. Como projeto pioneiro no país, a carteira tramitou também no poder judiciário, pois representantes do Observatório contra a Homofobia solicitaram formalmente a adoção da carteira ao corregedor-geral de Justiça em exercício, desembargador Voltaire de Lima Moraes. Na prática, se aceito pelo Judiciário, o documento poderá ser apresentado por travestis e transexuais em órgãos oficiais desse poder, nas circunstâncias em que for exigido, evitando constrangimentos e garantindo a identidade de gênero. O desembargador manifestou apoio à proposta e ressaltou que o Estado deve assegurar condições para que as opções de gênero ocorram sem discriminação. “Estamos numa sociedade plural e, para que seja plural efetivamente, é preciso que todos ocupem espaço, mas com dignidade”, observou. Marcelly Malta ressalta a importância do projeto, porém ressalva que a carteira em si só não vai diminuir a cultura do preconceito; por outro lado, como é uma lei especificamente sobre o tratamento de travestis e transexuais, deverá ser respeitada, principalmente nos órgãos públicos.

#### *5.2.1.2 Nome civil*

A luta pelo reconhecimento do nome civil para as travestis e transexuais é constante e infinita. Alterar seus documentos oficiais, adequando-se ao gênero, significa mais um passo na conquista da cidadania. Esta luta já teve muitos avanços, principalmente na Argentina, quando a presidenta Cristina Fernández cria uma nova lei definindo a identidade de gênero como a “vivência interna e individual tal como cada pessoa a sente, que pode corresponder ou não ao sexo determinado no momento do nascimento, incluindo a vivência pessoal do corpo”. A norma estabelece que qualquer pessoa poderá solicitar a retificação de seu sexo no registro civil, incluindo o nome de batismo e a foto de identidade.

No Brasil, esta lei está esperando apreciação do Senado, mas continua parada, em função de questões políticas e religiosas, assim como todas as leis que trazem as discussões da pauta LGBT e de gênero à tona. Entretanto, algumas ações, mesmo que isoladas, tem acontecido e provocado *bafos* no sistema judiciário. Um projeto inusitado no estado do Rio Grande do Sul teve

origem em janeiro de 2013, quando a Associação de Travestis e Transexuais – a Igualdade RS juntamente com a SAJU (Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da Faculdade de Direito da UFRGS) e o NUPSEX (Núcleo de Psicologia e Sexualidade vinculado ao Curso de Psicologia da UFRGS), através de uma parceria realizaram uma ação civil de trocas de nomes de travestis e transexuais junto à Vara de Registros Públicos do Foro Central de Porto Alegre. Nesta ação, sete pessoas *trans* tiveram seus nomes sociais reconhecidos como civis pelo juiz de direito em tempo recorde de trinta dias. Para cada grupo parceiro, uma tarefa foi executada. A Igualdade RS divulgou e convocou as travestis e transexuais que tinham interesse de alterar o nome, o SAJU prestou o serviço jurídico gratuito orientando sobre documentos e montando os processos e o NUPSEX entrevistou e analisou as entrevistas, escrevendo os pareceres psicológicos das candidatas. Como foi uma procura significativa, este projeto segue durante o ano e, até o momento, mais de sessenta transexuais e travestis estão na fila para trocar o nome, adequando-se a identidade que vivem. Segundo uma das coordenadoras deste projeto, a travesti Marcelly Malta, presidente da Igualdade RS é um avanço para a população de travestis e transexuais que não podem trocar o nome por falta de “acué” (ou seja, “dinheiro”, na linguagem do “bate-bate”).

Figura 4: Nove transexuais e travestis tiveram seus pedidos para troca de nome em registro civil protocolados.



Fonte: Ramiro Furquim/Sul21 (2013).

Figura 5: As mulheres comemoraram a entrega das ações judiciais dentro do Foro Central.



Fonte: Ramiro Furquim/Sul21 (2013).

A partir das entrevistas realizadas, uma das entrevistadas, Carla da Silva, obteve sua troca de documentos a partir do processo cirúrgico e Adriana Lohanna dos Santos conseguiu a troca de nome depois da entrevista. Adriana ainda teve seu gênero feminino reconhecido, mesmo sem ter realizado a cirurgia de troca de sexo. Essa ação foi inédita no estado do Sergipe e no Brasil.

### 5.2.1.3 No SUS

O Ministério da Saúde, através do SUS, criou a Portaria GM 1820/2009, instituindo a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, no qual estabelece, entre seus artigos, o nome civil e um espaço para que se acrescente o nome social e como os pacientes querem ser chamados. Conforme o último ENTLAIDS, ocorrido em Brasília, DF, em outubro de 2012, o Ministério da Saúde já reconhece o nome social de travestis e transexuais em cadastro e cartão social. Este tema apresentado nas discussões de saúde e prevenção para a população *trans* contou com a presença do representante do Ministro da Saúde e funcionários da área técnica. Durante o evento, várias transexuais e travestis realizaram o cadastro e receberam o cartão social do SUS. A inclusão do nome social de travestis e transexuais no cartão do Sistema Único de Saúde (SUS) tem como objetivo reconhecer a legitimidade da identidade desses grupos e promover o maior acesso à rede

pública. “Um dos grandes desafios do Sistema Único de Saúde, atualmente, é combinar as políticas universais, que atendem toda a população, com as políticas que precisam quebrar barreiras sociais, culturais, de preconceito”, explica o secretário de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, Jarbas Barbosa. A idéia é promover o direito de ser respeitado e ter acesso digno nos serviços de saúde. “O nome social é uma questão de saúde pública. Quando uma travesti deixa de procurar o serviço de saúde, normalmente, é porque já antecipa a frustração de ser tratada pelo seu nome de registro” declarou Fernanda Benvenutty, travesti, líder social e membro do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A inclusão do nome social no cartão do SUS é defendida pelo Ministério da Saúde como uma forma de reconhecer a identidade de gênero. “Se os serviços de saúde não têm estratégias que permitam o adequado acolhimento de travestis e transexuais, esses grupos se tornarão cada vez mais vulneráveis. Essa é uma questão de saúde pública, e a primeira barreira a ser transposta, é a de permitir que essas pessoas sejam atendidas, nas unidades de saúde, pelo nome que desejam”, declarou Barbosa. Para Keila Simpson, ativista, a saúde é o setor que mais tem atendido às demandas da população de travestis e transexuais. Segundo ela, a substituição do nome de registro pelo nome social é um avanço importante em prol da defesa da identidade e da saúde da população de travestis e transexuais.

### **5.2.2 E a família? Outro bafo!**

Falar de família é falar de bafo! Falar de um bafo que explica o que se passa dentro do espaço familiar das travestis e transexuais expulsas de casa pelo preconceito e pela discriminação. Para as travestis e transexuais, a palavra família costuma ser sinônimo de violência e agressão constante, já que, desde a infância, apresentam marcas de gêneros tão diferentes dos convencionais – menino é menino, menina é menina. Na história da professora Sayonara, adotada por um casal de cinquenta anos, fica claro que, ao chegar em casa, a mãe, ao ver o filho com uma toalha na cabeça, imitando as boletes do programa do Bolinha, parte para a agressão e violência na tentativa de corrigir e adequar aquele menino, dizendo que ele era homem e homem não fazia isso. Da mesma forma, a professora Adryana Souza de Porto Alegre relata que, ao nascer em uma fazenda no interior do estado do Rio Grande do Sul, filha e neta de fazendeiros, era constantemente ensinada a ser homem e trabalhar com o gado e com os animais da fazenda, mesmo não querendo. Quando ela chorava, a mãe dizia que o pai não poderia vê-la

chorando, que ele iria bater nela. Para Brenda, o que mais marcou como violência na família foi quando os seus cabelos foram cortados, como um menino tinha de ser – curto – e, por assumir sua transexualidade logo na adolescência, seu pai, um jogador de futebol, homofóbico e machista, ficou anos sem conversar com ela.

Muitas meninas são agredidas, violentadas e expulsas de seus lares ou colocadas na prostituição para trazer o sustento da família, principalmente em cidades do interior do Brasil ou em cidades de turismo sexual. Ao longo da minha pesquisa, conheci uma travesti no calçadão de uma praia do nordeste brasileiro. Eu estava em um congresso e à noite, ao caminhar pela orla, vi D. com 15 anos, vestindo uma saia curtinha e uma mini-blusa, caminhando por ali. Ao me aproximar, vi que era uma *trans* e perguntei sua idade e nome. Ela é uma menina morena, muito bonita, perguntou se eu era mulher ou travesti e veio atravessando a rua ao meu encontro. Conversamos muito. Ela relatou que havia parado de estudar porque na terceira série todos a chamavam de “viado”, ela não aguentava mais e saiu da escola. Era molestada por seus dois irmãos mais velhos e, quando o pai descobriu, expulsou-a de casa para se prostituir e trazer dinheiro para ajudar em casa. Chocada com a cena e com sua história, dei o contato da ONG que atuava na cidade dela e da travesti responsável pela ONG, mas através de contatos posteriores com a ONG, descobri que essa menina nunca apareceu por lá.

Diante destas histórias e de cada processo vivido pelas professoras ou por *trans* em geral, relatados durante as entrevistas, a família passa a ser o primeiro enfrentamento homofóbico e o que mais marca a vida, em geral. São histórias diversas que apontam para um caminho: o de sair de casa assim que puderem, de uma forma ou de outra, a fim de viverem suas vidas. As que conseguiram sobreviver à violência familiar e escolar estudaram e obtiveram diplomas de licenciatura ou afins, outras não venceram o preconceito e abandonaram tudo, caindo na prostituição, como fonte de sobrevivência. As professoras que passaram pela experiência da prostituição relataram que não puderam suportar e logo perceberam que por um motivo ou outro não iriam sobreviver nas ruas. Outras viveram as experiências até conquistarem uma posição favorável de trabalho com renda formal e não pediram apoio às famílias.

Outro aspecto interessante apontado não é só da violência de pais, mas a violência dos irmãos e do outros familiares, pois o processo das transexuais e travestis vivido dentro de casa pode gerar problemas na vida social do restante da família. Na conversa com a professora Adryana Souza, de Porto Alegre, essa história vem a tona quando ela relata que o problema maior

foi explicar para seu irmão, dez anos mais jovem que ela, sobre toda a situação. O medo do irmão era que os colegas iriam debochar dele – como realmente aconteceu – e que, se isso acontecesse, ele tinha dúvidas de como poderia lidar com isso e comoalaria com os colegas a respeito disso. Outra situação foi contada pela professora Sayonara, que tinha quatro irmãos homens adultos, militares, e que, aos quatorze anos, disseram a ela que poderia ser assim, mas que fosse muito discreta, pois a família era muito conhecida e nenhum deles, os irmãos, poderiam sofrer problemas no quartel onde trabalhavam. Já Adriana Lohanna conta que não era só seu pai que era violento: ela ouvia o tempo todo que não poderia ser igual o seu tio, que era gay, e que grande parte da família dizia que ela não poderia ser assim, porque homem não era assim e não fazia o que ela fazia. Aos sete anos, ela queria usar as calcinhas da irmã, e não a deixavam; queria brincar com brincadeiras de meninas, e não podia. Da mesma forma, ao assumir minha transexualidade, entendi que, mesmo não tendo meus pais, por serem falecidos, a ausência de meus irmãos seria normal, tanto que se não os procuro, eles não me procuram também, de modo que nossas vidas ficaram muito mais distantes do que era. Assim como eu, muitas travestis e transexuais abandonadas de alguma forma ou de outra pela família buscam, hoje, aproximações com suas iguais, a fim de evitar a solidão, comum nas nossas realidades.

### **5.2.3 O bafo do banheiro: e qual poderemos usar?**

O “bafo” do banheiro é uma realidade para as travestis e transexuais que vivem na fronteira da heteronormatividade. O banheiro, principalmente o público, foi feito dentro dos padrões heteronormativos, ou seja, a norma é ter um banheiro masculino, para homens, e um banheiro feminino, para mulheres. E, para travestis e transexuais, haveria um terceiro banheiro? Este tema polêmico já foi assunto de jornais e revistas, artigos e processos judiciais, como foi o caso da reportagem do jornal Zero Hora, questionando que banheiro a travesti Marcelly Malta usaria, quando deu aula na Academia de Polícia do Estado.

As histórias de banheiros, transexuais e travestis são comuns, principalmente nas escolas brasileiras. Quando eu trabalhava na SEDUC (Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul), recebi um e-mail do coordenador estadual de políticas da diversidade da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado, pedindo auxílio para responder a Coordenadoria Regional de Educação de Santa Maria. No e-mail, a responsável pela área de Gênero e Sexualidade

questionava o problema enfrentado por uma travesti que estudava em escola e o uso do banheiro feminino. A diretora da escola não sabia o que fazer, pois, por um lado, a travesti, adolescente de quatorze anos queria usar o banheiro feminino; por outro lado, os pais evangélicos e as alunas não aceitavam que ela frequentasse o mesmo e, por fim, os professores questionavam-na o tempo todo como resolver a situação. A tal situação era um “inferno”, segundo relato da diretora da escola. Segundo Louro, para alguns alunos, a escola pode ser um inferno, principalmente para os que não pertencem ao grupo da heteronormatividade. Estes alunos, o tempo todo, sofrem violência e suas vidas passam a ser algo de toda a crítica, agressão verbal e, muitas vezes, físicas.

Em resposta ao e-mail enviado, fiz alguns questionamentos acerca da questão do uso do nome social, já que ela possuía a carteira. Perguntei ao coordenador a seguinte questão: se o Estado reconhece a travesti pelo nome social e pelo gênero feminino, por que estão questionando o banheiro? Se ela tem aparência feminina, atende pelo nome que adotou, por que a escola insiste em problematizar? O posicionamento da Secretaria foi que a aluna teria o direito de usar normalmente o banheiro feminino para suas necessidades fisiológicas; ela se entende como mulher travesti, então ela usará o banheiro feminino, sim! O coordenador também concordou com minhas colocações e respondeu, ainda, que, se existe um programa Rio Grande sem Homofobia, o Governo tem um reconhecimento por esta população e, se existem leis sobre o nome social, seria prudente e prático que o direito da aluna travesti de utilizar o banheiro feminino fosse respeitado. O bom senso em relação a esta questão foi buscar através de uma lei que a comunidade escolar respeitasse. Por outro lado, este episódio não é único e nem sequer o último. O depoimento de uma diretora de uma escola estadual de Minas Gerais relata que a única saída para este problema foi a utilização do banheiro de professores para as duas travestis que estudavam lá. Ela ainda relatou que era constante o problema, porque os pais questionavam muito e ela tomou esta medida. É claro que estes casos apontam para uma situação muito mais grave, onde a questão não é o banheiro que as travestis e transexuais irão usar e, sim, o direito de fazer as necessidades fisiológicas e não serem agredidas, principalmente se forem ao banheiro masculino.

Em Recife, um famoso *shopping center* no centro da cidade não permite que travestis e transexuais usem o banheiro feminino. Segundo o proprietário, que já foi acionado cinco vezes pelo Ministério Público, o empreendimento é dele e não mudará de opinião. Se entrarem no banheiro, os seguranças irão entrar e retirar. Essa não é uma posição incomum. Na rodoviária de



Belo Horizonte, uma transexual só poderia entrar no banheiro feminino mediante a carteira de identidade. Como ela não tinha o nome feminino na carteira, a monitora não a deixou entrar. Depois que a supervisora apareceu para mediar a situação, ela conseguiu entrar, no entanto, já era tarde demais, sua roupa já estava molhada. Se ela teve dificuldade de entrar no banheiro feminino com toda sua aparência, imagine se ela fosse ao masculino. Será que entraria? É lógico que não! Num universo machista, os homens iriam, com certeza, proibir a entrada. Além disso, são comuns os relatos de transexuais e travestis agredidas e violentadas dentro de banheiros masculinos. Segundo relato de uma travesti, estudante de uma escola pública no município de Canoas, região metropolitana de Porto Alegre, que foi agredida no banheiro masculino, há a realidade sobre o quanto os estudantes também são homofóbicos e agressivos. Ela entrou no banheiro masculino às 18 horas e conseguiu sair apenas às 19h30, pois quatro estudantes insistentemente agrediram-na e violentaram-na sexualmente. Ela entrou e não esperava que eles já estivessem lá. Quando tentou recuar, um dos quatro meninos fechou a porta e começou a agressão.

#### **5.2.4 E as demissões?**

Em Aracaju, no estado do Sergipe, uma professora travesti foi demitida por justa causa em 2002, simplesmente pelo fato de ter assumido sua condição na escola. Foi dito a ela que a decisão que ela tomou não deixava dúvidas de que ela não tinha condições de ser professora e que iria atrapalhar o processo de aprendizagem dos alunos. Também disseram a ela que ao assumir sua identidade tudo o que havia trabalhado antes seria esquecido e ela deveria recomeçar a vida profissional naquele momento. Ela não aceitou a situação e recorreu em uma sentença judicial, o que levou dez anos. Em 2012, ela ganhou o direito de retornar a escola e com todos os vencimentos corrigidos deste período. Mesmo assim, ela não voltou para sala de aula e, sim, para a biblioteca.

Outra situação foi a de uma estudante universitária transexual, durante a procura de escolas para realização de estágio. Ao chegar à escola, a supervisora disse que ela não poderia realizar o estágio por sua condição e que ela deveria fazer um estágio em uma escola especial, onde os alunos na grande maioria, portadores de síndromes, não perceberiam “algo de errado” com a professora. Ela procurou a Secretaria de Estado da Educação e relatou o fato ocorrido.

Depois de denunciar a escola, foi encaminhada para outra escola, mais sensível a situação. Em 2012, ela realizou o estágio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rio de Janeiro. Diante dessas duas situações, cabe novamente questionar até onde os direitos de exercer a profissão docente para essas pessoas são garantidos. Quem pode julgar se a professora travesti estaria atrapalhando o processo de aprendizagem aos seus alunos? A estagiária deveria trabalhar com crianças também “diferentes” e que, portanto, não perceberiam “algo de errado”? Claro que não! A professora travesti supostamente afastada do seu cargo teria, sim, ensinado aos seus alunos o que a pedagogia do salto alto se propõe neste processo, pois ela teria ensinado algo para além dos cadernos e livros. Ela teria ensinado o que é respeito, cidadania e ética. Teria mostrado que não está ali por ser *isso* ou *aquilo*, mas por ser professora, que estudou para isso e que aprendeu, com muitas dificuldades, o significado da palavra preconceito. A estudante foi além, pois denunciou a hipocrisia de uma supervisora pedagógica que poderia ter utilizado sua entrada na escola para oportunizar um diálogo sobre o tema. No entanto, a supervisora decidiu que a escola não vivesse este processo, talvez por não ser capaz de provocar a polêmica da sexualidade e, com isso, silencia, mais uma vez. Não deu voz aos temas que provocariam todo tumulto (ou não) dentro do espaço escolar. Talvez por motivos como medo, insegurança ou incompetência, a supervisora não conseguiu garantir a presença da estagiária *trans* na escola, o que favoreceu que ela encontrasse outro espaço público com o mesmo propósito mais sensível a situação.

Em minhas entrevistas, fica claro que todas as professoras passaram pelo medo e a insegurança de seus cargos estarem no limite da lei. No entanto, elas não desistiram. Carla conta que prorrogou o processo de transformação para assumir o cargo que era seu de direito e Sayonara, apesar de todos os conflitos com a superintendência escolar, não desanimou e foi à luta reivindicar seu direito de exercer a profissão. Adriana Sales e Brenda iniciaram outro processo: a partir de suas identidades reveladas assumiram cargos em secretaria, justamente por trabalharem na formação de professores e a todo tempo serem chamadas para “apagar incêndios” nas escolas. Este “incêndio” diz respeito aos temas da sexualidade, que a todo tempo surgem nas aulas e os professores, muitas vezes, não falam, ou porque não querem, dizem não dominar o assunto, ou têm medo de que seus cargos sejam colocados à disposição por tratarem de temas polêmicos.

A grande questão aqui apontada pelas professoras, no que diz respeito aos cargos, é que, sem dúvida, o fato de a transformação acontecer após terem entrado na escola causa um mal estar e uma desconforto destes grupos. A todo tempo, os olhares da escola, dos pais e dos alunos

parecem estar voltados para este personagem que assume outro *status*. Muitas vezes, os cargos são colocados a prova da competência e da necessidade de verificação de ética e de moral, pois a todo tempo se cobra uma postura adequada e normatizada destas pessoas. A professora transexual e travesti deve ter um padrão correto e uma conduta ética quando exerce essa ocupação, pois a qualquer momento ela estará sendo julgada ou fadada às críticas morais, que levarão a demissão ou a processos administrativos, por conta da sua sexualidade.

Na ocasião do X Seminário de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados Federais, encontrei a presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Cris Stephany que relatou uma história muito interessante. Sentada na plenária, enquanto o evento não começava, ela iniciou sua fala assim:

“sabe, Marina, quando eu tinha 15 anos, fui procurar emprego no Sine da cidade. Estava na fila com a ficha na mão e vi uma placa no outro lado da rua, em uma Floricultura pedindo faxineira. Eu era gayzinho, muito afetada. Já tinha cabelo comprido e usava umas roupas estranhas. Aquele dia, eu estava com muita fome, porque fazia dois dias que não comia. Foi então que decidi atravessar a rua e bater palma na frente da floricultura, pois a casa da dona era nos fundos da loja. Ela veio e atendeu... pedi a ela que me desse o emprego já que precisava muito de trabalho e estava com fome. Logo ela tentou arrumar uma desculpa dizendo que eu era de menor e ela queria uma faxineira mulher. Eu insisti, implorando muito, disse que faria o serviço para ela ver e, se gostasse, eu voltaria no outro dia. Quando comecei, era 11 horas da manhã. Terminei tudo às 16 horas e chamei ela. Eu estava com tanta fome que meu estômago doía. Quando ela veio conferir o serviço, passando a mão em cima dos balcões e olhando para tudo, disse que eu era muito rápida. Quando eu disse que se ela tivesse gostado, pagasse a passagem de ida/volta. Pagou por cinco anos, fiquei trabalhando até fazer um acordo e sair de lá como gerente da Floricultura. O mais engraçado de tudo é que no decorrer desses cinco anos fui me transformando de vez e a dona da floricultura, às vezes, dizia que eu deveria diminuir a pintura do olho, pois estava muito forte. Provei para ela que eu tinha competência!”

A travesti sobreviveu ao trabalho e venceu, pois teve uma oportunidade única de mostrar sua competência. Diante do sistema que oprime e reprime todo tempo, a travesti foi além do preconceito e superou. Não foi demitida e, sim, reconhecida.

### **5.2.5 E que bafo é a transfobia?**

Para falar deste bafo intitulado transfobia, buscamos a palavra homofobia, como base para justificar este movimento que cresce a cada dia e que, de certa forma, pode ter muitos significados. O termo homofobia foi criado inicialmente no início da década de 1970, por George Winberg, psicólogo norte-americano, para designar a aversão ou temor de estar no mesmo lugar

ou em contato próximo com homossexuais. De caráter psicológico, o termo nasce com alcance limitado para análises sociais, uma vez que mais sobre sentimentos individuais do que sobre ações penetradas contra terceiros. Mott (2000) conceitua homofobia como sendo medo, aversão ou discriminação contra a homossexualidade ou homossexuais, bem como o ódio, a hostilidade ou a reprovação de homossexuais. Borillo (2009) aponta a homofobia como fenômeno social e manifestação do sexismo, traduzindo-se em hostilidades a comportamentos desviantes dos papéis sócio-sexuais estabelecidos e guardando íntima relação com violência de gênero. Prado e Junqueira (2011) apontam que, paulatinamente, o termo homofobia perde seu caráter meramente psicologizante e passa a ser utilizado para descrever preconceitos, discriminações e demais violências cometidas contra a comunidade LGBT, por causa de sua orientação sexual e ou identidade de gênero.

## 6 ALÉM DO ENSINO: A PEDAGOGIA DO SALTO ALTO ACABA DE NASCER.

Figura 6: imagem de uma professora *trans*.



Entre as imagens apresentadas neste capítulo, trago uma, em especial, que ilustra a personagem professora transexual, conforme figura a seguir:

Figura 7: imagem de uma professora *trans*.



Dentro da narrativa deste processo, aponto algumas questões pertinentes à imagem e, ao mesmo tempo, pergunto quem é essa pessoa. O que faz ela, com uma saia curta e um salto alto, segurando uma barra de giz, em frente ao quadro e de costas para o grupo de alunos? Este movimento performático do corpo e do gesto, quando ela segura o giz na altura do quadro negro, e essa linha sinuosa que vai da ponta do giz a ponta do salto alto provoca a reflexão para entendermos que professora é essa e qual é o seu lugar nesta escola. A cena marcada pela sensualidade da mão que segura o giz, a forma com que este corpo apresenta, o lugar onde ele está e o salto alto demarcam um novo olhar. Um olhar que seduz, contagia e que inquieta, ao mesmo tempo. Provoca um repensar a escola e a própria Pedagogia a partir de um novo sujeito e que vem responder às inquietações apresentadas no início desta pesquisa. Sim, essas professoras

existem, sim, e vão além desta figura, pois evidenciam claramente os seus papéis no contexto escolar contemporâneo. Este novo personagem que surge nas escolas, as professoras transexuais e travestis, são objetos da minha pesquisa e que, ao ingressarem, provocam o atravessamento de gênero e de sexualidade apontados. Por outro lado, gênero e sexualidade não entram na escola com as professoras travestis e transexuais, pois eles já estão lá, mas estavam em silêncio, em especial na figura da professora apresentada sempre como alguém que não pode usar armas de sedução corporal, como aponta Louro, em seu livro “Corpo educado”.

Diante da fotografia da professora transexual ou travesti apontada neste capítulo, diferente da narrativa apontada por Louro no livro “Corpo educado”, onde a professora era uma mulher ou senhora, posta como heterossexual, branca, de classe média; que geralmente usava saia preta e blusa branca; educada para ter esta postura; dificilmente expunha sua sexualidade ou jamais falaria sobre sexo; jamais traria traços de que vive uma vida sexual ou uma identidade de gênero e que foram formadas para terem a família e serem mães. Essa imagem é confundida com a da professora, pois, no imaginário popular, mãe não tem sexo, só tem gênero. De toda forma, temos várias obras que exploram essa questão da professora que tem um apelo sexual, que provoca os alunos por ser jovem, bonita e inteligente. Porém as professoras transexuais e travestis burlam todo o sistema heteronormativo da escola e aparecem com outros atravessamentos, potencializando isso.

Geralmente, as professoras tradicionais só vão deixar claro que praticam relações sexuais e têm sexualidade quando ficam grávidas e, logo, se afastam das aulas, não dando tempo para dialogar com alunos e não deixando claro suas questões sexuais ou quando, raramente, aparecem com o companheiro. Já as professoras *trans* trazem a performance dos seus corpos expostos e, sem dúvida, é claramente evidenciada a questão da sexualidade latente, gerando desconfortos relativos ao suposto papel da escola tradicional e do preconceito de outros professores que a todo tempo tentam tornar invisível, desvalorizar e controlar essa profissional. Durante as entrevistas realizadas, constatei estes pontos evidenciados e o quanto é difícil para uma professora *trans* equilibrar-se entre esses dois mundos, o da escola e o da transexualidade/travestilidade. Segundo Seffner (2013), a escola e o ser professora exigem uma postura de abafamento do sexo e a produção da transexualidade e da travestilidade exigem uma exposição do corpo feminino ou masculino produzido, então temos um curto circuito que desaloja as coisas na escola. Todas as minhas informantes apresentam, nas suas falas, e apontam como motivo complicador o fato de

serem transexuais ou travestis na sala de aula. Não basta serem as professoras, terão de ser as melhores e mais inteligentes, demonstrando conhecimento na área de atuação. Terão de garantir que os alunos aprenderam e, ainda mais, terão que ser o elo de ligação entre as direções que não sabem lidar com as situações do cotidiano da escola, em relação as queixas apresentadas por alunos vítimas de violência e homofobia no espaço escolar. Tudo isso é feito para garantir que elas não são apenas um corpo desejável, mas também são verdadeiras mestras – o que tem que ser provado no dia-a-dia, ao contrário das professoras “normais”, que não têm esta necessidade.

Esse desequilíbrio do salto alto traz alguns aspectos a serem norteados a partir das leituras sobre sexualidade relacionada ao ser professora, pois as dificuldades encontradas configuram as particularidades desta pedagogia, que a todo tempo é vigiada na voz, na competência e no corpo. Isso, de fato, termina produzindo uma professora com um desempenho notável, inclusive nas relações sociais dentro e fora da escola. Logo, intriga muito e faz-se saber o que este sujeito realiza diante das turmas que leciona e se há uma relação das temáticas de sexualidade e gênero nomeadas diversas vezes nestes capítulos. A curiosidade do que acontece atrás da porta da sala de aula da professora *trans* gera um conflito muito grande entre seus iguais, aqui, os professores, pois sem dúvida questionam o tempo todo sobre as competências e as qualidades deste sujeito que invade a escola, mesmo tendo a garantia de ser concursada, do mesmo modo que as demais professoras e que, por muitas vezes, transita com mais facilidade entre os discentes. Ao lembrar algumas situações do meu cotidiano como professora *trans*, as colocações dos colegas vinham ao encontro com esta realidade. Muitas vezes, os colegas faziam perguntas sobre o que estariam estudando meus alunos na disciplina de Artes ou como era o meu processo de avaliação, já que eu lançava notas altas para os “piores” alunos das turmas e como meus alunos tinham poucas faltas já que “matavam” os outros períodos de aula para ficarem no pátio ou irem para casa.

Muitas vezes, a professora “normal” explica a matéria e convence, pois a aprendizagem ainda é uma tentativa de convencimento. Já a professora *trans* demonstra, através da pedagogia do salto alto, sedução ligada à sexualidade, um elemento profundamente desequilibrador dentro de uma sala de aula. Com isso, estou dizendo que a professora, ao trazer consigo uma pedagogia ligada a sedução no entendimento da maioria das pessoas, vai influenciar a vida destes alunos que se agrupam em torno dela. Não seria possível ou não percebido que estas profissionais não falassem sobre isso nas escolas e negariam qualquer tentativa de romper diálogos sobre os temas. É muito difícil a professora *trans* passar no anonimato ou evitar por muito tempo a negação dos



conteúdos que estão além da pedagogia conformada no currículo escolar sistematizado, pois os alunos irão perguntar e questionar coisas relativas às dúvidas do cotidiano sobre sexualidade. Isso é próprio da nossa sociedade e Foucault traz a idéia do sexo-rei, em nossa sociedade: as verdades do sexo são muito valorizadas para saber de cada pessoa, para saber se a pessoa é digna ou não, ela pode roubar e matar, mas se for homossexual vai ser pior do que isso, o que explicaria um pensamento comum como “prefiro que meu filho seja um ladrão do que um homossexual”. Também vai trazer a tona, pois o olhar da sexualidade ficará mais ligado ao mundo deles. Não seria, aqui, o corpo educado, a frente deles e, sim, o contrário: um corpo diferente que passa por muitas informações ao transitar na escola. Não entrevistei os alunos, mas fica claramente evidenciado, pelas minhas experiências e pelos relatos das minhas informantes, que dificilmente nos recreios e nas suas casas os comentários sobre a professora *trans* surgem entre eles. Geralmente, quando apontam falas do tipo “bah, ‘sora’ o meu pai te achou muito gata” ou “meu irmão mais velho te viu no meu *Facebook* e te achou muito gostosa”, denotam o quanto eles levam os temas da sexualidade e conversam sobre a professora em seus meios sociais. Isso é uma característica da pedagogia do salto alto: o olhar da curiosidade dos alunos e de alguns professores sobre a professora *trans*. Isso também traz um constante movimento de desequilíbrio na sala de aula e em tudo o que a professora travesti ou transexual diz e faz.

Dizer que, para além do ensino, a pedagogia do salto alto acaba de nascer é evidenciar que tal pedagogia criada para propor novos sujeitos dentro deste processo vai além do ensino formal da leitura, da escrita, dos cálculos ou de fórmulas químicas, físicas e da própria biologia e mergulha num mundo mais próximo das realidades e das nossas formas de viver dentro da diversidade, pois, mesmo trazendo o conhecimento consigo, as questões de sedução, gênero e sexualidade estão presentes. Essas personagens oportunizam que se traduzam novas linguagens em sala de aula, além de demonstrarem, tranquilamente, vencer os obstáculos, de modo a aproximar mundos tão distantes e diferentes; esse é um dos objetivos desta pedagogia. Quando minhas informantes, professoras transexuais e travestis, disseram que suas primeiras aulas dadas não foram disciplinas regulares e, sim, temas ligados à sexualidade, às identidades de gênero e à homofobia, fica evidenciado a presença da pedagogia do salto alto, referendada aqui. A presença, a trajetória e a história da professora travesti ou transexual que força estes temas vem ao encontro do que muitos alunos querem conversar, porque a escola, hoje, não encontrou modos adequados de abordar questões de gênero e sexualidade.

Logo, esta pedagogia aponta alguns aspectos que a caracteriza de forma significativa no processo educacional. O primeiro deles é o olhar dos alunos sobre esta professora e o despertar da curiosidade diante da imagem deste corpo que transita e que, muitas vezes, responde às perguntas e aos comentários feitos a partir do que os próprios alunos processam nas informações que servirão para trazer à tona os temas tratados aqui.

O segundo aspecto a ser colocado é que dificilmente essa professora *trans* terá referência materna, ou seja, ela jamais será colocada como *mãe* ou *tia* de algum aluno e jamais se adequaria ao modelo de família tradicional apontado pela sociedade. Muitas vezes, a professora tradicional é vista como *mamãezinha* da turma, aquela que vai dar afeto para resolver as carências ou vai resolver os problemas sociais que a turma apresenta. Muitas professoras se apresentam assim, dizem isso explicitamente, consideram-se mães, tias ou irmãs mais velhas dos alunos e, com isso, a questão da sexualidade fica empurrada para longe. Em contrapartida, as professoras travestis e transexuais não têm sequer condições de assumirem este papel de *mãe* ou *tia* – no máximo irmã –, então elas terminam por ocupar outro papel: elas são adultos de referência, carregado de elementos de sexualidade, o que as obriga também a ter um desempenho em sala de aula que lide com isso; elas não podem desconhecer o fato de que seus corpos e suas vidas são intensamente escrutinados por conta da sexualidade, e, como em geral acontece, a sexualidade não é apenas algo a trazer medo e preocupação, ela também traz curiosidade, ela atíça as conversas, acende os olhares, produz cochichos, faz com que tomem coragem de fazer perguntas. Tudo isso vai conformando e moldando outra pedagogia em sala de aula, que aqui estou chamando de pedagogia do salto alto. É uma construção cultural onde, novamente, ela ficará como a professora que seduz e que é dita como diferente.

O terceiro aspecto apontado por esta pedagogia é a curiosidade do corpo, ou melhor, o que estará por traz daquele corpo, que chama atenção, que transita, sensualiza e erotiza dentro da escola, o que não é normal, já que a escola, tal como a conhecemos, não pode (ou não quer) ter estes sujeitos dentro dela. Com perguntas e dúvidas intrigantes sobre o corpo da *trans* que se constrói em cima do feminino, mas que na concepção dos alunos pode ser vista como uma nova performance corporal, que rompe com o padrão.

O quarto aspecto é escancarado pela pesquisa: os alunos recorrerem às professoras *trans* para consultá-las sobre tudo, suas particularidade e suas histórias. Neste aspecto, também é notório que não são só os alunos LGBT que procuram as professoras, mas, em geral, todos os

alunos aproximam-se delas e, muitas vezes, colocam-na em evidência, sendo paraninfa, conselheira e até mesmo eleita melhor professora da escola. Ela se assume como adulto de referência. Essas colocações são explícitas dentro da pedagogia do salto alto.

E, por último, há que considerar o aspecto do *glamour*, da mídia, das viagens que produzem também um desequilíbrio, pois uma parte da vida das professoras travestis e transexuais é pública, é da ordem da televisão, do jornal, dos *blogs* e isso tudo atíça a curiosidade dos alunos para além da matéria que ela leciona, para a própria vida e trajetória da professora, resultando em perguntas, indagações e curiosidades. Os alunos vislumbram que as professoras *trans* estão em alta: elas aparecem na televisão, nas revistas, na mídia em geral. Ela também viaja, participa de eventos e acaba ficando famosa por conta desta personificação. É claro, que os alunos gostam de ver isso e de socializar essa movimentação, sobretudo quando dizem que “a minha professora esta na TV”.

Entretanto, ainda esta pedagogia traz um desequilíbrio entre os saltos, quando observamos os demais professores apontando para essa professora *trans* como impossibilitada para exercer a docência. Ela não apresentaria, segundo essa ótica, qualidades e características possíveis para estar entre os alunos. Para estes professores, que apontam as situações provocadas pela presença de uma professora *trans* como negativas, existe uma provocação de conflitos que são, muitas vezes, os mesmos professores que não conseguem dar conta ou não atingem os objetivos, aproximando as disciplinas aos alunos. Este desequilíbrio fica evidenciado também quando a escola não compreende estes processos e traz a questão como problema ou incompetência e o alvo é a professora que usa o salto, que ousa e que vive sua vida entre os dois universos e dá conta deste desequilíbrio com jogo de cintura. Entretanto, este pânico moral, recaído sobre estes personagens, muitas vezes, impede que a professora se construa com suas defesas, justamente pela pressão acerca de toda a situação apresentada. Dificilmente, se acusada de seduzir ou instigar os alunos a questionarem sobre os temas da sexualidade, conseguirá se defender ou ser defendida por outra colega.

Geralmente, as pedagogias apresentadas têm pouco movimento e são muito entediantes, não dando conta das questões da escola ou da Educação. A todo tempo, elas transitam e não conseguem aproximação entre professores e alunos, entre a teoria e a prática. Então, este novo estilo de ser professora, travesti ou transexual, acaba impactando os alunos. Logicamente o estilo também, produz problemas, pois as questões morais podem ser motivo de ataque a elas. Quando

apresento uma nova pedagogia, agora com alguém que usa salto alto, que sempre buscou assumir um papel importante diante do grupo de alunos, que serve como referência e que, mesmo tendo todas as dificuldades, “rebola” rompendo com todos os paradigmas tradicionais e avança, pois, afinal de contas, “trava que é trava não deita, bate o cabelo”, “aquenda mona, leva adiante o bafo” e, como professora, não desiste nunca: é saudável, portanto, propor uma pedagogia do salto alto. Uma proposta que avance e aconteça, tornando um mundo possível e diverso dentro da escola. Talvez ela não seja a chave de todos os problemas e, nem tampouco, a pedagogia que vai resolver os muitos anos de silêncio da escola em relação às questões de sexualidade e das relações de gênero, ou consertar os estragos causados pela falta de conhecimento nesta área. No entanto, ela poderá ser um norte, onde alunos e professores iniciem um novo diálogo, mais próximo e necessário. Um aspecto importante desta estratégia pedagógica que estou nomeando de pedagogia do salto alto é que ela faz aparecer o corpo da professora, faz aparecer a sedução e temos, então, que lidar com isso.

É possível que avancemos nesta temática dentro da escola, porém não sei, ainda, se é possível afirmar que as pedagogas do salto alto possam mudar a história, porque esta mesma história começa aqui, começa com a necessidade e a vontade de fazer algo inédito e diferente: talvez o impossível passe a ser possível, talvez o inesperado esteja mais próximo de nós e a tão sonhada utopia na educação aconteça. Acredito que estamos vencendo as barreiras e nos libertando das amarras. Acredito que faremos história com as nossas próprias histórias e que a pedagogia consiga correr, mesmo que de salto alto, atrás do sonho de um país que nos olhe e nos respeite como educadores que somos. Esperamos, então, um país que seja menos preconceituoso e menos violento, que olhe além dos muros da escola, das calçadas da vida e que possamos ver, como diz o poeta, que “o pulso ainda pulsa” e que a escola ainda pulsa. Talvez eu seja uma sonhadora, talvez eu veja um futuro melhor para todos e todas que acreditam em sonhos: Alices e coelhos que falam. Talvez eu deseje que o desejo seja mais forte e intenso nas mãos daqueles que desejam sonhar e acreditar em seus sonhos. Talvez, nós, pedagogas do salto alto seremos as verdadeiras mestras na luta pelos direitos humanos, o respeito às diferenças e conquista da tão sonhada cidadania.

Para encerrar este momento, primeiro de uma nova vida, que recomeça, eu diria que a pedagogia do salto alto veio para ficar, pois ela iniciará um novo debate e uma nova proposta pedagógica dentro e fora da escola. E ela não acabará aqui com estes parágrafos. Ela seguirá e

talvez mais e mais pessoas se juntem a nós, para fazer com que a escola acorde do seu sono profundo e que os professores e agentes da Educação, tomem consciência de seus verdadeiros papéis políticos, sociais e culturais nessa sociedade. Também espero que o salto não quebre no meio do caminho, mesmo estando gasto pelo tempo, pelo andar ou até mesmo pelo peso que ele terá que carregar e... se quebrar, bobagem! A gente manda consertar e coloca de novo, tá meu bem?!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

BENEDETTI, M. **O que é Transexualidade?** Editora Brasiliense. 2008.

\_\_\_\_\_. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

\_\_\_\_\_. Gênero: conceitos e possibilidades. In: **Nós Mulheres: gênero, pobreza e AIDS.**, 2000, Porto Alegre, 2000.

\_\_\_\_\_. Hormonizada! - Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre. In: **XXVIII Reunião da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais**, Caxambu, 1998.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORRILLO, Daniel. A Homofobia. In: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora (Org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres/EdUnB, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Diário Oficial. 1988.

\_\_\_\_\_. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas**, a saber, étnico-racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, pessoas com necessidades especiais (deficiência) e socioeconômicas. São Paulo: FIPE/MEC/INEP, 2009 (b).

\_\_\_\_\_. **Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção à Cidadania Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL; SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTLE, T. A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: ROSSEUAU, G.S. et al (orgs.). **Submundos do sexo no Iluminismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CFM. **Resolução nº 1.428/97**. Diário Oficial. 1997.

CORRÊA, Sônia. O. E MUNTARBHORN, Vitit. (orgs.). **Princípios de Yogyakarta**: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Yogyakarta/Indonésia, 2006.

DATASUS. **CID-10**. In: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=040203>>. Acesso em 23 de março de 2012.

DIAS, Adelaide Alves. Da educação como direito humano aos direitos humanos como princípio educativo. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy; DIAS, Adelaide Alves; FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FEITOSA, Maria Luiza Pereira de Alencar Mayer; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. (Org.). **Educação em Direitos Humanos**: fundamentos teóricos metodológicos. 1ª ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007, v. 1, p. 441-456.

DIVERSIDADE CATÓLICA. **O mistério transexual**. In: <[http://www.diversidadecatolica.com.br/bibliografia\\_detalhes.php?id=39](http://www.diversidadecatolica.com.br/bibliografia_detalhes.php?id=39)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013.

DSM – IV. In: <<http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>> Acesso em 23 de março de 2012.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FURLANI, Jimena. O Bicho vai pegar! Um Olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis. [Tese de Doutorado]. Porto Alegre: PPGEdu/ UFRGS, 2005.

G1. Transsexual ganha direito de ter no RG o nome e gênero feminino em SE. In: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2012/10/transsexual-ganha-direito-de-ter-no-rg-o-nome-e-genero-feminino-em-se.html>>. Acesso em 18 de setembro de 2012.

JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/UNESCO, 2009.

JURISPRUDÊNCIAS. **Cirurgia de mudança de sexo**. In: <<http://direitosfundamentais.net/2007/08/19/jurisprudenciando-cirurgia-de-mudanca-de-sexo/>>. Acesso em 4 de dezembro de 2012.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.). **Homofobia e Educação**: um desafio ao silêncio. Brasília: Editora UNB, 2009. 196 p.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** (Unicamp), v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

\_\_\_\_\_. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista** (UFMG), v. 46, p. 201-218, 2007.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n.2, 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MELLO, Luiz; CRILLANOVICK, Q. T. M. A Cidadania e os Direitos Humanos de Gays, Lésbicas e Travestis. In: OLIVEIRA, D. D. et al. (Org.). **50 Anos Depois: relações raciais e grupos socialmente segregados**. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999, p. 167-186.

MOTT, Luiz. Del malo pecado al pecado intrínsecamente malo: la radicalización fundamentalista de la homofobia católica desde los tiempos de la Inquisición hasta Benedicto XVI. **História** (UNESP), v. 29, p. 4-23, 2010.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação internacional de doenças e problemas relacionados à saúde. São Paulo: Edusp, 1993.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo: mobilidade e construção de identidades em Campina Grande**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFPE, 2002.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

\_\_\_\_\_. "Mulheres com Algo Mais" – corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. **Revista Versões**, v. 03, p. 77-93, 2007.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis, escolas e processos de subjetivação. **Instrumento** (Juiz de Fora), v. 12, p. 57-66, 2010.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania**. Tese de Doutorado em Psicologia. IMS/UERJ, 2005.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Adivinhe quem não vem para vem para jantar... Breves anotações sobre a não-tematização das questões LGBT nas eleições presidenciais de 2010. **Eco** (UFRJ), v. 13, p. 5-17, 2010.



Revista Psiquê. **Transexualidade: um drama existencial.** In: <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/22/artigo66260-2.asp>>. Acesso em 4 de dezembro de 2012.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 39, p. 145-159, 2013.

\_\_\_\_\_. Identidades Culturais. In: **Revista do professor**, Rio Pardo/RS, v. 21, n. 83, p. 20-24, 2005. In: <[www.viavale.com.br/cpoec](http://www.viavale.com.br/cpoec)>. Edição da Revista do Professor de julho/setembro de 2005.

\_\_\_\_\_. Afinal, quando e como o sexo vira espetáculo? In: BERARDI, Ben; RIBEIRO, Eduardo Mendes; LABEL, Elenara Cariboni; MEZZARI, Mary; PEREIRA, Robson de Freitas. (Org.). **Seminários espetaculares: religião, política, sofrimento, corpo e sexo.** 1 ed. Porto Alegre: CORAG - Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2002, v. , p. 182-199.

SILVA, H. R. S. **Travesti: a invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, H.; FLORENTINO, C. A sociedade dos travestis: espelhos, papéis e interpretações In: PARKER, R.; BARBOSA, R. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume-Dumará, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: Um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TORRES, M. A. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas** [Doutorado em Psicologia]. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil, ano de obtenção 2012.

Novas Configurações identitárias entre a Vida Religiosa Consagrada e o Contexto Sociorreligioso. **Convergência** (Rio de Janeiro), v. 409, p. 65-200, 2008.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1998. p. 103-117.

WIKIPEDIA. **É o tchan.** In: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89\\_o\\_Tchan!](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89_o_Tchan!)>. Acesso em 20 de junho de 2013.

\_\_\_\_\_. **Clube do Bolinha.** In: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Clube\\_do\\_bolinha](http://pt.wikipedia.org/wiki/Clube_do_bolinha)>. Acesso em 20 de junho de 2013.

ZAMBRANO, E. F. Trocando os documentos. In: BÖER, Alexandre. (Org.). **Construindo a Igualdade: A história da prostituição de travestis em Porto Alegre.** 1ed. Porto Alegre: Brasul, 2003, p. 149-166.

## ANEXOS

### Anexo 1: GLOSSÁRIO

ABATÁ - sapato  
 ABALOU- causou sucesso; despertou atenção;  
 AFECE- rosto  
 AJEUM - comida  
 AMAPÔ OU AMAPOA - mulher ou menina  
 ACUÉ – dinheiro; ex: bofe do acué - homem do dinheiro  
 ACUENDAR - fazer (acuendar o bofe - fazer o homem ou rapaz)  
 ALIBAN (ALI)- policial ex: Mona, desacuende, olha os ali!!!... -Bicha, sai fora, polícia!!!  
 ARÔ - dinheiro - o mesmo que acué...  
 AZUELAR- roubar o mesmo que ELZA  
 BABADO - o que tá pegando? o que tá acontecendo? babado forte: assunto quente... É comum as monas falarem: - Eu tenho um babado pra te contar! Traduzindo: - Eu quero te contar uma coisa!!!  
 BABADEIRA - travesti que arruma confusão ou dá a Elza!  
 BARBIE- bicha bombada de academia  
 BACO- fazer o baco - transar  
 BASFOND OU BAFÃO- confusão  
 BATER CABELO- esnoabar; querer aparecer;  
 BATER PORTA- fazer programa  
 BIBA - Mais usado pelos homossexuais masculinos - sinônimo de bicha..  
 BIL-CLABER- bicha fashion.  
 BOCA DE ENCRENCA- algo muito bom ; homem belíssimo;  
 BONECA - travesti  
 BOFE - homem ou rapaz  
 CARICATA- palhaça  
 CHERRY- cocaína  
 CHANAM - cigarro - Me acuenda um chanam ???- traduzindo: me dá um cigarro?  
 CHUCA - Lavagem intestinal, geralmente feita com a mangueira do chuveirinho... Você enche de água e vai soltando no vaso sanitário até que a água saia limpinha...  
 CHUCHU- barba  
 CLOSE- exibir; esnoabar;  
 COLOCADA- drogada; cherada;  
 CORRE-CORRE - carro  
 COIÓ - Apanhar, ex: levou um coió - tomou uma surra.  
 CUNETE - lamber o ânus do parceiro;  
 DADÁ (pelo amor de dadá) - Dadá (orixá) - É muito comum as travas em geral dizerem pelo amor de Dadá ao invés de pelo amor de Deus!!!  
 DESACUENDAR - sair fora - ex: desacuende o bofe - largue o cara  
 DAR O DOCE- fazer algo de ruim; mandar bater em outra;  
 DOTE- pau  
 DUNDUM (DUM)- negro, preto... Exemplo: - Acuende a neca do dum que é odara! Traduzindo: - Faça o negão que seu pau é grande!!! – aproveitando o gancho: Travesti Dundéia (travesti negra)...

É BEM- uma pessoa legal;  
 EBÓ - macumba  
 EDI - ânus  
 EQUÊ- truque, sacanagem ... ex: mona de equê - homem travestido de mulher que se diz travesti e não o é... - outro exemplo: - equê do bofe - traduzindo: mentira do rapaz  
 ELZA - roubar, assaltar ex: a mona dá a elza - a bicha assalta  
 ERÊ - menino novinho  
 FAZER A LINHA- oferecer algo; ser agradável;  
 FAZER PISTA- trabalhar na rua;  
 FAZER 0800- sexo gratuito com travestis;  
 FUÁ- bagunça;  
 FAZER VICIO- fazer programa sem cobrar  
 FINA- ser educada;  
 GAROTA- ser feminina e educada  
 GLS - Gays, lésbicas e simpatizantes.  
 GLBT - Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis.  
 GRUDAR- roubar o cliente;  
 GUANTO; AXÓ - camisinha  
 ILÊ- casa ou presídio;  
 LADY - Homossexual feminina - passiva  
 LB- linha branca- travestis honestas que não roubam; contrário de LN;  
 MARICA, MARICONA (CONA) - geralmente fala-se dos homens que pagam ou fazem programas com travestis...  
 MATIM - pequeno ex: - neca matim - pau pequeno - acué matim - pouco dinheiro  
 MEU CU- que se dane.  
 MICHÊ - garoto de programa.  
 MONA - bicha, gay ou travesti (começou-se a usar depois da música “Monalisa” de Modern Talking, em meados dos anos 80)  
 NECA - pau, pinto  
 NENA - esperma - aproveitando o gancho - desacuendar o chá - fazer xixi...  
 NINFETA- bicha novinha  
 NÃO DEITAR- não se humilhar;  
 PASSADA- surpresa, admirada;  
 PASSAR O CHEQUE- sujar com fezes o pau do bofe  
 PENOSA- não rende dinheiro. pobre;  
 PINTOSA- pessoa que deixa transparecer que é gay.  
 PG- fazer programa; cobrança de programa;  
 RACHA- mulher ou vagina;  
 RETETE- confusão;  
 PISTA - Local em que as travestis fazem ponto  
 OCÓ - homem ou rapaz  
 ODARA - grande - ex: neca odara - pau grande  
 OFOFI - mau cheiro sinônimo de atinin; catimbó;  
 OTIM - bebida alcóolica  
 PASSADA- surpresa, admirada;  
 PASSAR O CHEQUE- sujar com fezes o pau do bofe  
 PENOSA- não rende dinheiro. pobre;

PINTOSA- pessoa que deixa transparecer que é gay.  
 PICUMÃ - cabelo ou peruca  
 RACHA- mulher ou vagina;  
 RETETE- confusão;  
 SAPA - Homossexual feminina (ativa) sinônimo: Franchona  
 SNIF - cheirar pó (cocaína) sinônimo de Viviane  
 TABA - maconha  
 TA MEU BEM- eu não disse arrasou, sucesso;  
 TEST DRIVE- experimentar o sexo com trava;  
 TIA - Aids - fulana está com a tia!!! - alguém está contaminad@...  
 TANIA- mentira  
 TRUCOSA- bicha que dá o truque  
 TÔ BEGE- TÔ PASSADA.- Surpresa;  
 TURVA- bêbada  
 TO QUEBRADA NA PLASTICA- feito várias cirurgias  
 TOMBAR- humilhar, arrasar com a mona;  
 TOP- bonita;  
 TODA TRABALHADA- arrumada;  
 TRAVA- travesti  
 TRANS- travestis ou transexuais  
 UÓ - tudo de mal - ex: bofe uó (o cara é sem graça, do mal, não vale nada, etc.) O local é uó (o local não é legal...)  
 VICIO- FAZER VICIO- fazer programa com boys sem cobrar;  
 VARAJÃO- fazer preço baixo no programa;  
 XUXAR- fazer fofoca;

#### Frases comumente usadas

“Acuenda o carão da mona”! (Veja só a pose da bicha...)  
 “Não tô podendo”! ( Não estou a aguentando essa situação...)  
 “Ah tá boa”? (Frase irônica...)  
 “Bichinha qua-qua-qua” (Geralmente as travestis falam sobre as que ainda estão no processo de transformação numa discussão)

## Anexo 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara Docente \_\_\_\_\_, você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada A Pedagogia de Salto Alto: Histórias de vida de professora Transexuais e Travestis na Educação Brasileira sob a responsabilidade da pesquisadora Marina Reidel, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Essa pesquisa tem como objetivo identificar professoras que vivem as mesmas situações de vida que eu.

Na sua participação, você concederá entrevistas enfocando sua história de vida pessoal e escolar, os processos de sua constituição como docente e os obstáculos enfrentados neste processo. Em seguida, terá que autorizar, através deste termo de consentimento livre e esclarecido, a utilização desse material. Ficará com você uma cópia do texto da entrevista.

Essa pesquisa não tem fins lucrativos e você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por colaborar na sua construção. Os resultados da pesquisa serão publicados e em nenhum momento você será identificado/a, estando, o tempo todo, resguardada sua identidade.

Não existem riscos quanto a sua integridade intelectual, moral, emocional e física. Os benefícios serão que você contribuirá para construção de um conhecimento que ressaltará temáticas como docência, diversidade sexual e de gênero, assim como novas formas de se interpretar as identidades travestis e transexuais de nosso país.

Você é livre para recusar participar da pesquisa em qualquer momento em que ela se encontrar até a efetivação de sua publicação. Essa atitude não lhe causará nenhum prejuízo ou coação. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato comigo, Marina Reidel, telefone (51) 84784705 /81090064 ou Prof. Dr. Fernando Seffner, telefone (51) 3308 3993, orientador deste projeto de pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

Assinatura da pesquisadora

## Anexo 3: TERMO DE CONSENTIMENTO DO NOME SOCIAL

Cara docente \_\_\_\_\_ você que foi convidada a participar da pesquisa intitulada "Pedagogia do Salto Alto: histórias de professoras Travestis e Transexuais na educação brasileira e que solicitou que constasse seu nome social na entrevista, bem como, nas abordagens dos textos fragmentados agora é convidada a assinar este termo, ciente de seu pedido. Também você autorizou o uso de suas imagens tendo em vista a luta pela visibilidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato comigo, Marina Reidel, telefone (51) 84784705 / (51) 81090064 ou Prof. Dr. Fernando Seffner, telefone (51) 3308 3993, orientador deste projeto de pesquisa.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

---

Assinatura da pesquisadora

### TERMO DE CONSENTIMENTO UTILIZAÇÃO DO NOME SOCIAL

Eu, \_\_\_\_\_,  
 registrada/o \_\_\_\_\_ com \_\_\_\_\_ o \_\_\_\_\_ nome \_\_\_\_\_ civil  
 \_\_\_\_\_, portadora do

RG: \_\_\_\_\_ e CPF: \_\_\_\_\_ me  
 disponibilizei a participar voluntariamente como colaborador/a da pesquisa intitulada **Pedagogia  
 do Salto Alto: Histórias de Professoras Travestis e Transexuais na educação Brasileira** sob a  
 responsabilidade da pesquisadora Marina Reidel sobre a supervisão do professor Dr. Fernando  
 Seffner, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio  
 Grande do Sul.

Essa pesquisa tem como objetivo problematizar sobre as posições de sujeito que  
 professoras travestis e transexuais exercem na escola, identificando os indícios de  
 desestabilização que suas presenças provocariam no contexto educacional; questionando os  
 valores sexuais e as concepções de gênero culturalmente estabelecidas, assim como verificando  
 possibilidades de estruturação de novas formas de ensino e aprendizagem no que se refere à  
 diversidade sexual e de gênero.

Em razão da possibilidade contribuir para construção de um conhecimento que ressaltará  
 temáticas como docência, diversidade sexual e de gênero, assim como novas formas de se  
 interpretar as identidades travestis e transexuais de nosso país, autorizo que seja utilizado na  
 pesquisa o meu nome social: \_\_\_\_\_.  
 Essa foi uma solicitação da maioria das/os colaboradoras/es dessa pesquisa com o intuito de  
 promover a visibilidade desse segmento dentro do movimento social de travestis e transexuais  
 brasileiras.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

\_\_\_\_\_  
 Participante da pesquisa

#### Anexo 4: ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS TRANS

##### PRIMEIRO BLOCO

Bem \_\_\_\_\_, como você sabe, faço Mestrado na Educação e pensei em pesquisar um pouco com se dá este processo dentro da Escola – uma professora Transexual ou travesti, como isso se resolve dentro deste espaço e se estas professoras poderão ser mediadoras no processo de combate a homofobia. Se é possível ter este personagem a mais nas Escolas. Vou gravar a entrevista, mas se você quiser, em algum momento poderei desligar. E que no final desta entrevista se você estiver de acordo, assinara o termo de consentimento.

##### SEGUNDO BLOCO

- Em que cidade você nasceu? Quantos anos tem agora?
- Até que série estudou, em que escolas estudou, reprovou algum ano?
- Você sofreu problemas na escola? Conte algumas situações. Alguém lhe apoiava na escola?

##### TERCEIRO BLOCO

- Queria saber agora sobre seu processo de transformação.
- Como foi o processo de transformação? Em que época? Se foi na escola, enquanto professora ou enquanto estudante, como foi?
- E como foi a receptividade da comunidade escolar?
- Hoje como você é vista na Escola pelos colegas? Direção? Teus alunos sabem do processo ou não se fala nisso?

##### QUARTO BLOCO

- Agora queremos saber sobre sua formação como professora, o curso que fez, a faculdade, outros cursos, quando você começou, em que escolas já trabalhou.
- Qual é a sua área? Como foi sua faculdade? O curso foi difícil? Por quê?
- Você trabalha as questões de gênero, sexualidade e preconceito na sala de aula?
- O que faz você acreditar que seus alunos têm consciência sobre estes temas? Na sua escola, os professores trabalham estes temas?



- Relate algum fato curioso sobre sua história de vida e um fato que gerou preconceito.
- Antes de você viver esta identidade de gênero na Escola você já tinha ouvido falar em outras professoras ou professores Trans? Você conhece alguém mais, hoje, vivendo este processo?
- Quais são os principais desafios que você enfrenta na escola e na vida profissional?
- Quais são seus objetivos profissionais? Você quer continuar estudando? Você quer se aperfeiçoar como professora? Que cursos pretende fazer?

#### QUINTO BLOCO

- Você pode ser uma agente mediadora no combate HOMOFOBIA na escola? De que forma?
- Você acredita que sendo uma professora Trans você poderia ser exemplo positivo para outras pessoas a assumirem suas sexualidades na escola ou na educação?
- Você sentiu a necessidade de compartilhar experiências com outras professoras Trans?  
O que você pensa na ideia da Rede Trans?
- Você é militante? Você acredita que este aspecto pode melhorar tuas aulas no sentido de enriquecer os aspectos de educação *versus* Movimento?

#### ENCERRAMENTO

Agradecer a entrevista, perguntar se a pessoa deseja falar mais alguma coisa.

Assinatura do termo de Consentimento

## Anexo 5: CONVERSA DE COMADRES

Registro da entrevista de nº 1: Adriana Lohanna

Marina: Estamos em Brasília, durante a 2ª Conferência Nacional LGBT e vou entrevistar a Professora Adriana Lohanna. Ela é do Estado do Sergipe e vai nos contar algumas coisas sobre Educação, sobre transexualidade, enfim, um bate-papo. Conta-me um pouco como foi tua história de vida, se você sofreu preconceito na escola e, depois, na faculdade.

Adriana: Então, eu me percebi transexual aos seis anos de idade, mas aí eu tenho um pai que é muito machista e homofóbico e vivi minha vida toda, não tive infância. Eu tive que, na verdade, suprimir minha identidade de gênero. Cedo, eu já me percebia diferente, já me percebia menina, mas, aí com um pai que é homofóbico... Tinha um tio que era gay e minha mãe não podia falar com ele porque ele era gay. Passou 22 anos da vida dela sem falar com o irmão e eu fui crescendo numa infância frustrada e, como sempre, a grande maioria das pessoas acaba perdendo a infância e se entregando à educação e à religião.

Então, com 7 anos de idade, eu já era missionária da Igreja Católica, da Infância Missionária da Igreja. Ficava na escola manhã, tarde e noite. Estudava, entrava às 7 horas da manhã e saía às 10 horas da noite, era a segunda pessoa a chegar à escola, além da diretora, naquela época. Aí passou minha infância e a adolescência veio e começou as primeiras perguntas sobre sexualidade. Na minha cabeça, eu não tinha visão sobre tudo isso. Sabia que era diferente, mas não sabia o que estava perpassando. Tudo isso foi mais frustrante, porque na adolescência eu vivi um momento difícil, porque eu gosto muito de dançar e minha adolescência veio bem na época do “É O Tchan” e ganhava todos os concursos culturais da escola e, quando chegava a casa, levava a maior surra e eu via que se eu fosse igual ao meu tio eu morreria, por ganhar o concurso.

Então, eu vivi suprimindo minha identidade, essa orientação, por causa do meu pai e logo comecei a perceber, se eu me assumisse, eu perderia o direito de estudar e não teria casa e daí eu teria que viver com uma coisa que tenho muito medo, que é a prostituição. Acho muito bonito o trabalho das meninas travestis, mas eu tenho muito medo de acabar naquela situação, tanto é que eu tinha medo até do ato sexual, porque minha primeira relação sexual foi aos 20 anos e foi um estupro. O meu ensino fundamental foi normal; mas, no ensino médio, quando eu resolvi assumir minha identidade de travesti e depois transexual, porque a gente pensa que é gay, depois começa a se vestir como travesti e se percebe que também não é e descobre a identidade transexual.

Na época onde apanhei, botaram minha cabeça no vaso sanitário e um colega do ensino médio azucrinava minha vida. Para mim, ele era um demônio da escola... Na sala de aula, à noite era saber que seria chacoteada e que ia passar por constrangimento. E esse mesmo rapaz, que tanto me odiava, um dia pega e faz relação sexual a força comigo. Eu estava passando, voltando de uma festa, ele estava bêbado e com uma faca me ameaça e, colocando-me dentro de uma casa, tem um ato sexual comigo. Neste momento, começo a me perguntar por que uma pessoa que me odiava queria fazer sexo comigo. Então, foi assim que eu comecei a estudar a diversidade, já no final do ensino médio e, depois, na faculdade. Foi nesta época que me descobri transexual também e que este colega tinha uma homofobia internalizada. Já em 2004, terminei o ensino médio e entrei na faculdade no curso de Letras. Meu primeiro trabalho de pesquisa foi sobre homofobia na escola. Comecei a estudar estas questões e a categorizar todas as discussões e, foi no final de 2005, meu pai adoece e tem um problema cardíaco e vai parar no hospital, faz quatro cirurgias e volta sem memória. Com isso eu assumo minha transexualidade como se o destino

fosse fazer as coisas direito... Meu pai teve que adoecer para que eu assumir e ser feliz e, aí, tipo meu pai adocece, eu passo quatro meses com ele sem suas faculdades mentais corretas e aí eu passo a assumir a transexualidade neste momento, desde 2006.

Eu estava no quarto período de Letras e era o centro do grupo na faculdade. Passei por situações muito difíceis na minha família, minha mãe queima minhas roupas femininas, por ter tido uma crise, porque todo mundo saiu falando. Eu morava num povoado pequeno de duzentas famílias, Povoado de Cruz Grande, no Município de Equinabanco, há duas horas de Aracaju, onde todo mundo se conhece. E começa as histórias “seu filho apareceu de saia na festa”. Tinha um tipo de roupa que eu não vestia, para minha mãe não ver em casa. era travestida, mas era básica. Então, neste mesmo período, eu fiquei depressiva; eu era coordenadora de um grupo de discussão de gênero na faculdade. Neste momento, Fernanda, uma colega minha, toma eixo do grupo porque eu estava perdendo o foco. No quinto período de Letras, eu consigo me reerguer e, concluindo o curso de Letras, entro no curso de Assistente Social via vestibular. Terminei agora o curso de Serviço Social e o mais interessante de tudo isso foi que voltei em 2009 para a mesma escola onde eu sou fruto deste preconceito.

Foi muito legal porque eu voltei e ensinei colegas meus que tinham parado de estudar e retornado para o ensino médio. O mais interessante, neste caso, foi reencontrar um colega meu que era gay e tinha até um apelido de Coco. Encontro com Coco na sala, como professora, e não como colega. Isso passou a perpassar para mim que eu iria passar por muitos preconceitos na escola e, de fato, passei. O olhar de outros colegas professores, pois eu vi que era um olhar diferente ali; a direção, não, porque já me conhecia, mas os colegas professores, sim. Os alunos ao verem a professora transexual como algo estranho ou pensar algo diferente na cabeça deles, mas eu vi o olhar estranho deles, tanto é que minha primeira aula dada foi identidade de gênero. Mas foi gostoso o fato de voltar para a sala de aula, você ir dar aula num espaço onde um dia você foi vitimada, é como se fosse uma vitória, neste sentido, e maior vitória seria se encontrasse essa pessoa que fez tudo isso para mim... Talvez hoje eu pudesse agradecê-lo, pois foi o ato libidinoso dele que fez eu acordar para a Transexualidade e poder estudar tudo isso e hoje eu descobrir quem sou. Hoje eu continuo dando aula, mas não lá, estou num PET PROJOVEM, onde sou educadora social concursada em Carmópolis, recentemente passei num concurso.

Também foi no curso de Serviço Social outra barreira, porque, no primeiro dia de aula, um rapaz evangélico me perguntou o que eu fazia na Universidade e não estava na rua como as outras meninas e perguntou “como você conseguiu chegar lá”. Eu não imaginava que iria encontrar isso na minha sala de aula e aí no curso de Serviço Social tenho a entrada no banheiro feminino proibida, eu sofri muito...

M: Mas hoje, ainda?

A: Ainda hoje, sim. E eu agora entro, porque a universidade não me deu a proibição por escrito, eu pedi oficialmente e recebi a visita do assessor jurídico da universidade me proibindo, dizendo que eu era homem. Esta universidade é particular, de nome Tiradentes e eu era bolsista do PROUNI... Mas, assim, é interessante o olhar que as pessoas fazem para você que é Travesti ou Transexual, e como sou a única Transexual na minha universidade, de 23 mil estudantes, tive que fazer história. Esta semana tive que escrever um artigo junto com duas professoras para a UFBA, que fala sobre Formação de Serviço Social e Gênero, porque a minha presença na universidade fez mudar muita coisa. A minha professora coloca no artigo uma passagem onde ela recebeu um comunicado, que ela fosse ao Campus de Propriá porque tinha um rapaz que se dizia mulher

causando tumulto na universidade e aí eu descobri, depois, que todas as discussões de gênero que tinham no meu Campus foram por minha causa. Quando a mesma professora me mostra o email que o diretor da universidade manda dizendo “Olha vá ao Campus de Propriá porque lá estamos com um problema. Um aluno que se diz ser mulher e está causando tumulto e quer usar o banheiro feminino e eu quero que você vá fazer essa discussão”. E lembro que a primeira discussão foi um seminário que se chamou o Serviço Social e a Diversidade e eu estava lá, inserida, e não sabia que tudo isso era por causa de mim, que eu era o problema. Também fui vítima de preconceito no corpo de estágio, porque a assistente social disse “eu não vou receber você porque quer ser mulher a pulso, não vou receber você aqui no CRAS”.

Fui obrigada a fazer um projeto de Serviço Social na Educação, realizando um estágio numa escola de Serviço Social, pioneiro no Estado do Sergipe. Tive outro embate que foi colocar o meu nome social no relatório de estágio, pois a coordenadora de estágio disse que não poderia, na época. Eu disse “tudo bem, vai com nome social e você me reprova. Se você quer ir para o embate, vamos agora”. Eu sei que a universidade cala, depois vem o TCC e eu resolvo falar sobre a homofobia na escola, uma coisa que a universidade nunca tinha me autorizado a fazer pelo PIBIC, porque eu tinha um projeto sobre homofobia na universidade que nunca foi aprovado. E, aí, por minha causa, as professoras lésbicas foram perseguidas na universidade, por me apoiarem...

Os professores fizeram um curta sobre mulheres, porque lá temos um grupo de Gênero que discute mulheres e elas fazem um documentário chamado “Mudas Cinzas”, cuja ideia do documentário é dar fala a estas mulheres que são mudas. A partir do renascimento delas, como uma fênix, e uma das quatorze mulheres entrevistadas sou eu... Isso gerou o maior tumulto na universidade, porque como era mulher e como acontece isso? Eu lembro que cheguei um dia depois do lançamento do documentário, para ser homenageada, e daí alguém falou que achou muito bonito a minha última fala e tal e eu pergunto o que tem de bonito naquilo, onde a última pergunta era “qual era o seu maior sonho?”. E eu coloquei que o meu maior sonho era ter o direito de ser amada e amar como qualquer ser humano, porque este direito não me era dado por preconceito, numa sociedade e num estado tão machistas que é o Estado de Sergipe. Então este comentário deu o maior tumulto, porque ali não tinha uma mulher, sim, um travesti e não era um documentário para mulheres. Por que ela? Então você percebe todo este processo...

Bem, termino a universidade, sou aprovada no conselho de ética com a minha pesquisa sobre homofobia na escola, sendo que esta foi desenvolvida em grupo, eu e mais dois colegas. O colega evangélico, que me discriminou no primeiro dia, termina o curso fazendo o trabalho junto comigo. No dia da apresentação do TCC, meu maior orgulho foi ouvir ele falar, uma pessoa que havia falado um monte de citações da Bíblia, agora falar de homofobia e que estava arrependido de ter sido transfóbico comigo. Na verdade, este processo com o colega se deu com a desconstrução do que ele tinha na cabeça em relação à homofobia, aquilo que o povo dizia, o que a sociedade fala, que eu poderia ser pervertida e, depois de três anos e meio, ele perceber – “mas não é isso que o povo fala” – , passando a participar de eventos comigo. Eu fui a primeira Transexual a instituir uma mesa no Encontro Nacional de Serviço Social em Salvador, em 2010. Neste mesmo espaço, fui instituída pelo movimento estudantil a ser coordenadora na área de assistência social do movimento estudantil; porém, no dia da posse, não pude comparecer porque estava hospitalizada, devido a uma agressão transfóbica. Fui agredida por um rapaz numa festa em Sergipe e meu maxilar foi quebrado. O eixo foi aprovado na comitiva nacional estudantil, porém eu não fui e o

colega evangélico foi defender a aprovação, justificando minha ausência devido a agressão cometida. E mais essa luta foi conseguida no movimento estudantil.

A educação é uma luta que se entrelaça com todas as políticas e eu fiz Serviço Social, mas meu grande sonho era fazer Direito e Jornalismo. Letras foi uma bolsa do Governo do Estado, porque eu fui uma boa aluna no ensino médio. Eram licenciaturas e, na minha cidade, era Português/Inglês. Serviço Social foi pelo PROUNI; passei em Direito, mas não fechou turma, então via uma conexão entre Serviço Social e a Educação popular. Hoje eu sou do movimento popular de Educação, a nível nacional da rede de educação cidadã e trabalho no movimento popular de educação. E a ideia de fazer o concurso para educadora social foi legal, porque eu continuo na educação voltada para o movimento popular. Lá temos PROJOVEM e PET. Hoje na sala de aula é legal, os alunos são muito interessantes. O grande problema é nos primeiros dias você provar para os alunos que você não é um bicho de sete cabeças e que você não é aquela coisa que a sociedade coloca. E lá toda comunidade já sabe e sabem que tem uma professora, uma funcionária trans.

Sofri preconceito também na prefeitura, porque percorri cinco secretarias até chegar na minha. Mas daí, hoje, é normal, nos primeiros dias, um aluno dizia para a mãe que tem um veado na sala de aula; outro dizia tem um veado lá que é meu professor e assim sucessivamente. Mas hoje, não; é a professora Adriana L., transexual. Trabalhei já diferenciação de gênero e de sexualidade; as questões de heterossexualidade e homossexualidade; e quando os pais vinham questionar a supervisão, dizia que era o trabalho da professora e que ela sabia o que estava fazendo. Concordo com a afirmação não conhecendo as pessoas e tendo uma visão errônea do que seja travesti e transexual, de pensar que aquela pessoa é vexatória, de ter fetiche, de ser depravada e, aí, vai criar todo este estereótipo que a sociedade impõe e, naquela hora, chegou uma pessoa igual na sala de aula, acho que isso que passa na cabeça deles. Esta pessoa me ensinando? Porque o que passa na sociedade é uma pessoa baixa, uma pessoa que não deve ser respeitada e que tem sua sexualidade bem aflorada.

Durante meus estágios de licenciatura, o maior desafio foi trabalhar com o ensino fundamental do que no ensino médio; e a maior dificuldade em trabalhar o preconceito foi em função dos alunos não conhecerem as diferenças, tendo uma visão errônea. Pensar que aquela pessoa é depravada, criando todos os estereótipos e vai pensar que naquela hora vai chegar uma pessoa assim na sala de aula – porque é isso que passa na cabeça deles. Essa pessoa me ensinando... Na verdade lidamos com o preconceito velado e eu ouvia de algumas dizerem que outras falavam de mim... Tipo: “olhe, colega “fulana” e “fulana” saíram da sala falando de você”. Todas sabiam que eu era transexual, mas as conversas e discussões se davam por conta disso e eu nunca fui de embate com elas. Sempre mostrei fazer o melhor para que os alunos pudessem gostar e, aí, fazia um trabalho diferenciado e as colegas se sentiam incomodadas porque, na cabeça delas, ela era um homem vestido de mulher e que fazia um trabalho melhor que o delas e que os alunos gostavam. Porque o difícil é lidar com todas estas coisas, o preconceito velado dos colegas, para poder diminuir esta questão do preconceito porque ela é transexual, mas é uma boa professora. Ela é doente, mas ela faz um bom trabalho na sala de aula. Porque, se fosse o contrário, diriam que o trabalho é péssimo porque ela é travesti, porque este povo é péssimo... O problema da sociedade é que temos que desconstruir desta maneira todo este processo e a minha militância na educação começa desde cedo. Ela vem da militância da Igreja, pela Pastoral da Terra. Entrei na Educação Popular e estou aqui até hoje. Sou apaixonada pela Educação, tanto é que estou aqui como assistente social mas, ligada à questão da Educação. Já vi aluno cair na defesa por mim, de

alguém dizer para ele “olha você estuda com veado, né? Aquele veado não é seu professor? Ele não ensina você?” “Não, eu estudo com minha professora Adriana, que é mulher como qualquer outra mulher”. Tipo, dar o conceito: ela é mulher, fez cirurgia tal e se sente mulher. E conceituar, porque a questão do preconceito é de não conhecer realmente, então entra aquela questão de fazermos o trabalho de formiguinha. A maior defesa que tem na sociedade, na classeLGBT, são as próprias pessoas que te conhecem... que alguém um dia vai chegar na mesa e falar de gay e daí as pessoas vão dizer que não é bem assim não, exemplificando que as pessoas podem ser vizinhos e serem professoras trans e que são ótimas pessoas.

M: A professora transexual pode ser um processo mediador no combate a homofobia na escola?

A: Com certeza, porque principalmente nossa presença na escola vai começar a modificar e pelo menos criar discussões dentro daquela escola; então, tem uma professora travesti aqui dentro, é? É. Os alunos vão se ver no espelho. Os que vão assumir sua sexualidade.

Um dia, eu fui chamada na diretoria porque um aluno da sexta série, que não era meu aluno resolveu assumir sua travestilidade com quinze anos e chegou de peruca na sala de aula; e daí, neste momento a professora trans já é a pessoa capacitada para lidar com isso. Daí outro aluno bateu nele e tomou a peruca dele e a professora mandou o aluno para diretoria. Qual o aluno que a professora manda para a diretoria? O aluno travesti! E ai eu fui chamada na sala para falar com a travesti que não viesse daquela forma, vestida assim, pediu a diretora. Quando eu disse “espera ai... o agressor esta lá se vangloriando que bateu no veado e jogou a peruca no chão e a vítima aqui sendo xingada. A senhora (diretora) acha certo isso?” Indaguei a diretora. “Enquanto a vítima está aqui sendo orientada sobre sua sexualidade e de como se privar dela. Espera ai... Na época ainda citei o exemplo que aconteceu... a senhora (diretora) não sabia usar computador. Eu lhe ensinei. A senhora aprendeu na prática. Como que os colegas dele vão aceitar ele de peruca e vestido de mulher se ele não é para vir assim mais. A senhora está totalmente errada”. “Não”, diz a diretora, “é que o povo não tá acostumado a isso”. Mas só se acostuma vendo assim como só vou me acostumar com o celular se eu usar ele; só vou acostumar com uma comida se comer ela; como que você quer que as pessoas se acostumem se ele não pode vir de peruca? O interessante é que a escola reproduz isso. Não percebe, porque no caso, você diretora está discriminando ele mais ainda, é, pois é... “Eu não percebi desta maneira”, diz a diretora. A gente sempre é chamada para orientar os alunos a não expressar a sua sexualidade. Alguns alunos que estão descobrindo sua sexualidade me procuram para conversar e se abrir e tirar dúvidas de suas vidas. Tinha um aluno, Lucas que, na época, vinha conversar sobre isso e pedir esclarecimentos. Hoje ele mora em outra cidade e assumiu sua homossexualidade, mas até hoje quando encontro com ele, ele agradece pelas orientações e tal... E, daí, neste momento, você acaba não sendo só professora, mas também um ponto de apoio LGBT na escola. O bonito e interessante é isso: num momento ou outro você é pega no corredor por um aluno ou outro para conversar sobre orientações e sobre sexualidade. Eu tenho 25 anos e tem três anos que trabalho com educação, trabalho apenas em grupo. Na minha cidade, tem outra professora travesti e tenho contato com ela. Trocamos experiências. Eu acho importante termos um grupo de professores interessados, porque precisamos fortalecer e trocar, já que recebemos toda essa carga na escola e é importante fazer esse diálogo até como uma terapia de grupo e perceber que não estamos sozinhas e não termos como trocar. Poderemos trocar e mostrar que educação também pode ser feita por transexuais. Na escola, tem um professor gay assumido e mais uma travesti. A travesti dá aula de pedagogia e o gay de geografia. Eram três. Na verdade, o meu maior orgulho na Educação foi eu ir dar aula numa universidade de Metodologia Científica e ter o direito de dar aula para minha mãe. Minha

mãe era professora, mas só tinha magistério, então veio uma lei com a nova lei do FUNDEP, ela se inscreveu no vestibular e eu a preparei em uma semana. Ela aprova e no segundo módulo, por indicação de uma professora, fui dar aula na disciplina de Metodologia Científica e não imaginava que iria dar aula para minha mãe. A coisa mais importante da minha vida foi isso: eu dar aula para minha mãe. E hoje nos formamos juntas, eu em Serviço Social e ela em Pedagogia.

M: A escolha de ser professora foi em função da mãe ser professora?

A: Não, porque desde cedo tinha envolvimento com Educação, mas eu queria ser jornalista ou advogada e que, em função da bolsa de Licenciatura que veio, a ideia de dar aula. Tinha a intenção de militar, mas não sabia muito bem por onde, mas não pela Educação, mesmo tendo professores na família. O Estado de Sergipe é um estado muito conservador, tanto que ainda tenho muitos problemas quanto a isso. A própria frase que eu uso no documentário do direito de amar e ser amada são porque somos poucas no Estado e que as pessoas ainda não entendem a identidade de gênero, onde eu tinha um namorado que apanhou no trabalho por tentar me defender... E, depois, não quis mais namorar. O maior preconceito afeta a alma e não tem sentimento de amor, de dar carinho e que tenho sonhos como qualquer outro ser humano e, aí, este conservadorismo em Sergipe não deixa que a gente possa viver esta vida.

Registro da entrevista de nº 2: Adriana Sales

Marina: Então Adriana Sales você sabe que faço mestrado na Educação e pesquiso as Professoras travestis e Transexuais na Educação. Ver como as questões de gênero e sexualidade estão dentro da escola e toda problemática da homofobia.

Inicialmente fale um pouco da cidade onde você nasceu? Quantos anos você tem e até que série você estudou? Como foi tua travestilidade... transexualidade no início.

Adriana: Então sou Adriana Sales, natural de Londrina no Paraná. Aos seis anos de idade minha família passa a residir em Cuiabá estado do Mato Grosso para criar novas oportunidades de vida. Como estudante sempre de escola pública, sempre com o sentimento... a busca por essa identidade que eu não conhecia daquilo que me era apresentado socialmente sobre travestilidade. Aos 10 anos eu já manifestava o interesse pela hormonização e pelo feminino, cabelo, unha pintada, namoradinho na escola passei por todos os problemas que todas travestis e transexuais que ainda passam até hoje. Com elementos diferentes mas com a mesma base problemática que é o preconceito e discriminação que é piadinha. Né! Que a gente é rechaçada. Os coleguinhas que sempre nos apontam né! Que a gente já está acostumada a dialogar mas que não tão tranquilas enquanto adolescentes e jovens .

Entro numa universidade publica, sou formada em Letras com habilitação Português e Francês. Neste meu processo de universidade eu compreendo um pouco mais sobre travestilidade e tenho acesso ao meu primeiro contato com o movimento LGBT e dentro da universidade eu começo a dar um tom mais forte desta travestilidade assumo com seios, os hormônios se tornam mais fortes, os relacionamentos amorosos sexuais sempre com uma identidade mais definida até mesmo porque um sujeito com 16 /17 anos adentro numa universidade...

M: Qual é a Universidade?

A: A federal do Mato Grosso da cidade que eu moro desde os 6 anos que vim do Paraná para MT. Nesta universidade, no meu caso, o universo de concepções e conceitos e militar. Começo a compreender o que é travestilidade e transexualidade e nesta idade você se senti muito militante tanto estudantil quanto trans e movimento LGBT. Concorro a um projeto de edital de um convênio da Embaixada França e Brasil. Construo um projeto na perspectiva de cultura e civilização e tive a sorte de ser selecionada. Assim que concluo a graduação, vou para Europa para participar do curso de extensão de 3 meses e acabo ficando um ano em Paris. Conheço Camile Cabral e conheço o que é a prostituição e é lá que temos o início do nosso histórico de discussão com a FAPACH Primeira ONG de travestis do mundo que tem essas conversas um pouco mais profundas com as meninas da Europa. Tenho contato pela primeira vez com a prostituição real. A gente sabe que no Brasil mulher travesti não era fácil e não tinha contato com essa seara. Fico um ano em Paris e quando volto decido ficar no Rio de Janeiro para continuar me prostituindo. Já pós graduada, seis anos como professora da rede estadual de ensino resolvi ficar mais 2 anos no Rio tentando compreender e sobreviver inclusive da prostituição é claro que sobrevivi dois anos e muito bem ganhava mais do que ganho hoje, dez anos como professora. me relacionei com um rapaz que se dizia heterossexual carioca e fomos para a Cuiabá. Vivi dez anos essa relação. Quando chego em Cuiabá havia um concurso do estado. presto o concurso e entro definitivamente na rede publica estadual. Efetivada na rede retorno a lecionar e abandono a prostituição. Foi ai que eu compreendi que não conseguiria seguir a prostituição porque eu não me matava trabalhando, não conseguiria chegar muito longe. Eu compreendi que a escola eu conseguiria nadar para todos os nados e ver que letras era a minha paixão e segui mais 8 anos dando aula na



escola. Cerca de três anos atrás o movimento social no meu estado faz uma pressão para que na secretaria de educação tivesse alguém pautando e é indicado um nome para compor a equipe da secretaria para discutir diversidade, sexualidade e gênero e meu nome é indicado e acatado. Estou lotada na superintendência de formação na Sec de estado da educ. Paralelamente eu continuo lutando e imbuída na militância não só no meu estado como em diversos lugares do país. Há um ano e meio estou matriculada no programa de pós graduação em educação da UFMT a nível de mestrado desenvolvendo uma pesquisa com as meninas travestis que também estão matriculadas na educação básica de ensino do meu estado.

Como foi viver a travestilidade dentro da universidade?

Conflito. Tensão. Curiosidade. Discriminação. Desejo. Várias palavras que definem minha passagem pela universidade e agora novamente né. Os sentimentos são os mesmos. Eu volto para universidade depois de 10 anos achando que ela é nova e que resignificou, entretanto, vejo que estou passando por algumas situações muito parecidas com o passado. Foi tranquilo e não foi.

Teve algum registro de violência?

O nome social. Uma professora na época da graduação numa discussão acalorada sobre mitologia, nem tinha haver com sexualidade. Mitologia grega e africana. Era uma plenária e as professoras faziam um paralelo entre as origens africanas e gregas, esta professora no acaloramento das discussões ela perde a paciência e levanta da mesa num auditório lotado onde tinha várias pessoas e disse que não ia ficar discutindo comigo porque o que um viado dizia não se levava em conta. Me marcou. Foi muito pesado. Foi uma discussão que foi levado a diante, para o colegiado, para mídia e a gente fez todo um auê para que essa professora se retratasse. Ela se retratou. Hoje ela é professora do Curso de Pós-graduação e nós temos um bom relacionamento. Mas mesmo assim isso me marcou. Denotou o preconceito marcado dentro da universidade. Outro evento que me marcou foram os jogos. A universidade tinha jogos universitários e eu era atleta de vôlei. Na hora da inscrição dos times tiveram a audácia de me escrever num time feminino no vôlei e no final do campeonato atentaram porque nunca foi escondido que eu era uma mulher travesti e um ônibus que passava pela gente cheio de meninos e meninas de outra universidade parou. Fizeram um círculo em volta e queriam nos agredir por sermos o que éramos ali, haviam meninas, alguns gays e lésbicas e queriam nos agredir.

No terceiro momento adentrando ao programa de pós-graduação alguns professores negam a respeitar meu nome social o que não é um favor e sim um direito adquirido com portaria orientativa do próprio MEC. Com uma portaria aprovada pelo próprio conselho da minha instituição. Mesmo assim elas negam e exigem que eu apresente trabalho com meu nome civil, há um certo constrangimento, uma certa tensão mas para nós que estamos politicamente articuladas conseguimos fazer com que estas pessoas reflitam sobre suas práxis de uma maneira mais gentil eu procuro conversar e tudo fica por isso mesmo. Mas a gente sabe que nos eventos somos chamadas para fazer presente inclusive em discussões das semanas acadêmicas e nas discussões recentes sobre a temática da sexualidade.

E na tua escola como foi essa experiência?

Vc entrou travesti ou se transformou lá?

Bem hoje eu percebo que eu sempre fui travesti. Não me transformei travesti. Assumir uma identidade com todos arranjos do feminino leva tempo e dinheiro. Nós temos um investimento social, um investimento pessoal e é um processo árduo. além de trabalhar para sobreviver a gente

tem que encontrar subsídios de manutenção da nossa página. Principalmente no nosso país conseguir isso. Eu adquiri minhas próteses há três anos, nunca gostei de reposição hormonal justamente por ser gordinha e não ter as formas desejadas..

Bem eu retornei para a escola onde eu estudei. Do quarto ano ao ensino médio eu voltei a trabalhar com aqueles que foram meus professores e nessa transição de colocar a travestilidade encontro barreiras com os meus pares, com os profissionais de educação porque com os alunos jovens e com as crianças pois me habilitei para trabalhar com língua estrangeira na educação infantil 'foi tranquilo, porque são mentes em processo de construção e compreendem. No primeiro momento uma voz mais grossa, uma mão maior chama atenção, mas rapidamente as crianças começam a perceber que você é mais um sujeito e na escola de educação infantil cria-se um laço amoroso. Pois a educação infantil é conflituosa mas é muito amorosa. Então você vê que tem um envolvimento com o alunado. Mas o conflito é com os colegas, direção supervisão. O nome civil no ponto, a obrigatoriedade do nome civil nos diários de classe e a questão de alguns professores não te chamarem pelo nome social. As próprias discussões sobre a sexualidade e as sexualidades dos alunos, pois as crianças tem um corpo. Porque a escola se prepara para receber cabeças. Na escola deveríamos então ter filas de carteiras com cabeças!.a gente nega o corpo da criança até porque a gente não compreende o próprio corpo e nós que temos todo um corpo marcado se transforma. marcamos esse corpo com cabelos, unhas, de um grande prazer, de um corpo de mulher. Nós somos feministas natas então causa uma certa tensão porque este professorado não tem consciência do seu próprio corpo e então o conflito é certo. Na própria secretaria de educação onde há 600 profissionais que estão ali para discutir sobre educação, currículo, avaliação e estratégias negam conversar com você. acham que você esta ali por favor ou que você esta ali para fazer a alusão a prostituição ou a homossexualidade na escola. Mas não é nada disso. Nós somos profissionais e estamos ali para executar trabalhos pela paixão da educação pela paixão da formação... a gente não esta ali para que alguém se torne travesti porque na verdade ninguém se torna. Claro que eu trago a essência com muitas restrições, mas dentro de uma perspectiva tá na gente é da gente. Somos travestis ou somos transexuais ou somos heterossexuais porque somos.

Antes da tua inserção no campo da educação você imaginava que haviam outras pessoas na mesma situação? Como São dois espaços né na infância eu tive contato com a travestilidade com uma grande amiga que hoje tem um albergue na cidade e que acolhe outras, mas que representa a travestilidade e a profissional do sexo. E eu vou ter contato com essa outra travesti militante que também é profissional do sexo, mas que esta dentro da universidade. contatos com o movimento LGBT organizado, contato livremente e é dentro da ABGLT que eu percebo que essa travesti pode ter sua vida particular paralela as questões do movimento eu fui apresentada a esse mundo de discussão na universidade. Mesmo tendo a travestilidade desde criança.

E a família?

Eu sou de uma família biológica, com pai seminarista e militar e lá desde os 12 anos sempre puseram uma rigidez quanto a ética, moralidade, educação. Eu venho de uma classe muito humilde e que cresceu comigo. Essa mulher da minha vida que é minha mãe e esse homem da minha vida que é meu pai... Mas eu tenho duas mães porque eu fui criada por uma madrinha que eu chamo de mãe, porque meus pais não tinha como me sustentar. Dai eu tenho dois laços de família uma família branca e uma negra, uma família católica e outra de religião umbandista. Cresci na igreja batizada pela família biológica crismada e catequista e depois em uma terreira de umbanda que é da minha outra mãe. A religião influenciou a vida toda além da família ter me

mostrado as questões de respeito e moralidade e depois de ver mais tarde minha mãe voltar a estudar na modalidade EJA, tornou se bioquímica hoje concursada a nível federal em 2 concursos. Minha família consegue viver de uma maneira mais tranqüila mas minha mãe veio a estudar depois que eu já estava na faculdade da mesma maneira que minha outra mãe também estudou depois e é enfermeira. Na verdade formaram famílias muito tranqüilas e eu sempre digo que sou uma mulher família e a religião foi a influência, a católica que freqüente e gosto muito e a umbandista que me fascina. Minha família é formada por 9 mulheres filhas de criação e 4 biológicas da minha mãe preta. A minha mãe biológica teve eu e mais duas irmãs. E minha mãe de criação tem quatro filhas biológicas e nove de criação. E eu era uma dessa nove meninas. É uma casa de umbanda de mulheres. E oculo dos orixás acaba nos confortando e nos momentos de tensão tentando entender as agressões dos outros e evoluindo. Para mim a religiosidade é um dos elementos da minha vida. E para me compreender, pois isso é muito difícil tirando das caixinhas masculinidade feminilidade, macho e fêmea. E se compreender na travestilidade é muito conflituoso e as religiões tanto a católica quanto a umbanda me subsidiaram bastante.

Bem pensando agora como é ser uma professora trans? Qual é o papel que você representa diante de uma instituição? Qual é a tua visão sobre isso?

Hoje nós gozamos de um espaço interessante porque ser professor ou professora transexual na atualidade brasileira e gozar de um prestígio, bem da moda. E nós nos nossos estados na nossas escolas e nos espaços de trabalho no apresentam algumas barganhas pois nós apresentamos curiosidade nós apresentamos uma imagem que as pessoas imaginam ser erótica, uma imagem do glamour numa profissão que não é tão glamorosa assim. Então nós acabamos tendo a barganha para que possamos apresentar um mundo glamuroso, um mundo da imagem da feminilidade para que a gente possa conseguir de fato fazer a discussão da sexualidade e esse novo traçado identitário e cultural do país.

Você acha que temos que provocar então essas discussões?

A Professora travesti ou transexual provoca o tempo todo. Ao adentrar na escola, no bairro e morar naquele lugar e ter contato com os pais é uma provocação constante na perspectiva de tentar estabelecer as identidades e não só das trans, mas as “N” identidades É uma pedagogia, um processo de formação a nossa é mais uma possibilidade de convívio com os alunos para que se estabeleça uma relação tranqüila ,cordial e educada. Para que as famílias compreendam e levem as discussões.

Teria mais alguma coisa que você gostaria de colocar?

Então como ser travesti é transcender os elementos é transcender o imagético feminino é transcender toda a expectativa cultural. Ser travesti é muito bom apesar de todos empecilhos e problemas enfrentamentos ser travesti é muito bom também nos remete pode ser homem pode ser mulher ser homo, bi, trans, mas é muito bom

Para encerrar nossa conversa tu achas que antes de tua assumir tu era infeliz?

Eu sou uma pessoa em busca da felicidade. Eu não sou uma pessoa pessimista uma pessoa derrotada sempre fui desde o momento que passo necessidade já passei fome e não foi só uma vez e até mesmo quando fui viajar para Europa eu sempre busquei um traçado de felicidade eu sou feliz na minha família, eu sou feliz no com os amigos que tenho inclusive você é minha amiga eu sou feliz internamente sou uma pessoa que busco a felicidade e estar bem comigo mesma de estar bem com as outras pessoas de compreender as pessoas e fazer com que elas me

compreendam e isso me faz uma pessoa feliz .

Obrigada pela tua contribuição.

### Registro da entrevista de nº 3: Andreia Lais Cantelli

Eu sou Andreia Lais Cantelli. Sou Transexual. sempre fui. (risos) Eu me percebi diferente quando criança... eu me sentia e queria ser mulher... meus pais até hoje nunca conversaram comigo mesmo tendo passado 31 anos de vida eles nunca falaram sobre isso. Minha mudança foi aos poucos e escondida. Comecei e me transformar aos 15 anos tomar hormônio e vestir roupas mais ousadas. Sempre me vestia fora de casa. Levava as roupas na mochila e me vestia em um banheiro público ou da escola. Durante a escola sofri, mas me dei conta que seria a única maneira de vencer tudo com o conhecimento. Fiz o ensino médio com muitas dificuldades. Lembro uma vez que minha mãe me jogou o boletim no rosto dizendo: "Como que tu tem cento e poucas falta num ano letivo? Onde tu vai se tu sai para ir para escola?" E eu respondi a escola me sufoca. Eu não quero estudar... Eu ficava na praça. Foi aí que ela me pegou pelo braço e disse: Tu escolhe ou tu vai querer viver a vida toda assim... nessa vida? Foi daí que dei conta que eu deveria estudar. Sou a caçula de uma família extremamente conservadora. Sou eu e duas irmãs mais velhas.

Nunca dei conta da prostituição até porque eu sempre fui gordinha e não me imaginava na esquina. Sabia que não iria ganhar nada e não ser pedrada ou piadas.

Concluí o ensino médio e entrei para faculdade. Fiz licenciatura em Estudos Sociais- habilitação em História. Fiz Pós-graduação em Metodologia de Ensino de História e História da Arte. Bem na faculdade foi terrível. Os professores me insultavam e eu respondia. Um dia me avancei no professor de Estudos Culturais. Lembro até hoje. Queria grudar ele pelo pescoço, mas os colegas me seguraram. Lembro que os insultos e piadas eram o tempo todo. E eu batia de frente.

As violências eram sempre verbais mas eu não aturava e não levava para casa. Até hoje acho que é porque sou aquariana.

E quando comecei a dar aula foi um caos. Eu não ia para escola vestida assim (risos). Eu colocava uma calça jeans e uma camiseta, pois a escola e a direção eram muito preconceituosos. A diretora me dizia isso vai dar problema pra você quando quiser ser diferente. Passei meu tempo de estágio probatório e eu chutei o balde. Pedi para sair da escola e cheguei na outra me apresentei como Andreia.

A direção me acolheu e respeitou. Entrei na maior escola do estado do Paraná. O Instituto de Educação do Paraná onde estou desde 2002 até hoje sendo que só tive um problema com os alunos. Na época que surgiu o Orkut pegaram fotos minhas e fizeram uma página, dizendo assim: "O Professor Traveco da Escola".

Quando eu vi e os outros alunos vieram me falar eu fui para cima da direção e logo descobrimos quem foi e logo eles foram punidos. Eram 13 alunos de uma 7ª série. Imagina eu tive mais de 600 alunos a meu favor e só 13 contra. Bem foi assim que me empoderei na escola. Hoje dou aula para os alunos do ensino fundamental e médio da escola. Sou respeitada e exijo respeito. Sou terrível nas aulas. Falo para eles que só serão valorizados quando tiverem conhecimento. E nas minhas aulas trago conteúdos sobre diversidade e sobre identidade de gênero. Eu coloquei no programa e faço.

Acredito que eu e você (Marina) e todas as outras meninas que estão na educação ou a serviço dela poderemos ser uma referência para muitos alunos. Não só para os gays e para as trans novinhas, mas para todos os alunos, pois eles se dão conta de que se nós podemos assumir o que somos todos podem assumir serem héteros ou homossexuais. Não vejo tanto problema nisso. Penso que nós devemos nos unir para mostrarmos que acima de tudo somos pessoas, somos

educadoras. Que estamos ali pelo conhecimento e não por sermos bonequinhas de porcelana ou vítimas do preconceito e que venceram. Eu sofri muito. Mas isso não vai me impedir de ser uma boa profissional. Meu pai vem na minha casa mas não chama de Andreia ou de outra coisa. A gente conversa sempre, mas ele não me chama pelo meu nome Andreia. Este sentimento eu tenho. Parece que ele não quer admitir que o filho que ele criou como macho é uma mulher. O meu maior sonho é um dia ele chegar e me chamar pelo nome Andreia. Tenho duas sobrinhas uma de 21 anos e uma de 9. A de 21 é super bem resolvida e a outra que é minha afilhada de 9 anos me conheceu Andreia. Vou ao shopping com ela. Ela vem posar aqui. Logo que eu me separei do Gilson ela vinha sempre posar comigo para fazer companhia. Minha mãe me trata por Andreia e diz minha filha. Talvez por ser mãe e perceber o meu sofrimento.

Quanto à religião fui criada católica, mas hoje não me encontrei ainda. Não sei ainda que caminho seguir. Sei que um dia vou me encontrar espiritualmente mas ainda é cedo. As vezes até vou na missa ou na igreja rezar....

Fui casada com Gilson 5 anos. Ele é natural do ES e viveu comigo aqui. Hoje a gente tá namorando, mas ele lá e eu aqui. Vou às vezes para lá e ele vem para cá. Me relaciono com minha sogra Sônia e com minhas cunhadas. A questão é que o trabalho dele é lá agora então como estávamos em conflito ele foi embora.

Entrevistei Andreia durante minha estada em Curitiba por conta de uma Oficina organizada por ela no Transgrupo Marcela Prado. Também gravei a fala dela no início do evento. Transcrita alguns trechos importantes que ela fala.

Bem este encontro é para falarmos sobre Transexualidade, Travestilidade e Educação e o que estamos aqui hoje trazendo não é nada de novo para vocês que já estão no quarto encontro. No entanto quando falamos dessa população percebemos que mesmo tendo falas diferentes vão se cruzar no que diz respeito a questão da evasão e do abandono, dos traumas causados por isso e consequentemente o déficit de aprendizagem vai aumentar. E isso é o reflexo do ambiente escolar para as travestis e transexuais. Mesmo lá desde o início da escola até a universidade os traumas vão surgindo em diversas proporções. O sistema de ensino que temos hoje é traumático não só para as pessoas trans, mas para essas é muito mais. Nós somos frutos de uma sociedade fundamentalista patriarcal e de princípios cristãos onde o papel do macho e da fêmea é muito enraigado e daí as pessoas que transgridem essas perspectivas vão sofrer muito mais, no caso aqui entram as travestis e transexuais.

Depois disso, ela levou as pessoas que participaram do evento a falar um pouco sobre os conceitos de travestis e transexuais e identidade de Gênero. Depois de muito diálogo chegaram a conclusão que tem diversos significados sobre as palavras, mas o que foi interessante é que segundo depoimento de uma outra travesti Carla Amaral, militante do movimento Trans, resumiu todas as palavras em uma só -a vida.que tudo aquilo ali para ela significava eu estou viva. Eu sou assim...

Para encerrar essa parte Andreia citou uma frase de Judith Butler que diz “que há tantos gêneros quanto habitantes na terra e que seria difícil enumerar”.

#### Registro da entrevista de nº 4: Brenda Ferrari

Bem, eu vou fazer uma retrospectiva desde a infância...

Eu fui transexual desde a infância. Já me via como mulher não queria cortar o cabelo e fazia uma guerra em casa. Não queria usar roupas masculinas. Foi uma batalha na família pela imposição da heteronormatividade. A minha família sempre me apoiou. Minha mãe era professora de catequese e a família sempre foi muito religiosa. Morava numa cidade pequena de 30 mil habitantes chamada Lapa. Histórica mas muito conservadora. Mas minha família era muito religiosa tanto é que depois eu fiz fazer teologia... eu ia na igreja com minha mãe e com minha vó. Acho que ia buscar essa força porque eu já sentia que iria precisar depois. Desde criancinha meus vizinhos diziam ela não brinca com meninos. Meu era pai jogador de futebol., fui o único filho, macho, que fazia tudo para ele e isso foi muito difícil também. Os amigos dele tiravam sarro dele então isso foi muito difícil também.

Como eu nunca quis ser homossexual porque eu via aquilo com muita micagem e escândalo.eu não tinha este estereótipo. Eu incorporava a menina mesmo. Com 12 anos furei a orelha e ai foi indo. Sempre acreditava muito em alguém lá de cima (Deus)

E a Escola?

Todo sofrimento na escola por eu não estar com os meninos embora eu tinha problemas em aprender a jogar os meninos nunca me escolhiam para o time e as meninas já me acolhiam...tinha muita amizade e consegui chegar a oitava séria sendo protegida pelas meninas.embrora na hora da saída eu ganhava chutes mas eu tinha a proteção delas e de alguns professores.

Bem eu vestia camiseta e calça, mas um pouco neutra pois as meninas também vestiam assim e fui gradualmente me transformando. Deixei o cabelo crescer e comecei a tomar hormônio. Conheci uma travesti na cidade mais velha que me deu os truques. Aos 14 anos já tomava anticoncepcional que se tomava na época. Fiz uma transformação tímida. Até porque minha mãe era muito severa. Tomei muito hormônio e hoje meu corpo ficou bem desenvolvido.

Quando entrei no ensino médio já era menina e pedia para os professores me chamarem de Brenda na chamada. Eles colocavam entre parênteses ou pelo número. E eles foram bem sensíveis e faziam. Isso me ajudou a terminar o ensino médio. Era a aluna nota dez na escola e muito aplicada. Eu fazia todas as peças artísticas da escola. Sempre envolvida. Eu nunca reprovei e nunca fiquei em recuperação na minha vida.

Me formei no ensino médio e fiz o técnico em contabilidade junto aos 18 anos. E na minha formatura fui de longo. Na hora de entregar o diploma pedi que o diretor me chamasse de Brenda e ele fez. Fui aplaudida pelo colégio todo e foi muito emocionante.

Isso tudo foi por imposição minha e pela minha força e fé. Quando tinha 14 anos a igreja católica não me aceitava mais, pois eu já me transformara e eu era coroinha até os 12 anos. Depois disso não pude mais.

Uma outra tentativa da minha família era arrumar uma namorada e eu decidi que queria estudar para Padre, porque eu não queria mulher. Bem depois de tentar entrar no Seminário e não ser aceita tentei ser evangélica, mas teria que me transformar e vi que também não iria dar certo. Bem como isso não me aceitavam entrei para Umbanda na época e fui respeitada como mulher.sou da umbanda e depois fui para o Candomblé. Fui respeitada como espírito e não como matéria.

Depois que me formei foi uma luta para conseguir emprego, pois ninguém queria me dar emprego. Diziam que era por conta da clientela e que não dava. Na época não era assim. Passei numa empresa frigorífica, mas a assistente social da empresa disse que eu não poderia trabalhar lá porque não tinha banheiro para mim.

O único jeito foi fazer concurso público. Na época a minha cidade abriu concurso para agente comunitário de saúde. Fiz e passei. Ganhava salário mínimo e comecei a fazer minha faculdade a distância porque era o meu sonho, fazer faculdade e como era longe de Curitiba ficava impossível ganhando pouco. Na federal nem ia tentar porque sempre estudei em escola pública e não tinha como pagar cursinho. Nem tentei. Consegui fazer a distância Licenciatura em matemática e depois fui fazer Teologia porque era uma paixão minha e era mais barato. Depois fiz Pós em psicopedagogia. sempre gostei de humanas e exatas juntas. Em 2003 fiz o concurso para técnico Administrativo da Secretaria de educação do Estado e passei. Assumi e trabalhei cinco anos na secretaria de escola. Em 2007 fiz concurso para o magistério e passei também. Assumi numa escola de Curitiba em 2011 e dei aula ate 2012 quando fui compor o quadro da Secretaria.

E como foi a escola neste período?

Eu já era uma mulher e eu consegui ficar numa das escolas que eu era secretária. Eu trabalhava em três escolas. Uma delas era essa. Eu era aquela pessoa que organizava todos os eventos da escola, festa junina, apresentações... tudo que acontecia. Os alunos me conheciam e sabiam da minha situação e todos me respeitavam muito, mais do que os colegas heterossexuais.

Na mesma escola havia um professor afeminado e os alunos não respeitavam ele chamando ele de gay e tudo mais mas eu não era ofendida, nunca fui! A transexual que poderia receber chacota ou ofensa nunca foi ofendida assim como nas outras duas escolas. Cheguei e me apresentei. Meu nome é Brenda eu sou transexual, não sou hermafrodita. Transexualidade é isso! A partir do momento que eu me apresentava nossa, mudava tudo. Eles vinham me cumprimentar outros ficavam emocionados com meu depoimento. Foram turmas muito boas.

Em 2011 eu peguei uma turma de oitava série muito difícil, tinha 50 alunos. Eles eram pirados, mas eu consegui dar conta, no final fui paraninfa da turma. (risos)

E como era a relação dos outros professores contigo?

Então eu me impus diante de uma sociedade e dei a cara à tapa. Claro que assim como todo mundo os professores buscam aquela heteronormatividade. E obviamente eu me apresentava como mulher heteronormativa. Eu não estava fazendo nada que deixasse a desejar assim como eu os respeitava. Foi um coleguismo, mas sempre tinha aquela coisa de que eles (colegas) eram mais do que eu. Eu percebia que eles se sentiam melhores e não era igualitária a relação. Não ficava explicito, mas tinha aquele preconceito velado, tanto que me candidatei para diretora no final de 2011 porque eu queria mudar a escola. Daí eu consegui a grande maioria dos votos dos alunos e dos pais da comunidade. Uma comunidade bem simples, uma favela. Eram quatro candidatos. Somando as notas dos outros três candidatos não dava minha nota. Fui bem pontuada. Mas os votos dos professores que tinha maior peso, só tive cinco votos de um total de 38. Então eu percebi que para ser professora, colega ou até amiga eu servia, mas como diretora não acreditaram na minha capacidade. Talvez esse preconceito velado por medo que eu iria fazer “o show da Xuxa”; só festas. Que eu fosse chamar as travestis do bairro que eu conhecia. Eu conhecia todo mundo e houve um medo de que os LGBT invadissem a escola.



Eu dei aula um ano nessas escolas e fui madrinha de turma. E o tempo em que eu fui secretária da escola eu era paraninfa de turma. Dei aula num curso técnico de Contabilidade a noite em uma das escolas e também fui paraninfa naquele ano.

Bem como eu perdi a eleição no final de 2011 eu tinha conhecido a coordenadora da Diversidade da Secretaria de Educação, Dayane Brunetto e ela me convidou para trabalhar em Curitiba, na equipe. Mudei para Curitiba e desde fevereiro de 2012 estou na Secretaria de educação.

Eu atualmente dou aula no Instituto Federal do Paraná, lecionando a disciplina de matemática financeira. Fiz um processo seletivo e entrei.

Foi muito tranquilo iniciar um trabalho lá. Acho que por eles nunca terem tido contato de uma professora trans.

E você continua na religião?

Então em 2010 e conheci o Candomblé e me apaixonei pela vertente de matriz africana. Eu conhecia a Umbanda, mas era diferente lidava com a linha branca de preto velho e caboclos. Já o candomblé tinha os Orixás, nossas divindades e comecei a estudar mais sobre isso. Conheci minha mãe de santo, uma pessoa culta. Fiz minha iniciação ao Candomblé. Bem eu abri mão do meu cabelo comprido, uma das nossas maiores vaidades, para iniciar o culto africanista, por acreditar que isso seria muito mais importante que minha própria vaidade. Eu pretendo mais tarde ser uma mãe de santo, ter meus filhos de santo, já que não pretendo ter filhos de sangue.

E a família como é hoje tua relação com ela?

Como eu não fui extravagante e não chamativa, sou respeitada até hoje. No início eu via minha mãe chorando pelos cantos, por tudo, talvez se questionando onde errou. Mas depois ela começou a me defender. Hoje me chama de Brenda assim como meu pai. Eles são separados hoje.

Eu tive uma irmã do segundo casamento do meu pai que faleceu a pouco tempo.

Tu tens contato com outras professoras trans?

Sim eu conheço a Andreia e a Laisa que é diretora de uma escola em São José dos Pinhais. Já trocamos figurinhas.

E sobre Homofobia isso era falado quando você deu aula?

Sim no primeiro dia de aula eu começava falando de respeito. Logo em seguida falava de homofobia, preconceito e tudo mais. Uma aula em geral. Mas sempre que surgiam dúvidas eles tinham segurança para perguntar e quando uns ofendiam os outros eu confrontava com o agressor questionando se chamando o outro de bichinha era certo/ era um xingamento/ o que era? Eu fazia o agressor se dar conta que eu também estava ali. E eu também não aceitava isso não, eu partia para o confronto de perguntas e falas que esgotavam as possibilidades dele se defender. Ou seja, eu comprava a briga. Eu sei que os alunos que eu tive hoje são pessoas diferentes, prontos para a sociedade. Amadureceram e aprenderam com a professora trans alguns valores de vida, mesmo sendo na disciplina de matemática.

E tu lembra algum caso de homofobia que tu viveu?

Bem o que ficou marcado como homofobia foi no segundo ano do ensino médio que os meninos da sala, tinha um entre outros que era o líder deste grupo, convenceu os outros a fazer uma volta em torno de mim e começaram a me chutar, jogar bola de papel. Isso foi horrível que eu fiquei um mês sem voltar a escola. Não queria voltar até que uma professora fez um trabalho com a turma e

foram até lá em casa atrás de mim. Diziam que eu tinha que voltar. A minha mãe estava desesperada porque eu havia abandonado a escola. Quando voltei percebi a escola diferente. Os alunos haviam mudado a ponto do mesmo grupo que me agrediu fazer amizade comigo. Dali em diante eu ganhei amigos homens. Foi incrível.

Acho importante hoje um grupo de professores trans unidos, até porque nós temos outra posição que é a educação. O movimento social busca outras questões. Nós temos que mostrar que somos inteligentes e que não estamos só na condição de transexual ou travesti mas de professoras, inteligentes e que podem ajudar a transformar este mundo .

Quando tu assumiu tua identidade com teu nome?

Aos 14 anos eu me assumi Brenda Ferrari da Silva .

Mais alguma coisa para acrescentar?

Bem o que acho interessante dizer que eu só consegui chegar até onde cheguei foi porque eu tive professores sensíveis que permitiram a minha permanência na escola, diretora que me auxiliou.

Eu consegui escapar da marginalização e da rua porque tive pessoas sensíveis a minha vida. Hoje eu sei que isso foi uma particularidade minha, pois ouvindo as meninas falarem, elas não tiveram a mesma sorte. É isso.

## Registro da entrevista de nº 5: Carla Silva

Eu escrevi o meu relato para facilitar o tempo da minha fala. Correção sobre o tema que seria transexualidade e travestilidade. Então vou ler meu relato:

A minha infância foi um transtorno em reconhecer minha identidade de gênero. Tenho 34 anos e há 30 anos eu já me sentia como mulher. Não me descrevia como transexual, pois desconhecia o tema. Com 12 anos de idade passei a aflorar meus desejos femininos sendo que haviam coisas que caracterizavam e determinavam que eu seria uma mulher. Era a forma que eu fazia xixi, pois em subia na tampa e fazia xixi sentada. Minha mãe me batia e dizia homem faz xixi em pé. Vejam que cultura estamos inseridas, uma cultura padronizada, homem com a cultura de homem, mulher com a cultura de mulher .e alguém que foge de uma delas já são transtornados.

A partir dos 12 anos comecei a ver quem eu era, mesmo com a cultura da minha mãe, homem ao agir, mas mulher ao sentir. Afirmava para ela que era homem, mas lá fora eu era mulher. Aos 18 anos me transformei sendo uma fase nova na minha vida. Já tinha curso normal de formação de professores no qual me formei no Instituto Superior de Educação, do Rio de Janeiro no ensino médio e já me sustentava com minha profissão de professora. Não seria a minha identidade de gênero que me impediria de ser professora então passei a lecionar e fiz faculdade de pedagogia.

Tive muitas dificuldades com os professores naquele período. A questão que eu era mulher e queria ser chamada da forma feminina. Da forma de mulher. Impunha que me chamassem daquele jeito, pois isso me fazia bem.

Quando me chamavam pelo nome masculino fazia de conta que nem era comigo. Tentando fazê-los entender que eu era uma pessoa e mereço respeito. A questão respeito é muito complexa. Se eu quero respeito se dê respeito também. Respeite a minha cultura e eu respeito também, respeite o sexo, a religião, política, raça, respeite a minha questão para serem respeitados também. O que quero colocar aqui para vocês como dizem que a educação é direitos de todos. Será que ela é direito de todos mesmo? será que nós transexuais e travestis somos consideradas cidadãs de direitos? Ou será que somos consideradas as marginalizadas, as prostitutas, né? Como sempre é estampada na mídia. Como a gente vê e não garantindo a escola para travesti, para transexual. É uma tarefa muito difícil e quando me coloco aqui peço uma reflexão de todas nós aqui. Em relação a este grupo... Realmente é marginalizado. A lei diz que é direito de todos e nós não estamos incluídas nesse direito e é mais um motivo para avançarmos nas discussões principalmente aqui dentro da rede trans educ através da educação, do ato de educar, mostrar que realmente nós somos e que realmente nós estamos preparadas para luta. Não fugir dela. Às vezes não podemos nos identificar. Isso é muito pessoal de cada uma, como a gente vê na identidade de gênero. Por uma questão de respeito eu respeito a fulana e ela me respeita.. eu quero então com essa reflexão levar este ato de educar para nossas instituições. Eu falo de mim mesma. Quando eu comecei a trabalhar no Sesi. Foi minha primeira empresa no contexto de educação. Eu ainda era homem e me vestia de mulher eu ainda não tinha assumido minha identidade para as pessoas lá, no caso os profissionais de lá. Eles não entendiam eu era uma coisa, uma sapatona, e estava mudando mas eu tinha que vestir roupas masculinas pois minha mãe não podia saber, ao mesmo tempo eu estava me hormonizando. Eu tive os enfrentamentos como todas nós tivemos nossos enfrentamentos e foi ali que se deu o momento da explosão... eu resolvi me assumir e estávamos discutindo aqui sobre identidades. Acredito que cada uma tem sua hora e foi neste momento que

me abri e disse chega... eu não posso mais me esconder.todos estão percebendo que estou me transformando e ficavam cochichando e eu percebia aquilo. Sabe o que eu fiz?

Eu comprei uma roupa mais feminina... uma calça super justa a blusa mais linda que tinha cheia de brilhante lá cheguei eu. Ficaram me olhando... dai eu falei.... a partir de hoje meu nome é Carla olhei para todo mundo e repeti a partir de hoje meu nome é Carla!

E ai a reação das pessoas... elas ficaram atônitas e começaram a dizer é um absurdo, ela ficou louca, ela tava de um jeito agora ta de outro...foi o meu momento, mesmo que na minha infância eu me identificava como mulher mas não sabia o conceito de travestilidade mas eu queria me libertar pois me sentia prisioneira como todas nós, sentíamos na nossa infância, prisioneiras dentro da caixinha e gostaria de fugir dela. Eu tive a oportunidade de fugir, mas tive que enfrentar o que a realidade tem.

A empresa foi muito sensível, o setor de RH me chamou para conversar e a gerente do Sesi disse: “Carla! Não é isso?” eu disse é. “Então a partir de hoje você vai ser chamada de Carla!”disse a gerente do RH. “Porque todos nós temos que respeitar a identidade de gênero de cada um” continuou a gerente. Parecia que ela já sabia sobre identidade de gênero. Isso tem mais de 8 anos. E ela ainda complementou dizendo: “Se você tiver algum problema, com qualquer profissional aqui dentro, você me reporte que vamos resolver aqui dentro mesmo. Foi uma coisa de sorte para mim, mas também precisamos conquistar espaços. Se eu não tivesse conquistado o espaço as pessoas não entenderiam eu acho. Mas era o meu momento.Você tem sua vida profissional mas a pessoal também. Naquele momento eu estava resolvendo o meu problema pessoal com a minha identidade.

Graças a Deus eu consegui, mas e na sala de aula a realidade com os alunos é outra. Eram pessoas adultas, já carregam suas culturas, suas experiências, seus preconceitos, que tem suas realidades e ai como conquistar essas pessoas e dizer para elas que você não é mais aquela pessoa e que agora é Carla.

Para eles também foi muito difícil. Eu comecei a trabalhar a questão da diversidade embutindo alguns temas leves no grupo, mostrei alguns filmes que tinham transexuais masculinos. Depois do filme começamos a conversar e se posicionar. Depois comecei a provocar com algumas questões do tipo se uma pessoa é assim como você lidaria com essa questão? Se na sua casa tivesse alguém assim o que vocês fariam? E ai fui trazendo esses espaços e conquistando o grupo, sensibilizando eles e a comunidade, pois essa comunidade é a mesma que moro e preciso sensibilizar essa comunidade. A única estratégia de trazê-los e viver a minha realidade, pois graças a Deus, as experiências que tenho e tive foi graças aos meus alunos. Então refletindo um pouco este ato de educar como levaremos estes temas para escola. Sabemos que já há marginalização em discutir os temas em relação aos LGBT, pois os pais dizem que queremos formar gays, bissexuais, travestis e não é isso. Temos que sensibilizá-los para atingir os objetivos e continuar na busca de soluções para resolver nossos problemas porque temos problemas quanto a isso e como trilhar este caminho na certeza de encontrar a saída e ajudar pessoas que sofrem como a gente. Eu descobri alunos que sofriam com o transtorno de identidade de gênero e ai comecei a ajudá-los, assim como eu gostaria que lá na minha infância, houvesse alguém que pudesse me orientar e explicar o que acontecia comigo, pois só encontrei na fase adulta e não tenho vergonha de dizer isso. Hoje eu tenho 34 anos e só aos 18 anos eu encontrei ajuda. É esse o meu relato de vivência dentro da educação.

Para complementar: o Sesi imediatamente mudou meu crachá na época.

Registro da entrevista de nº 6: Sayonara Nogueira

Marina: Na verdade meu trabalho é dialogar um pouco com as professoras Trans. E procuro analisar as histórias. Minha ideia são relatos de vida e profissionais destas professoras do gênero feminino. E eu gostaria que tu contasse um pouco pra mim então tua história:

Sayonara: Eu descobri ser diferente com 7/8 anos de idade. Eu já percebia que não era normal. A minha convivência com os colegas de infância. Com os primos eu não queria brincar e sim com as primas e meninas do bairro... queria brincar com elas.então foi nessa fase que fui percebendo também Eu lembro que na época tinha o Clube Chacrinha e eu era vidrada com aquilo. Eu tinha o cabelo curto mas eu amarrava uma toalha no cabelo botava o tamanco da minha mãe e ficava dançando na frente da televisão, imitando as chacretes e tinha o clube do Bolinha eu imitava as boletes... Eu lembro que um dia minha mãe chegou do trabalho e me viu toda pintada e com a toalha amarrada no cabelo foi aquele espancamento. Fui espancanda.Os pais e principalmente a mãe queria um filho Homem né e para mim era muito mais complicado pois eu era uma filha adotiva e eu fui adotada por um casal de senhores que minha mãe já tinha cinquenta anos. Eles já tinham quatro filhos biológicos e resolveram adotar um menino. O pai já tinha quase sessenta anos. Eu fui adotada com três meses de idade. meus irmãos já eram todos casados, todos policiais militares então você imagina o choque que foi .além de ajudar a pessoa que me entregou na porta, eles resolveram adotar pois já estavam se sentindo sozinhos. Eu lembro também que quando eu tinha 13/14 anos de idade eles falavam assim que se eu fosse eu deveria ser discreta para não sujar o nome da família, pois era uma família bem conhecida na cidade. Meu pai era comerciante e todo mundo sabia quem era o Nogueira na cidade.

Mesmo assim eu chutei o balde, não adiantou, comecei a frequentar o mundo gay, quando menor já me assumia mas não para eles (pais).Eles me cobravam “ah você não arruma namorada”! Eu respondia “eu quero estudar, se eu arrumar namorada, ela vai me atrapalhar, ela poderá engravidar e vai me atrapalhar, vou ter que construir família e não quero agora”.

Bem daí chegou uma hora que não deu mais para aguentar, pois tinha meu primeiro namorado e dentro do mundo gay eu me identifiquei logo com as travestis porque esse termo transexual nem existia. Na verdade nem o termo travesti era usado no mundo gay. Com 16 anos eu tinha um cabelo cumprido pela cintura e uma travesti disse é uma boneca nova. A gente se identificava como boneca. A gente não usava este termo travesti e transexual. Mas eu percebi que era muito marginalizado quando a policia chegava nos inferninhos de Uberlândia para fazer uma batida, eles iam em cima delas das travestis, deixavam as lésbicas e gays e pegavam as travestis.

Dai eu vi que isso era muito marginalizado e interiorizei isso. Eu pensava sou mas deixa quieto, a hora que eu conseguir minha independência, minha instabilidade..mas assim com a Família foi tranquilo nem com meus irmãos houve aquele choque,toda mãe vai chocar... o pai vai chocar. Foi um choque que durou 24 horas, todo mundo chorou mas no outro dia eu continuava sendo o filho.

Eu esperei a maioria tinha 18 anos, o bairro todo sabia, todo mundo sabia, só os pais que não sabiam. Tinha calça bailarina, eu ia para escola com calça bailarina.

Como foi na escola?

Até o ensino médio foi tranquilo. Nenhuma lembrança triste e de preconceito. Eu sempre fui bem tratada tanto no ensino fundamental quanto no médio. Até porque eu tinha uns namoradinhos na escola,escondido é claro, então eu não tive problemas. Eu fui sentir na pele o preconceito quando entrei na Faculdade. Já tomava hormônio, já tomava Perlutã, cabelo grande eu andava meio

andrógeno, misturava roupas femininas e masculinas. E as pessoas ficavam tentando entender o que era aquilo.

Quando falo todas passam por processos de mudanças quando começam a tomar os hormônios indicados por outras travestis. Acaba sendo um ciclo de aprendizagem porque é com as outras travestis que aprendemos o hormônio certo que devemos usar... eu aprendi com as outras, com a verdadeira pedagogia do salto alto, como o teu título mesmo diz.

Você lembra de algum caso na universidade?

Sim. Lembro de uma cena quando eu estava no terceiro período do curso de Geografia e tinha uma disciplina chamada Cartografia. A gente trabalha com Mapas. Eram mesas grandes na sala e eram quatro pessoas em cada mesa. Para podermos elaborar mapas o professor chegava na sala e fazia sorteio de quem trabalharia em cada mesa. Ele determinava assim. E quando ele fez sorteio os três rapazes levantaram e disseram para o professor que não ficariam naquela mesa porque eu era gay e tinham as meninas na volta que poderiam pensar que eles estariam envolvidos comigo.

Eu era nota dez na faculdade. Nas disciplinas minhas notas eram as maiores. Muitas vezes eles até queriam fazer trabalhos comigo, mas eles tinham medo do que os outros iriam pensar.

Você lembra de algum aspecto positivo na faculdade?

O preconceito continuou e eu tive muitos problemas com as mulheres, além dos homens, tive muitos problemas com as alunas, na faculdade de educação, no curso de geografia. Depois voltei e cursei algumas disciplinas no curso de História para dar aula de História, e fiz Pós-graduação em Metodologia em Técnicas de Pesquisa. Em Uberlândia eu montei uma Consultoria Acadêmica, pois como o salário de professora é muito pouco, o que eu faço- eu oriento monografias pois muitas pessoas tem dificuldades de escrita por que muitas vezes os professores não orientam né (risadas) eles desorientam. Então as pessoas me contratam e algumas faculdades particulares já me indicam. Desenvolvo este trabalho a noite, pois tenho quarenta horas no estado em dois cargos.

Então você entrou Transexual na Universidade? Sim.

Quando eu fui fazer estágio eu tive que mudar muitas coisas. Deixei a barba crescer, amarrei meu cabelo e colocava por dentro da blusa. Peguei uma pastinha e fui bater numa escola. Só que eu fui esperta bati na escola onde eu tinha estudado. Quando eu cheguei na escola fui bem recebida e a diretora disse que eu tinha sido um excelente aluno. Eu já era hormonizada e eu amarrava os peitos e colocava roupas muito largas. Passava despercebida e fiz meu estágio tranquila. Na época eles gostaram tanto do meu trabalho que resolveram me contratar, pois o professor saiu de licença.

Aqui no estado de Minas tem a designação que é uma contratação temporária. Mas designado não tem estabilidade. Isso foi em 1999.

Bem depois eu peguei um outro contrato em uma escola super rígida. Recebi 6 turmas de quinta série (antiga) e era um projeto Acertando o passo. Era um projeto a noite onde a diretora ficava na porta da escola recolhendo os bonés e brincos dos homens. Eram homens de 20/30 anos e tinha que empurrar lá para oitava série. Eu já saía armada de casa. Sem brinco sem nada. Mas qualquer coisa eu me atracava com ela. Mas ela gostou muito do meu trabalho. Eu sempre fui muito competente no meu trabalho modesta parte. A mudança do meu corpo foi efetivada

quando eu fiquei estabilizada no estado. Quando saiu no diário oficial em julho. Eu voltei em agosto já com a prótese de peito. Tomei posse em 2006.

Neste tempo que fui resignada dei aula em 22 escolas nos contratos até sair minha posse e eu escolher uma escola perto da minha casa.

Cheguei mulher, foi aquele choque. O aluno te acolhe e vê como mulher né. Parece que ele se ajusta as situações. Isso a gente deve muito a internet e a mídia né. Agora professor do estado se formou a 20/30 anos atrás e parou no tempo. O mundo dele é aquele ali, a casa dele e a sala de aula e não busca nada além disso. Ai começa as retaliações. Te chamam pelo registro civil, insiste em chamar você assim. As direções de escola também. Se você não dá um basta e não te atraca você vai ser sempre assim desrespeitada. A última pessoa que fez isso comigo eu chamei a polícia e fiz um boletim de ocorrência e levei ela para Justiça. Uma inspetora de escola...

Eu fiquei excedente numa escola por fechamento de turmas. Eu peguei e fui para outra escola. A inspetora da escola disse a diretora que queria falar comigo. Ela é a chefe imediata da escola. Dai ela me falou que eu era professora de história, mas para o departamento humano você é Marcos! Eu disse tudo bem desde que seja nos recursos humanos. Sei das questões trabalhistas e tal e não vou criar casos até porque sou muito compreensiva quanto a isso e sei também deverei assinar no livro ponto meu nome civil até porque não mudei ainda em função da minha cirurgia. Quero trocar tudo junto. Não quero me chamar Sayonara Marcos. Dai eu disse a inspetora:

“Sei que no livro-ponto tudo certo até porque questões legais de aposentadoria e tal, mas na porta da sala eu não vou aceitar.” Aqui em Minas tem uma regra de contar aluno todo mês porque eles fecham turma e abrem turma conforme o número de alunos... então a inspetora chegava na porta da sala e dizia “professor posso fazer a contagem de alunos?”

Você já faz todo um trabalho de respeito e de construção do sujeito e dai essa pessoa parece que faz para provocar então eu acionei em Belo Horizonte. A promotoria desceu lá em Uberlândia e a coisa pegou fogo. Ela teve que acatar meu nome social. Mas agora tem a resolução do SEPLAC.

Ela Também foi transferida para outra escola até porque além de tudo ela era resignada. Nunca mais soube nada dela. Além de tudo era designada(risadas).

Como você disse com os alunos é diferente? Como assim?

São situações diferentes né. Eu tive um ou dois casos de alunos que tentaram me humilhar e me afrontar, mas eram alunos ligados a religião evangélica .

E como foi isso?

São duas realidades. Uma escola é de periferia e outra na região central. Na periferia o aluno te acolhe melhor. Por que você vê que os problemas que você enfrenta ele também enfrenta por ser pobre, negro, pai traficante, presos. Então o acolhimento é melhor, já o aluno do centro da cidade é mais preconceituoso. A classe média alta é mais preconceituosa. Ela se acha a classe dominante. Eles têm mais orientação eles pagam cursos a tarde e tal, mas mesmo assim eu não sofro retaliações.

O foco principal é os professores, porque os pais me convidam para churrasco, festas. Eles me entregam os alunos na frente de casa como uma babá, me levam para passar a tarde no shopping com os meus alunos e eles têm uma confiança muito grande em mim. Eu tenho uma relação de amizade com meus alunos.

E você não quer que eu coloque nome fictício na entrevista?

É eu não quero porque com nome fictício não dá visibilidade ao movimento e a nossa causa. Assim quero poder ajudar as outras que não conseguem assumir sua identidade. Travesti e Transexual não é só na margem da rua, pode ocupar outros espaços pode ser um policial; uma professora; um bombeiro;

Você falou sobre a prostituição?

Sim eu cheguei a ir para rua. Eu estava fazendo cursinho pré-vestibular para entrar na faculdade. Dai eu fui para rua com um grupo que havia chegado da europa e estavam em Uberlândia. Conheci elas antes de irem para a Europa... foi logo que deu aquele bum e todas se jogaram na Itália. Mas quando elas voltaram eu fui junto para rua. Lembro que apanhei, outra vez entrei num carro com um rapaz muito bonito mesmo e fico pela beleza acabei fazendo boiação (de graça) e se eu fosse ganhar dinheiro na rua eu iria passar fome. Fiquei só um mês e na hora que eu vi que não ia dar conta, quando eu apanhei na sexta, domingo eu voltei para rua domingo o cliente fez o programa e me deixou na rodovia abandonada. Presenciei muita violência de travestis e de clientes. O cliente está na rua com uma mercadoria (porque infelizmente você é uma mercadoria) e depois de fazer o programa ele não paga ela tem o direito de reivindicar os direitos.

Quando eu disse que não dei conta de trabalhar na rua foi porque vi que eu precisava me profissionalizar, mas eu não queria ter a profissão do gay como cabeleireiro, maquiador, decorador ou artista plástico isso eu não queria. Mas eu tinha que escolher uma profissão que ficasse intermediada. A professora era uma profissão ligada a maternidade. Eu não fiz magistério, mas eu lembro que em Minas nas escolas de magistério não haviam meninos. Só tinham meninas no magistério. Mesmo assim me deu aquele estalo na cabeça “a professora é uma profissão mais ligada ao universo feminino.

Você disse que sua militância é na sala de aula? Como isso acontece?

Bem quanto a militância eu ainda estou engatinhando né principalmente no segmento travesti comecei a militar depois que eu te conheci (referindo -se a entrevistadora). Antes disso eu não fazia essa militância aberta. Então eu fazia um trabalho na sala de aula que era de inclusão como professora trans. Dentro da geografia que fazia um gancho com uma geografia humana as tribos, as comunidades contemporâneas e modernas, e conseqüentemente, as questões de gênero dos índios, dos negros e de todos os grupos sociais marginalizados. Então levantava minha bandeira mas com uma questão de respeito. Eles não precisavam aceitar mas teriam que respeitar!..eu deixava bem claro para os alunos : você pensa o que você quiser mas você não fala o que você quer porque se você falar você vai responder por isso. Então eu deixava eles bem cientes e dizia cuidado com o que você fala. Isso eu deixo bem claro.

Dentro da militância uma ONG me chamou o CHAMA ela é LGBT mas ela é LGB porque não tinha representação Trans. Então eles tem um estatuto que dizia que teria que ter representação de trans dentro da ong. Mas eu percebi que minha presença era só para assinar os documentos. As reuniões eram marcadas quando eu estava no trabalho. Quem recebia as verbas do governo era o presidente. Eu recebo salário do meu trabalho. É impossível eu receber salário e não ir ao trabalho por conta de reunião de Ong. Então eu pedia marcar reunião em outros horários, mas não fui atendida. Bem este ano então eu fui convidada a ser candidata a vereadora, pois o partido acha que eu posso ser eleita, por ter uma boa aceitação na comunidade. O meu partido era PSB. O presidente da Ong saiu como pré candidato a vereador também. Por conta disso fizeram uma reunião na Ong e me tiraram por ser candidata. Bem diante disso eu me questionei que papel a



Ong teve para mim? Nenhuma. Teve o Entlaids no ano passado né. Eles foram (ONG). Eu não fui. Quem tinha que ir era eu por representar as TT's. No entanto não fui convidada. Então o primeiro movimento que participei efetivamente foi a II Conferência estadual LGBT. Mesmo assim eu fui porque me candidatei como representante do poder público e ganhei e fui a mais votada e sai como delegada para a conferência nacional representando o poder público.

E como vai ser a vereadora Sayonara?

Bem os meus projetos serão todos de inclusão social. Bem eu vou trabalhar em prol do movimento principalmente o de TT. Porque nós, nessa sigla que criaram, estamos na linha de frente. Quem sofre mais e leva porrada na cara somos nós. E sendo uma carcaça feminina mas sendo do sexo diferente isso choca mais. Isso ainda choca mais. Dentro do movimento travesti a vereadora quer trabalhar a profissionalização para que elas vejam que não é só na rua que elas vão ganhar dinheiro. Pode ser uma assistente social, médica, professora... porque existem outras profissionais e o mercado de trabalho acolhe mesmo tendo preconceito. Basta você mostrar profissionalismo.

A partir do momento que ela se especializa o mercado de trabalho acolhe sim. Nós estamos no século XXI é um mundo globalizado, não é só retrocesso não. Muita coisa já foi conquistada, a gente esta hoje onde não estaríamos se não houvesse essas conquistas.. não sei as outras localidades mas na cidade tem duas empresas grandes de telemarketing que tem várias funcionárias travestis.

Para encerrar eu espero que o que esta acontecendo aqui hoje, este encontro de professoras transexuais e travestis não fique no virtual. Porque eu estou cansada de me sentir sozinha e essa rede pode nos ajudar na prática a dar um amparo até em termos legais, pois eu me sinto muito só e desprotegida. Às vezes estou a margem e a qualquer momento pode estourar tudo. Fico apreensiva, pois lá eu me sinto sozinha. O movimento trans é novo na cidade e agora não tem como fazer parcerias, pois as posturas terão que ser mudadas. Tudo que acontece tem que ter uma postura adequada e não é na base da porrada que você vai conquistar as coisas e meu espaço. Bater peito se bate dentro da boate não dentro de uma secretaria ou na prefeitura. Tem o lugar certo. Eu sou criticada por ter um discurso heteronormativo. Mas não é isso. São regras e valores que eu fui criada.

Você se vê como pesquisadora ou não?

Ainda me vejo como objeto de pesquisa e sei que isso que estou fazendo poderá contribuir para uma sociedade melhor. Nunca me interessei muito pela pesquisa, mas gosto de participar. Faço questão. Quando eu participei de outra entrevista de um aluno do Doutorado me chamou atenção que ao reenviar a entrevista meu nome não aparecia, pois tinha outro nome... eu questionei ele porque meu nome Sayonara não aparecia e foi então que comecei a reivindicar o nome por uma questão de visibilidade. Nós temos que aparecer enquanto Marina, Sayonara, Adriana...

Muito obrigada, Sayonara.

## Anexo 6: CONVERSA COMO DR RUI PORTANOVA TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL

*Na conversa com o Dr Rui teve a participação do Leonardo que é assessor da sala*

Rui: Nós nunca tivemos uma cota de transexuais que já vieram aqui né Leonardo?

Continua Rui falando:

Tu sabe que é essa ideia que me passa. Primeiro como ser humano. Entender a questão da sexualidade é uma questão íntima da particularidade que ninguém tem que se meter... que eu não tenho o direito se quer de interferir como ser humano na tua questão mas tenho o dever de além de respeitar e ser solidário a tua situação. Agora tu imagines a situação do juiz, ou seja, saber o que a lei vai dizer. E a lei não vai dar conta da intimidade das pessoas. Na ideia que eu penso o que me pedirem eu dou, faço tudo para dar o pedido que é feito aqui. Porque essa particularidade de acertar registralmente ou fisicamente a sua vocação, porque não é opção, é uma orientação sexual na perspectiva jurídica sem duvida as pessoas resolvem isso para a suas felicidades. Eu sempre que tem essas discussões assim como o fato dos homossexuais casarem ou não, eu sou completamente a favor, mesmo eu que sou contra o casamento porque já é uma instituição falida mesmo, mas, quer casar , bota como luta o direito dos homossexuais. Tem um avanço na questão..

Aqui na questão do que esta pedindo eu dou. No caso da travesti que pediu a troca do nome e do sexo sem a cirurgia. Ela estava com o namorado e tal. Chamei ela aqui, pois estava confuso se ela era travesti ou transexual até para ela em alguns momentos se denominava transexual e outro momento travesti. Na verdade Lea estava me enganando, mas tudo bem, ela tinha todo o direito como pessoa.

Teu ficou muito próximo de Mario para Marina. O interessante que foi uma ação coletiva.

Expliquei como foi a ação conjunta....

Continuando a fala do Dr. Rui... sabes que era interessante você falar com o Juiz nascimento que assinou a sentença de vocês porque este cara é interessante pois ele mudou bastante porque ele negava tudo o que era pedido para ele. Eu não sei se ele aceitou por aceitar. Porque ele não quer ser desembargador... sabe e eu tenho uma dúvida porque ele não quer ser reformado. Reformado é estar lá e vem para cá. A ação da Marcelly eu disse para ela entra com o processo e espera o dia que eu estiver de plantão eu assino.

Conversando também com o Leonardo assessor do Dr. Rui (tb expliquei sobre a ação)

Dai chegou mais um assessor Diego. Foi troca a cuia, pois eles secam as cuias nas janelas

Ele analisou a minha sentença....

Expliquei o caso da Adriana Lohanna que o juiz deu a sentença com alteração do sexo também antes da cirurgia... tu tens que me explicar...ela nasceu com pênis....

O que acontece é que houve uma divisão de pedidos. Enquanto tu não faz a cirurgia é uma coisa que tu pede. Altera se os dados registraes e se ela pedir a cirurgia via judiciário ela ganha também porque o que interessa para o juiz é saber bem ela já é assim ela já esta registrada então a questão física é pessoal faz ou não faz.

Não tem sentido fazer a cirurgia ela pode ficar na questão pessoal agora este caso da Adriana.

Bem o que tem que ficar claro é que tu vem para o judiciário quando tu tens uma discordância por exemplo que ela queira fazer a cirurgia e não tem dinheiro. Dai nós vamos autorizar a cirurgia, mas entra no processo igual ao que temos aqui no Clínicas que fica 2 anos. Se tu roda depois de 2 anos tu não faz a cirurgia. Uma vez eu fui falar com uma moça lá do SUS e ela disse nós fizemos isso de 2 anos para ver se ela não é travesti. Eu respondi que bobagem... o medico fica no direito de julgar se você vai ser feliz com o pau sem o pau. Então na verdade no primeiro momento essa pessoa se tivesse recurso poderia chegar no medico e dizer olha doutor eu sou mulher tenho um pau e quero tirar. O medico não estaria cometendo erro. Ou pode acontecer é que ela reprove na avaliação do SUS e então ela entra no judiciário e pedir uma cirurgia. Aqueles outros pedidos que o judiciário tem de outras cirurgias. Mas dado o caso que é uma adequação a situação de identidade conforme o sexo. É o inverso que as pessoas fazem, mas é uma questão.

E o senhor entende como doença a transexualidade, como esta no CID?

Já disse que era porque era para passar. Nós tivemos um caso aqui que a pessoa trocou de nome e não trocou de sexo e era loira. Ela veio aqui lá de Veranópolis. O que eu fiz... eu pedi vistas no processo porque eu não era o relator e dai falei com ela e falei com o pessoal do hospital de Clínicas. E não tinha dúvida que ela iria fazer a cirurgia então segurei o processo até que ela fez a cirurgia. Existe um código que a um fato novo no processo o juiz deve acolher a situação e pode esperar (artigo 462 no Código Penal)

Mas ele errou aqui... pedi para o pessoal da SAJU recorrer da sentença.... Tá mas ele negou porque tu não tem cirurgia.

Tu deverá recorrer dessa sentença... aqui....

A questão da mudança do nome sem a cirurgia era a questão reticente aqui porque isso vinha com uma certa tranquilidade e o avanço que teve foi este que mudava o nome e o sexo sem a realização da cirurgia. Foi o caso da menina de Caxias do Sul.

Eu estava achando muito ele ter dado tudo isso... eu estava até desconfiado. A pior coisa que pode acontecer é tu perder.

Continua a questão do nome social com o perfil e aparência de mulher...

O nome não gera problemas, mas o gênero altera tudo inclusive os benefícios ...

O que o senhor acha da carteira do nome social?

Eu vou te dizer a minha resistência em relação a isso. Tá agora nós trocamos o nome o sexo mas vamos colocar uma observação lá abaixo... olha registro conforme o processo tal tal...

Vá que tu engane o cara.. Essa carteira é uma identificação de um passado que é falecido...eu aqui pedindo para não averbar mais nos registros... e aqui é um cadastro de dizer bem tu era assim agora tu é isso entende... no dia lá estava todo o movimento e é óbvio que eu não ia dar contra porque todo mundo estava dizendo que era bom . entende... tu não precisa ter uma identificação de ser trans.

Expliquei sobre a ideia da carteira do nome social...

Eu acho que se precisasse de laudo... pegasse a secretaria de saúde e desce laudos. Na verdade eu não sei de muita coisa porque é a falta de vivência que faz com que a gente não saiba... e por trás disso tem essa merda do preconceito do diferente... surgem varias situações... que a gente precise estar sempre atrás....

Eu já julguei muitos casos de transexuais. E a gente tem isso como tranquilos inclusive a troca sem cirurgias e tal mas o que fica mais forte aqui que é a travesti... coisa que a Marceley mesmo não gosta... mas tem que enganar mesmo

Perguntei sobre o PLC sobre a troca do nome que a Martha Suplicy mas ele não conhecia o projeto... a lei da Argentina seria interessante você buscar....

A questão da igreja olha eu sempre digo a igreja tem seus ritos suas leis, excomunga, mas não se mete na vida do estado... não recebe o dízimo dos caras, mas deixa eles em paz.... As questões da igreja que são mais pragmáticos estão aceitando os gays por conta da do dinheiro que eles têm...

## Anexo 7: LISTA DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

- 100 Garotas
- 101 Garotos de Programa
- 101 Reykjavík
- 1969 – O Ano Que Mudou Nossas
- Vidas
- 2 Garotas in Love
- 99.9
- A Carta Anônima
- A Casa Amaldiçoada
- A Casa Assassina
- A Casa do Fim do Mundo
- A Confusão dos Sexos
- A Cor Púrpura
- A Cor Púrpura EUA 1985
- A Cura – EUA1995
- A Dança do Rei
- A Dupla Face da Traição
- A Excêntrica Família de Antônia
- A Gaiola das Loucas (1978)
- A Gaiola das Loucas (1996)
- A Gaiola das Loucas 2
- A Gaiola das Loucas 3 – Elas Se Casam
- A Garota
- A Garota dos Meus Sonhos
- A Ginasta
- A Grande Noitada
- A História de Um Bad Boy
- A Hora da Estrela Brasil1985
- A Hora Mágica
- A Infidelidade ao Alcance de Todos
- A intrusa – Brasil – 1979
- A Lei do Desejo
- A Letra Escarlata – EUA1995
- A Mexicana
- A Navalha na Carne
- A Pantera Nua
- A Partilha
- A Partilha – Brasil – 2001
- A Pele que Habito (La piel que habito) – Espanha – 2011
- A Perda da Inocência
- A Pícaro Confusa
- A Raiz do Coração
- A Razão do Meu Afeto
- A razão do Meu Afeto EUA1998
- A Tia de Carlitos
- A Última Dança de Salomé
- A Última Festa
- A Velocidade de Gary
- A Verdade Sobre Jane
- A Verdadeira História de Marilyn Monroe
- A Viagem
- A Vida é Mesmo Assim
- A Vida Sonhada dos Anjos
- Abrigo
- Abuso
- Acho Que Sou
- Acho que Sou (I Think I Do) – EUA – 1997 (en: I Think I Do)
- Aconteceu Comigo
- Aconteceu em Woodstock
- Aconteceu naquele hotel (Pensionat Oskar) – Suécia/Dinamarca – 1934 –
- Adam & Steve
- Adeus Emma Jo
- Adeus Minha Concubina
- Adoro homens de uniforme (I Love a Man in Uniform) – Canadá – 1993 –
- Águas Turvas
- Aimée & Jaguar
- Airbag – Uma Viagem de Loucura
- Alcova
- Além da Paixão
- Alexandre
- Algo Muito Natural
- Alice e Martin
- Alma de Poeta, Olhos de Sinatra
- Almas Gêmeas
- Almas Gêmeas – Reino Unido, Alemanha, Nova Zelândia 1995
- Amaldiçoados
- Amantes Alucinados
- Amarelo Manga
- Amarelo Manga – Brasil – 2002
- Amigas de Colégio
- Amigas de Colégio (Fucking Åmål) – Suécia – 1998

- Amor a Toda Prova
- Amor Bandido
- Amor da Minha Vida
- Amor e Morte
- Amor e Outras Catástrofes
- Amor e Outros Desastres
- Amor e Restos Humanos
- Amor e restos humanos (Love and Human Remains) – Canadá – 1986
- Amor Entre Iguais
- Amor Entre Mulheres
- Amores
- Amores Possíveis
- Amores Possíveis – Brasil – 2001
- André, a Cara e a Coragem
- Animalada – Uma Relação Pansexual
- Anjos da Noite
- Anjos do Arrabalde
- Anjos do Sol Brasil 2006
- Anjos e Demônios
- Antes do Anoitecer
- Antonia (Antonia) – Holanda, Bélgica, Inglaterra 1995
- Aparências
- Apartamento Zero
- Aqueles Dois
- Aqui Entre Nós
- Ariella
- Armadilha Mortal
- Armadilha Selvagem
- As Amantes
- As amizades particulares – "Les amitiés particulières" França – 1964
- As Branqueletas
- As Brumas de Avalon EUA – 2001
- As Coisas do Querer
- As Coisas do Querer 2
- As Corças
- As Damas de Ferro
- As Duas Faces de Zorro
- As Feras
- As Filhas do Botânico
- As Horas
- As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant
- As Loucuras de Um Sedutor
- As Parceiras
- As Regras da Atração (The Rules of Attraction) – EUA – 2002
- As Testemunhas
- Asas da Liberdade
- Ascensão e Queda de Madame Royale
- Assassinas em Fuga
- Assunto de Meninas
- Assunto de Meninas (Lost and Delirious) – Canadá – 2001
- Até as Vaqueiras Ficam Tristes
- Até o Fim
- Até Que a Vida Nos Separe
- Aventuras de Erik, o Vicking, As (Erik the Vicking) – Inglaterra – 1989
- Backbeat – Os Cinco Rapazes de Liverpool
- Baixo Gávea
- Banquete de casamento (The Wedding Banquet) – EUA/Tailândia – 1993 (v. en.wp)
- Banquete do Amor
- Barrela – Escola de Crimes
- Baseado Numa História Irreal
- Beautiful Boxer
- Beco dos milagres (Callejón de los milagros) – México – 1994
- Before Stonewall
- Beijame, Bofe
- Beijando Jéssica Stein
- Beije a Noiva
- Beijo da mulher aranha, O (Kiss of the Spider Woman) – Brasil/EUA – 1985 (v. en.wp)
- Beijo de Fogo
- Beijo hollywoodiano de Billy, O (Billy's Hollywood Screen Kiss) – EUA – 1998
- Beijo na Boca
- Beijos e Tiros
- Beleza Americana
- Beleza Americana EUA 1999
- Beleza Roubada EUA 1996
- BemVindos
- BenHur – EUA – 1959 (v. en.wp)
- Bent
- Bent – Inglaterra – 1996 (v. en.wp)
- Berlin Affair
- Bete Balanço
- Between Love & Goodbye

- Big Éden
- Billy Elliot
- Billy Elliot – Inglaterra – 2000 (v. en.wp)
- Billy Madison – Um Herdeiro Bobalhão
- Birdcage, a gaiola das loucas (The Birdcage) – EUA – 1996
- Bocage – O Triunfo do Amor
- Bom Trabalho
- Bombadeira Brasil –
- Bonsoir – França – 1994
- Boogie Nights, prazer sem limites (Boogie Nights) – EUA – 1994 (v. en.wp)
- Boogie Woogie
- Borat
- Boulevard
- Boyfriends
- Boys Life – Three Stories of Love, Lust, and Liberation
- Boys Life 2
- Boys Life 3
- Boys Life 4 – Four Play
- Boys Life 5
- Boys Life 6
- Brasa Adormecida
- Brüno (Brüno) – EUA/UK – 2009
- Bully
- Butch Cassidy (Butch Cassidy and the Sundance Kid) – EUA – 1969 (v. en.wp)
- C.R.A.Z.Y. – Loucos de Amor
- Cabaret
- Cabeleireiro das Arábias
- Café com Leite – Brasil – 2007
- Cai na Real (Get Real) – GB – 1998
- Caíndo na Real
- Calígula
- Camisinha Assassina
- Camp
- Canções de amor (Les chansons d'amour) – França – 2007
- Capitão Orgazmo
- Capote
- Capote – EUA – 2005 (v. en.wp)
- Cara, Cadê Meu Carro?
- Caramelo
- Carandiru
- Carandiru – Brasil – 2002
- Caravaggio
- Carne Fresca
- Carne fresca (Beefcake) – França/Inglaterra/Canadá – 1999
- Carrington – Dias de Paixão
- Casamento de Conveniência
- Caso de amor, Um (Sum of Us) – Austrália – 1994 (v. en.wp)
- Casos de Família
- Casos de família (Doing Time on Maple Drive) – EUA – 1991
- Caubóis e Anjos
- Cecil Bem Demente
- Celulóide secreto, O (The Celluloid Closet) – EUA – 1995 (v. en.wp)
- Censura Máxima
- Ceux Qui M'aiment Prendront le Train
- Chá e Simpatia
- Chegando aos Dezesete
- Chill Out
- Chocolate EUA 2000
- Chris & Don – Uma História de Amor
- Chuck & Buck
- Cicatrizes do Passado
- Cidade dos Homens Brasil 2007
- Cidade dos Sonhos
- Ciudad de Ciegos
- Claire of The Moon
- Clube de Garotas
- Clube dos corações partidos (The Broken Hearts Club) – EUA – 2000
- Coffee Date
- Coisa de Mulher Brasil2005
- Coisas de Mulher EUA Canadá2001
- Coisas Que Você Pode Dizer só de Olhar Para Ela
- Colcha de Retalhos EUA 1995
- Colegas de Quarto
- Comendo Pelas Bordas
- Comendo Pelas Bordas 2
- Comendo Pelas Bordas 3
- Coming Out
- Como Água para Chocolate México 1992
- Como Esquecer – Brasil – 2010
- Como Ser Solteiro
- Connie e Carla – As Rainhas da Noite

- Contos Proibidos do Marquês de Sade
- Contos Proibidos do Marquês de Sade  
EUA 2000
- Contracorrente (Contracorriente) – PE –  
2009
- Corações Apaixonados
- Corações Apaixonados EUA1998
- Corações Desertos
- Corisco – O Diabo Loiro
- Coronel Redl
- Correndo Com Tesouras
- Corrida Contra o Destino
- Corrida Para o Sucesso
- Costa Brava
- Crash – Estranhos Prazeres
- Criei um Monstro
- Crise de Consciência
- Cronicamente Inviável
- Crutch
- Cruzeiro das Loucas
- Curvas Perigosas
- Cynara – Poesia em Movimento
- Da Vida das Marionetes
- Dahmer – Mente Assassina
- Dandy Dust
- Dangerous Living: Coming Out in the  
Developing World
- Das Tripas Coração
- De caso com a vida (Jeffrey) – EUA –  
1995 (v. en.wp)
- De repente Califórnia (Shelter) – EUA –  
2007
- De Repente, No Último Verão
- De repente, no último verão (Suddenly,  
Last Summer) – EUA – 1959 (v. en.wp)
- De Volta Aos 18
- Decameron
- Dedos Verdes
- Delicada Atração
- Delicada atração (Beautiful Thing) –  
Inglaterra – 1997 (v. en.wp)
- Delicada Relação
- DeLovely – Vida e Amores de Cole  
Porter
- Desde Que Nós Partimos
- Desejável Mr. Sloane (Entertaining Mr.  
Sloane) – Inglaterra – 1970
- Desejo Proibido
- Desejo Proibido (If The Walls Could  
Talk 2) – EUA – 2000
- Desejos Femininos
- Desmundo Brasil2003
- Deuses e Monstros
- Deuses e monstros (Gods and Monsters)  
– EUA – 1998 (v. en.wp)
- Dia muito especial, Um (Una giornata  
particolare) – Itália – 1977
- Diabólicos Sedutores
- Diálogos Angelicais
- Diário de Um Adolescente
- Diário Roubado
- Dias
- Dias Melhores Virão
- Direito de Amar
- Direito de amar (A Single Man) – EUA  
– 2009
- Divã
- Do Começo Ao Fim – Brasil – 2009
- Doce Novembro
- Doce sabor de um sorriso, O (Only  
Where I Laugh) – EUA – 1981
- Dogma
- Dois Tiras Meio Suspeitos
- Domingo Maldito
- Doña Herlinda y Su Hijo
- DonadeCasa Por Acaso
- Don't Ask Don't Tell
- Dorian Blues
- Dr. Jekyll, O Médico, A Mulher e O  
Monstro
- Dr. T e as Mulheres
- Dr. T e as Mulheres EUA 2000
- Drag Queen – Uma Paixão de Outro  
Mundo
- Drag Queen, uma paixão do outro  
mundo (To Die For) – Inglaterra – 1994 (v.  
en.wp)
- Duro Aprendizado
- Duro de Engolir
- Dúvida
- E a – Vida Continua EUA 1993
- E a Vida Continua...
- E o Michê Vestia Branco
- E Sua Mãe Também



- Eating Out – EUA – 2004
- Eating Out 2: Sloopy Seconds – EUA – 2006
- Eating Out 3: All You Can Eat – EUA – 2008
- Eclipse de Uma Paixão
- Ed Wood
- Eduardo II
- Eduardo II (Edward II) – Inglaterra – 1991 –
- eduzidas Para a Morte
- Einstein do sexo, O (Der Einstein des Sex) – Alemanha – 1999 –
- El Diputado
- Ela é o Cara
- Ela No Meio de Nós
- Elas
- Elas (Elles) – França/Portugal – 1997
- Ele é Minha Garota
- Eleição
- Elena Undone – 2010
- Em Alto Astral
- Em Nome de Deus Inglaterra 2002
- Endiabrado
- Engraçadinha
- Entre Amigas
- Entre Amigos
- Entre as Pernas
- Entre Elas...
- Entrelaçadas
- Entrevista com o Vampiro – EUA – 1994
- Ernesto
- Escola da Sedução
- EscondeEsconde
- Espelho de Carne
- Esperando o Messias
- Essa Estranha Atração
- Estranha Amizade
- Estranho desejo (Belle au bear) – Itália – 1994
- Estranho Triângulo
- Ethan Mao
- Eu Amo Andrea
- Eu os Declaro Marido e ... Larry EUA 2007
- Eu Sei Que Vou Te Amar
- Eu Te Amo
- Eu Te Amo, Cara
- Eu, Meu Amigo e o Armário
- Excêntrica Família de Antonia, A (Antonia) – Holanda, Bélgica, Inglaterra – 1995
- Expresso da meianoite, O (Midnight Express) – EUA – 1978 –
- Fã, obsessão cega (The Fan) – EUA – 1981
- Fag Hag
- Falsa Moral
- Falsa moral (Hollow Reed) – Inglaterra – 1996
- Fama
- Fama (Fame) – EUA – 1980
- Fanci's Persuasion
- Fanny e Elvis
- Fantasma, O – Portugal – 2000
- FAQs
- FAQs (FAQs) – EUA – 2005
- Farinelli Belgica França Itália 1994
- Faz de Conta que Não Estou Aqui
- Fazendo Amor
- Febre de Viver
- Febre dos Vinte Anos
- Felicidade
- Félix de Bem Com a Vida
- Felizes Juntos
- Femme Fatale
- Feriados em Família
- Festim Diabólico
- Fiction and Other Truths: A Film About Jane Rule
- Filadélfia
- Filadélfia (Philadelphia) – EUA – 1993
- Filhote
- Finais Felizes
- Flerte
- Fluffer – Nos Bastidores do Desejo
- Fogo e Desejo
- Fogo e desejo (Fire) – Canadá/Índia – 1996 (v. en.wp)
- Fome de Viver
- For All – Brasil – 1997
- For All – O Trampolim da Vitória

- Forbidden Love – The Unashamed Stories of Lesbian Lives
- Forças do Destino
- Fotos Proibidas
- Franchesca Page
- Frankie & Johnny
- Fresh Kill
- Freud – Além da Alma
- Frida
- Frida EUA 2002
- Frisk
- FRISK – EUA – 1995
- Fúria da tempestade (The Tempest) – EUA – 1998
  - Fúria Urbana
  - Furyo – Em Nome da Honra
  - Gaiola das loucas, A (La cage aux folles) – França/Itália – 1978 (v. en.wp)
  - Galera do Mal
  - Gam Chi Yuk Sip
  - Garçon Stupide
  - Garota Interrompida
  - Garota Interrompida EUA 1999
  - Garota Veneno
  - Garotas Selvagens
  - Garotos de Programa
  - Garotos de programa (My Own Private Idaho) – EUA – 1991 (v. en.wp)
  - Garotos Incríveis
  - Gata em Teto de Zinco Quente
  - Gata em teto de zinco quente (Cat on a Hot Tin Roof) – EUA – 1958 (v. en.wp)
  - Generonautas
  - Genet em Shatila
  - Gênio da tesoura, O (The Big Tease) – EUA/Inglaterra – 1999
    - George & Frederic
    - Geração Maldita
    - Gia – Fama e Destruição
    - Gia – Fama e destruição – (Gia) – EUA – 1997 (v. en.wp)
    - Gigolô Americano
    - Girlfriends
    - Giselle
    - Glen ou Glenda (Glen or Glenda) – EUA – 1953
    - Gone, But Not Forgotten
  - Gosto de Cereja
  - Gosto de cereja (Ta'McGuilass) – Irã(o) – 1996
    - Gotas D'Água em Pedras Escaldantes
    - Grande desafio, O (Bolei Chuan) – Hong Kong – 1999
      - Grande École
      - Green Plaid Shirt
      - Group Therapy
      - Guerra do chocolate, A (The Chocolate War) – EUA – 1988
        - Hair Half a Person
        - Hallelujah! Ron Athey: A Story of Deliverance
          - Happy, Texas
          - Hate Crime
          - Hedwig – Rock, Amor e Traição
          - Hellbent
          - Henry & June
          - High Art
          - Histórias Proibidas
          - Histórias Que Nossas Babás Não Contavam
            - Holding Trevor (2007)
            - Homem mais que desejado, O (Der bewegte Mann) – Alemanha – 1994
            - Homem no banho (Homme au bain) – França – 2010
            - Horror Na Praia Psicodélica
            - Houve uma vez no Verão EUA 1971
            - Howl
            - I.K.U.
            - I'm The One That I Want
            - Idas e Vindas do Amor
            - Il Était Une Fois Dans L'Est
            - Ilha do Medo
            - Imagine Eu e Você
            - Imagine Me & You – Reino Unido – Estados Unidos – 2005
            - Implacáveis Krays, Os (Krays) – Inglaterra – 1990
              - Importante é amar, O (L'important c'est d'aimer) – Alemanha/França/Itália – 1974
              - Infâmia
              - Innocent
              - Inocência Perdida
              - Instinto Selvagem

- Instinto selvagem (Basic Instinct) – EUA – 1992 (v. en.wp)
- Irma Vap – O Retorno
- Irmãos
- It's in the Water
- Já Não Se Faz Amor Como Antigamente
- Jared Price Descobre o Sexo
- Jeffrey – De Caso Com a Vida
- Jeffrey (Jeffrey) – EUA – 1995
- Jenipapo
- Ji Mo Fang Xin Ju Le Bu
- Jin Nian Xia Tian
- Joana D' Arc EUA 1999
- Jogo Perigoso
- Jogos de Ilusão
- Johnny Guitar – EUA – 1954
- Johns
- Jovens e Sonhadores
- Jubilee
- Júnior
- Juntos a Sós
- Juventude transviada (Rebel Without a Cause) – EUA – 1955 (v. en.wp)
- Kaboom
- Kátia Brasil 2012
- Kids EUA 1995
- Kika
- Kinsey – Vamos Falar de Sexo
- Kiss The Bride
- Krámpack
- Kyss Mig – Suécia, 2011
- L.I.E.
- La Meilleure Façon de Marcher
- Labirinto de Paixões
- Lado Selvagem
- Lantana
- Lanternas VermelhasChinaTaiwan1991
- Latter Days
- Latter Days – EUA – 2003
- Lavagem a Seco
- Lawrence da Arábia (Lawrence of Arabia) – Inglaterra – 1962 (v. en.wp)
- Le Hasard Fait Bien les Choses
- Leather Jacket Love Story
- Lei do desejo, A (La ley del deseo) – Espanha – 1987
- Les Amitiés Particulières
- Les Terres Froides
- Licensed to Kill
- Ligadas Pelo Desejo
- Ligadas pelo desejo (Bound) – EUA – 1996
- Lilies
- Limite
- Liquid Sky
- Little Ashes
- Little Richard
- Livrando a Cara
- Lola + Bilidikid
- Longe do Paraíso
- Longe do paraíso (Far from Heaven) – EUA/França – 2002 (v. en.wp)
- Los Novios Búlgaros
- Louca corrida do ouro (Lust in the Dust) – EUA – 1985
- Loucademia de Polícia 4 – O Cidadão se Defende
- Loucas Noites de Batom
- Love is The Devil
- Lua de Fel
- Ludwig, a Paixão de um Rei
- Luzia Homem
- M. Butterfly
- Má educação (La mala educación) – Espanha – 2004
- Ma Vraie Vie à Rouen
- Madagascar
- Madame Satã
- Madame Satã – Brasil/França – 2002
- Maggie e Annie
- Mais Forte Que a Morte
- Mais Um Filme Gay
- Mala Noche
- Mambo Italiano
- Man of The Year
- Mandrágora
- Manequim
- Mango Suffle – Índia – 2002 (v. The Dangers of Brotherly Love (traduzido, mais ou menos, como os perigos do amor entre amigos do peito)
- Manjar de Amor

- Maria Antonieta – EUA Japão França 2006
- Marido ideal, O (An Ideal Husband) – Inglaterra – 1999
- Marlene
- Mary Jane is Not a Virgin Anymore
- Masahista
- Matador
- Matadores de Vampiras Lésbicas
- Matou a Família e Foi ao Cinema (1967)
- Matou a Família e Foi ao Cinema (1991)
- Maurice
- Maurice – Inglaterra – 1987
- Maus hábitos (Entre tinieblas) – Espanha – 1984
- MeiaNoite no Jardim do Bem e do Mal
- Melhor é Impossível
- Melhor é impossível (As Good As It Gets) – EUA – 1997 (v. en.wp)
- Melhores Amigos
- Memórias de Um Espião
- Memórias de um espião (Another Country) – Inglaterra – 1984 (v. en.wp)
- Memórias do Cárcere
- Meninos Não Choram
- Meninos não choram (Boys Don't Cry) – EUA – 1999 (v. en.wp)
- Meu Amor de Verão
- Meu Irmão, Minha Vida
- Meu Marido de Batom
- Meu Passado Me Condena
- Meu Querido Companheiro
- Meu querido companheiro (Longtime Companion) – EUA – 1990
- Milk – A Voz da Igualdade
- Milk – EUA – [[2008]
- Minha Adorável Lavanderia
- Minha Vida em CorDeRosa
- Minha vida em corderosa (Ma vie en rose) – Bélgica/França – 1997 (v. fr.wp)
- Mistérios da Carne
- Mistérios e Paixões
- Mistérios e paixões (Naked Lunch) – Canadá/Inglaterra/Japão – 1991 (v. en.wp)
- Momentos de Paixão
- Momentos de Prazer e Agonia
- Mona Lisa
- Monster – Desejo Assassino (Monster) – EUA – 2003 (v. en.wp)
- Morango e Chocolate
- Morango e chocolate (Fresa y chocolate) – Cuba/Espanha/México – 1993
- Morte em Veneza
- Morte em VenezaItália França 1971
- Mulher até o FimEUA 1990
- Mulher Objeto
- Mulher Tigresa Procura...
- Mulheres Apaixonadas
- My Hustler
- Na Cama Com Madonna
- Na cama com Madonna (In Bed with Madonna) – EUA – 1991
- Na Corda Bamba
- Nada a Perder
- Nada é Para Sempre EUA1992
- Nadja
- Nagisa no Shindobaddo
- Não Conte a Ninguém
- Não esqueça que você vai morrer (N'oubliez pas que tu vas mourir) – França – 1995
- Nas Garras Do Crime
- Navalha na Carne
- Negócio Arriscado
- Never Met Picasso
- Nijinsky – Uma História Real
- Nijinsky – Uma História Verdadeira (Nijinsky (filme)) – Inglaterra – 1980
- Nincsen Nekem Vágyam Semmi
- Ninguém é Perfeito
- Ninguém é perfeito (Flawless) – EUA – 1999
- Nitrate Kisses
- Noir et Blanc
- Noites Felinas
- Noites felinas (Les Nuits Fauves) – França – 1992
- Noites Sem Dormir
- Noites violentas no Brooklin (Last Exit to Brooklin) – Alemanha/EUA/Inglaterra – 1989
- Norman... Is That You?
- Nosso Sangue Não Perdoa
- Nossos Filhos

- Nove Gays em Perigo
- Nunca Fui Santa
- Nunca fui santa (But I'm a cheerleader)
- EUA – 1999
- O Acampamento do Macho
- O Amor é Cego
- O Amor Não Ordinário
- O Amor Não Tem Sexo
- O Baixio das Bestas Brasil 2007
- O Banquete de Casamento
- O Beco dos Milagres
- O Beijo da Borboleta
- O Beijo da Mulher Aranha
- O Beijo Hollywoodiano de Billy
- O Beijo no Asfalto
- O Caminho de Arthur
- O Casamento
- O Casamento de Muriel
- O casamento do Meu – melhor Amigo
- EUA – 1997
- O Casamento do Meu Melhor Amigo
- O Celulóide Secreto
- O Chá de Panela de Abril
- O Closet
- O Clube de Leitura de Jane Austen
- O Clube dos Corações Partidos
- O Conformista
- O Corpo
- O Cortiço
- O Declínio de uma Espécie
- O Desaparecimento de Garcia Lorca
- O Desejável Mr. Sloane
- O Despertar de um Homem
- O Diário Secreto da Senhorita Anne
- Lister – Reino Unido, 2010.
- O Einstein do Sexo
- O Engano
- O Escorpião Escarlate
- O Expresso da MeiaNoite
- O Fantasma
- O Fiel Camareiro
- O Filho da Noiva Argentina 2001
- O Garoto do Pôster
- O Gato Sumiu
- O Golpista do Ano
- O Gostosão
- O Homem do PauBrasil
- O Homem Ferido
- O Homem Mais Que Desejado
- O Homem Que Não Estava Lá
- O Jardim
- O Jogo da verdade EUA 1995
- O Libertino
- O Livro de Cabeceira
- O Melhor do Show
- O Menino e o Vento
- O Nome da Rosa
- O Olho Mágico do Amor
- O Oposto do Sexo
- O Outro Lado Da Cidade Proibida
- O Outro Lado de Hollywood
- O Paciente Inglês
- O Padre
- Ó Pai Ó
- O Paizão
- O Par Perfeito
- O Peste
- O Preço da Traição
- O Príncipe das Marés
- O Princípio do Prazer
- O Quarto Homem
- O Que Fiz Eu Para Merecer Isso?
- O Que Tem Para o Jantar?
- O Quinto Elemento
- O Retrato de Dorian Gray
- O Retrato de Dorian Gray
- O Rio
- O Segredo de Brokeback Mountain
- O Segredo de Vera Drake Inglaterra
- 2004
- O Sexo das Estrelas
- O silêncio dos inocentes (The Silence of the Lambs) – EUA – 1991
- O Solteirão
- O Talentoso Ripley
- O Talentoso Ripley (The Talented Mr. Ripley) – EUA – 1999 (v. en.wp)
- O Tempo Que Resta
- O Tempo Redescoberto
- O Triângulo Rosa
- O Trio
- O Último Homem do Planeta Terra
- O Verão de Clara
- Oito Mulheres

- Okoge
- Olga Brasil 2004
- Omelette
- Onda Nova
- Onze Fora do Armário
- Ópera do Malandro
- Oposto do sexo, O (The Opposite of Sex) – Estados Unidos, 1998
- Orações para Bobby (Prayers for Bobby) – Estados Unidos, 2009
- Orfeu – Brasil, 1999
- Orlando, A Mulher Imortal
- Os Bostonianos ou (Mulheres de Boston)
- Os Delicados
- Os Filhos da Esperança EUA Inglaterra 2006
- Os Idiotas
- Os Ladrões
- Os Loucos Casais da Califórnia
- Os Machões
- Os Rapazes da Banda
- Os Sete Gatinhos
- Ou Tudo ou Nada
- Ou tudo ou nada (Full Monty) – Reino Unido, 1996
- Outra Forma de Amar
- Outra História de Amor
- Outro lado da Cidade Proibida, O (Dong Gong Xi Gong) – China, 1996
- Ouvi as Sereias Cantando
- Paciente Zero
- Pacote Família
- Padre, O (Priest) – Inglaterra – 1994 (v. en.wp)
- Pagando Bem, Que Mal Tem?
- Pai e Filho
- Paixão Selvagem
- Par perfeito (Go Fish) – EUA 1994 (v. en.wp)
- Para o Resto de Nossas Vidas
- Para Wong Foo, Obrigada Por Tudo! Julie Newmar
- Para Wong Foo: Obrigado por tudo! Julie Newmar (To Wong Foo: Thanks for Everything! Julie Newmar) – EUA – 1994 (v. en.wp)
- Parágrafo 175
- Parceiros da Noite
- Parente é Serpente
- Party Girl – Irreverentemente Louca
- Pasolini – Um Crime Italiano
- Pasolini – Um delito italiano (Pasolini – Un delito italiano) – Itália – 1996 (v. Patrick, 1.5 – Suécia – 2008 ( [http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrik,\\_Age\\_1.5](http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrik,_Age_1.5) )
- Pecado da Carne
- Pecado da Carne (תוֹחוּקָפּ מֵיִינִיעַ) – Israel/França/Alemanha – 2009
- Pecado de todos nós, O (Reflections in a Golden Eye) – EUA – 1967
- Pedreira
- Pegue o Seu
- Peixe chamado Wanda, Um (A Fish Called Wanda) – Inglaterra – 1988
- Perdido no Paraíso – Vietnã, 2011
- Perdidos em Nova York
- Perdidos na Noite
- Perigosa Atração
- Pigalle
- Pigalle – França – 1994
- Pink Narcissus
- Pixote: A Lei do Mais Fraco
- Plata Quemada
- Plata Quemada – Argentina/Espanha/França/Uruguai – 2000
- Play Dead
- Poltergay
- Por Causa de Um Rapaz
- Por Conta do Destino
- Por Trás Daquele Beijo
- Por Uma Noite Apenas
- Por uma Noite Apenas EUA1997
- Poseidon
- Pra Frente, Brasil
- Preciosa – Uma História de Esperança
- Prêmio de Melhor Atriz
- Presque Rien
- Pride Divide
- Princesa
- Priscilla, a Rainha do Deserto
- Priscilla, a rainha do deserto (The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert – Austrália – 1994 (v. en.wp)

- Procurase Amy
- Procurase Amy EUA 1997
- Promessas de um Cara de Pau
- Protegido Pela Lei
- Proteus
- Próxima Parada, Wonderland
- Punks
- Quando a Noite Cai
- Quando a Vaca Vai Para o Brejo
- Quando as Mulheres Querem Provas
- Quando Chega o Amor
- Quando Duas Mulheres Pecam
- Quando elas... são eles (Sorority Boys) – EUA – 2002
- Quando os Boys Viajam
- Quando um Homem Ama uma Mulher EUA1994
- Quanto Dura o Amor?
- Quanto Dura o Amor? – Brasil – 2009
- Quanto Mais Quente Melhor
- Quanto mais quente melhor (Some Like It Hot) – EUA – 1959
- Quanto Vale ou é Por Quilo? Brasil 2005
- Quase Uma Mulher
- Quatro casamentos e um funeral (Four Weddings and a Funeral) – Inglaterra – 1994 (v. en.wp)
- Que Fiz Eu para Merecer Isto? – Espanha 1984
- Quem Matou Pixote?
- Querelle
- Querelle – Alemanha/França – 1982 (v. en.wp)
- Quero Ser John Malkovich
- Questão de Gênero Brasil 2008
- Questão de Sensibilidade
- Quilombo
- Quilômetro 0
- Rage
- Rainha Cristina (Queen Christina) – EUA – 1933
- Rainha Diaba
- Rainhas
- Rapazes da Banda (The boys in the band) – (EUA) – (1970)
- Rebecca, a Mulher Inesquecível (Rebecca) – EUA – 1940 (v. en.wp)
- Rebeldes
- Red Dirt
- Regras da Atração
- Relação no Reformatório
- Relax... It's Just Sex
- Relíquia macabra (The Maltese Falcon) – EUA – 1941 (v. en.wp)
- Rent – Os Boêmios
- Rent – Os boêmios (Rent) – EUA – 2005
- Ricardo III (Richard III) – EUA/Inglaterra – 1995
- Rio Babilônia
- Rio Vermelho (Red River) – EUA – 1948
- Ritos de Passagem
- Rock Hudson, Sua Vida Seu Segredo
- Romance
- Rompendo barreiras (Breaking the Surface – The Greg Louganis Story) – EUA – 1996
- Sábado
- Sabor da Paixão
- Sade
- Saindo do Armário
- Saindo do armário (Get Real) – Inglaterra – 1999 (v. en.wp)
- SaintCyr
- Salo – 120 Dias de Sodoma
- Sappho – Amor Sem Limites
- Satyricon de Fellini
- Savage Grace (Pecados Inocentes)
- Save Me
- Say Uncle
- Se Eu Fosse Você
- Se Eu Fosse Você 2
- Se eu Fosse Você I e II Brasil 2006 e 2008
- Se Nada Mais Der Certo
- Segredo de Brokeback Mountain, O (Brokeback Mountain) – EUA – 2005 (v. en.wp)
- Segredos de Cabaré
- Segredos de Uma Novela
- Segredos e Confissões

- Segunda Pele
- Segundas Intenções (1983)
- Segundas Intenções (1999)
- Seis Dias, Seis Noites
- Sem controle (Spetters) – Holanda – 1980 (v. en.wp)
- Sem Perdão
- Sensualidade Virtual
- Será que Ele É (In & Out) – EUA – 1997
- Será Que Ele É ?
- Servindo em Silêncio
- Servindo em silêncio (Serving in Silence) – EUA – 1994
- Seus Amigos, Seus Vizinhos
- Seven Girlfriends
- Sex and the City (filme) – EUA – 2008
- Sexo, Amor e Traição
- Shakespeare Apaixonado
- Shinjuku Boys
- Shortbus – EUA – 2006
- Showgirls
- Silkwood – Retrato de uma Coragem (Silkwood) – EUA – 1983 (v. en.wp)
- Simon
- Simone Brasil 2013
- Simples Como Amar
- Simplesmente Amor
- Sin Destino
- Sitcom – Nossa Linda Família
- Sitcom – nossa linda família (Sitcom) – França – 1998 (v. en.wp)
- Sleepers – A Vingança Adormecida
- Só Uma Vez
- Sobrou para você (The Next Best Thing) – EUA – 2000
- Sobrou Pra Você
- Sociedade dos Poetas Mortos
- Solteirão, O – (All the Rage) – EUA – 1997
- Somente Elas
- Somente elas (Boys on the Side) – EUA – 1995
- Sommersturm
- Somos Todos Católicos
- Sordid Lives
- Sou Positivo
- Spartacus – EUA – 1960
- Spin The Bottle
- Splendor – Um Amor em Duas Vidas
- Stonewall
- Stranger Inside
- Studio 54
- Studio 54 – EUA – 1998
- Submundo de Ambições
- Switch – Trocaram Meu Sexo
- Swoon – Colapso do Desejo
- Tabu
- Tarik el Hob – Gay e Muçulmano
- Tarzan e sua Companheira (Tarzan and His Mate) – EUA – 1934
- Taxi Zum Klo
- Temendo a Deus
- Tempestade de Verão
- Tempestade de verão (Sommersturm) – Alemanha – 2004
- Teorema
- Testoterone
- That Man: Peter Berlin
- The Curiosity of Chance
- The Event
- The Fox
- The Fruit Machine
- The Gay Deceivers
- The Hanging Garden
- The Hours and Times
- The Kids Are All Right
- The Laramie Project
- The Midwife's Tale
- The Perfect Son
- The Runaways (filme) – EUA – 2010
- The Secret Diaries of Miss Anne Lister
- Thelma e Louise (Thelma & Louise) – EUA – 1991
- Therese and Isabelle
- Third Man Out
- Time Code
- Tiradentes
- Tiresia
- Toda Nudez Será Castigada
- Todas as Cores do Amor
- Todas as cores do amor (Goldfish Memory) – Irlanda – 2003
- Todo Mundo em Pânico 2



- Todos os Homens da Rainha
- Todos os Homens São Mentirosos
- Tom Boy
- Tomates Verdes e Fritos Espanha 2006
- Tomates Verdes Fritos
- Tootsie
- Tootsie EUA1982
- Toque de Veludo
- Torrente, um Policial Atrapalhado
- Traídos Pelo Desejo
- Transamérica
- Transamerica – EUA – 2005 (v. en.wp)
- Tratamento de Choque
- Três Formas de Amar
- Três formas de amar (Threesome) –  
EUA – 1994
- Três Vidas e Um Destino
- Triângulo da Sedução
- Triângulo Feminino
- Triângulo Obsceno
- Triple Standard – EUA – 2010
- Tristeza
- Troquei Meu Sexo
- Truques da Paquera
- Tudo Em Família
- Tudo o que você sempre quis saber  
sobre sexo e tinha medo de perguntar  
(Everything You Always Wanted to Know  
About Sex – But Were Afraid to Ask) –  
EUA – 1972
- Tudo Pode Dar Certo
- Tudo Sobre Meu Pai
- Tudo Sobre Minha Mãe
- Tudo Sobre minha Mãe Espanha1999
- Tudo Sobre o Cara
- Twice a Woman
- Two Gentlemen Sharing
- Um Amor Diferente
- Um Amor Inesperado
- Um Amor na Trincheira
- Um Amor Quase Perfeito
- Um Brilhante Disfarce
- Um Caso a Três
- Um Caso de Amor
- Um Certo Verão
- Um Crime Político
- Um Dia de Cão
- Um Dia em Nova York
- Um Dia Muito Especial
- Um Espírito Baixou em Mim
- Um Hotel Muito Louco
- Um Inglês em Nova York
- Um Jurado Muito Louco
- Um Lugar Sem Limites
- Um Rapaz Chamado Sue
- Um Sargento Contra a Força Aérea
- Um Sonho de Liberdade
- Um Toque de Rosa
- Uma Babá Quase Perfeita
- Uma Balada Para Jô
- Uma Cama Para Três
- Uma Cama para Três França 1995
- Uma Família Bem Diferente
- Uma Garota Diferente
- Uma Questão de Amor
- Uma Vida Desregrada
- Un Amour a Taire
- Under Heat
- Under Heat – EUA
- Universidade do Prazer
- Urbania
- V de Vingança Alemanha 2006
- Vai Encarar?
- Valsa Noturna
- Vamos Nessa
- Veludo Azul
- Velvet Goldmine
- Veneno
- Vera
- Vera — Brasil — 1987
- Vera – Uma Vontade Masculina Num  
Corpo de Mulher
- Veselchaki
- Vicky Cristina Barcelona
- Vida Nua
- Viola di Mare
- Violência e Paixão
- Visita Inesperada
- Vítor ou Vitória (1982)
- Vítor ou Vitória (1995)
- Vítor ou Vitória? (Victor/Victoria) –  
EUA – 1982
- Viva Sapato
- Viva Voz

- Vive L'Amour
- Vivendo e Aprendendo
- Volver – Espanha 2006
- Voor Een Verloren Soldaat
- Vovó... Zona
- Vovó... Zona 2
- Walk On Water
- Walking On Water
- Waterboys
- Wigstock: The Movie
- Wilde – Inglaterra – 1997 (v. en.wp)
- Wilde – O Primeiro Homem Moderno
- Xuxu
- Ya Lyublyu Tebya
- Yentl
- Zohan – O Agente Bom de Corte
- Zus & Zo
- Zwei Frauen, ein Mann und ein Baby

## Anexo 8: SUGESTÃO DE LIVROS COM A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE

*O 3º terceiro travesseiro* (Nelson Luiz de Carvalho)

*O preço de ser diferente* (Zíbia Gasparetto/ Mônica de Castro / Espírito Leonel)

*Meu filho é homossexual e agora?* (Lady Len)

*Bóris, meu amigo gay* (Hugo Porto).

*Banquete dos excluídos* (Márcio Retamero)

*Não existe amor errado* (Aharom Avelino)

*Crônicas de um pastor gay* (Márcio Retamero)

*Onde estava o arco-íris?* (Juracy Medonça)

*Muito além do arco-íris* (Klecius Borges)

*Diário de uma garota atrevida* (Karina Dias)

*Toda maneira de amor vale a pena* (Bety Orsini)

*Um estranho dentro de mim* (Lu Mounier)

*@mor.com.br* (Lu Mounier)